

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UMESP  
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**LUCAS BRAGA MEDRADO DA SILVA**

**A ADESÃO PENTECOSTAL DE BANDIDOS E EX-BANDIDOS – UM ESTUDO  
SOBRE RELIGIÃO E PERIFERIA NA FAVELA DO JARDIM SÃO JORGE EM  
CIDADE ADEMAR - SP**

**SÃO BERNARDO DO CAMPO**

**2015**

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UMESP  
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**A ADESÃO PENTECOSTAL DE BANDIDOS E EX-BANDIDOS – UM ESTUDO  
SOBRE RELIGIÃO E PERIFERIA NA FAVELA DO JARDIM SÃO JORGE EM  
CIDADE ADEMAR - SP**

**Por**

**Lucas Braga Medrado da Silva**

**Orientador: Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, para obtenção do grau de Mestre.

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2015

## FICHA CATALOGRÁFICA

- Si138** Silva, Lucas Braga Medrado da  
A adesão pentecostal de bandidos e ex-bandidos: um estudo sobre religião e periferia na favela do Jardim São Jorge em Cidade Ademar - SP / Lucas Braga Medrado da Silva -- São Bernardo do Campo, 2015.  
115p.
- Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo
- Bibliografia
- Orientação de: Dario Paulo Barrera Rivera
1. Igreja Assembleia de Deus - Periferia 2. Favela Jardim São Jorge – Cidade Ademar (SP) - Religião 3. Pentecostalismo I. Título
- CDD 289.9**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

A dissertação de mestrado sob o título: ADESÃO PENTECOSTAL DE BANDIDOS E EX-BANDIDOS – Um estudo sobre religião e periferia na favela do Jardim São Jorge em Cidade Ademar – SP, elaborada por LUCAS BRAGA MEDRADO DA SILVA, foi apresentada e aprovada em 30 de setembro de 2015, perante a banca examinadora composta por Dr. Dario Paulo Barrera Rivera (Presidente/UMESP), Dr. Nicanor Lopes (Titular/UMESP), Dra. Ana Keila Mosca Pinezi (Titular/UFABC).

---

**Prof. Dr. DARIO PAULO BARRERA RIVERA**  
**Orientador/a e Presidente da Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. HELMUT RENDERS**  
**Coordenador/a do Programa de Pós-Graduação**

Programa: MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Área de Concentração: RELIGIÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Linha de Pesquisa: Religião e Periferia Urbana na América Latina

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais Edvaldo (in memorian) e Vasthy,*

Que me instruíram nos caminhos da vida.

*A minha esposa Simone,*

Que tem sido presente em todas as áreas da minha vida.

*A minha filha Emilly,*

Pedaço de mim.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela sabedoria, força e amparo.

A minha esposa e filha, e demais familiares pelas horas de compreensão por tolerarem minha ausência.

Ao professor Paulo Barrera, pelas dicas, conselhos e orientações.

A Banca Examinadora pelas indicações sem as quais não seria possível organizar a pesquisa.

Aos meus amigos: por refletirem em mim a resistência necessária para a conclusão do mestrado.

Aos irmãos que oraram por mim e acreditaram na finalização de mais uma etapa.

A minha mãe, guerreira e incentivadora em todas as horas.

A CAPES pelo apoio financeiro, sem o auxílio jamais seria possível escrever tudo isso.

A vida por ser bondosa conosco!

## BRASIL COM P

Pesquisa publicada prova  
Preferencialmente preto  
Pobre prostituta pra polícia prender  
Pare pense por quê?  
Prossigo  
Pelos periferias praticam Perversidades  
parceiros  
Pm's  
Pelos palanques políticos prometem  
Prometem  
Pura palhaçada  
Proveito próprio  
Praias programas piscinas palmas  
Pra periferia  
Pânico pólvora pa pa pa  
Primeira página  
Preço pago  
Pescoço peitos pulmões perfurados  
Parece pouco  
Pedro Paulo  
Profissão pedreiro  
Passatempo predileto, pandeiro  
Pandeiro parceiro  
Preso portando pó passou pelos Piores  
pesadelos  
Presídio porões problemas pessoais  
Psicológicos perdeu parceiros Passado  
presente  
Pais parentes principais pertences  
Pc  
Político privilegiado preso  
Parecia piada  
Pagou propina pro plantão policial  
Passou pelo porta principal  
Posso parecer psicopata  
Pivô pra perseguição  
Prevejo populares portando pistolas  
Pronunciando palavrões  
Promotores públicos pedindo prisões  
Pecado!  
Pena prisão perpétua  
Palavras pronunciadas  
Pelo poeta Periferia  
Pelo presente pronunciamento Pedimos  
punição para peixes Pequenos poderosos

Pesos pesados  
Pedimos principalmente paixão pela  
Pátria prostituída pelos portugueses  
Prevenimos!  
Posição parcial poderá provocar  
Protesto paralisações piquetes  
Pressão popular  
Preocupados?  
Promovemos passeatas pacificas  
Palestra panfletamos  
Passamos perseguições  
Perigos por praças palcos  
Protestávamos por que privatizaram  
Portos pedágios  
Proibido!  
Policiais petulantes pressionavam  
Pancadas pauladas pontapés  
Pangarés pisoteando postulavam Prêmios  
Pura pilantragem!  
Padres pastores promoveram Procissões  
pedindo piedade Paciência Pra população  
Parábolas profecias prometiam Pétalas  
paraíso  
Predominou o predador  
Paramos pensamos profundamente  
Por que pobre pesa plástico papel Papelão  
pelo pingado pela passagem Pelo pão?  
Por que proliferam pragas pelos Pais?  
Por que presidente por quê?  
Predominou o predador  
Por quê?

**GOG<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Genival Oliveira Gonçalves, rapper brasileiro.

BRAGA MEDRADO DA SILVA, Lucas. *A adesão pentecostal de bandidos e ex-bandidos – Um estudo sobre religião e periferia na favela do Jardim São Jorge em Cidade Ademar – SP*. 2015. 115p. Dissertação: (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP, 2015

## RESUMO

A dissertação preocupou-se em analisar as relações de bandidos e ex-bandidos com o pentecostalismo na Assembleia de Deus Fortificada em Cristo (ADFEC), situada na favela Jardim São Jorge, periferia da Cidade Ademar, região Sul da capital de São Paulo. Interessou-nos compreender as interações desses agentes e de qual maneira a igreja desempenhou seu trabalho em um espaço pentecostal. A pesquisa, teve como objetivo fundamental, examinar as aproximações da criminalidade e o pentecostalismo indicando suas rupturas e características peculiares. O trabalho de campo se dedicou em coletar dados que comprovassem atuação da ADFEC juntos aos agentes do crime, e em que medida a filiação religiosa dos agentes ganhava importância. Por fim, buscamos refletir sobre a adesão de bandidos e ex-bandidos ao pentecostalismo e a influência dessa adesão no cotidiano da comunidade.

**Palavras-chaves:** Assembleia de Deus; Favela; Jardim São Jorge; Pentecostalismo; Periferia Urbana.

MEDRADO BRAGA DA SILVA, Lucas. *The Pentecostal membership of thugs and former bandits - A study about religion and periphery in the slums of São Jorge Garden in Cidade Ademar - SP*. 2015. 115p. Dissertation: (Master of Religious Science) - Faculty of Humanities and Law at the Methodist University of São Paulo, São Bernardo do Campo - SP, 2015

## ABSTRACT

The dissertation was concerned to analyze the relationship of thugs and former bandits with Pentecostalism in Fortified Assembly of God in Christ (ADFEC), located at São Jorge Garden slum outskirts of Ademar City, southern region of the capital of São Paulo. Interested in understanding the interactions of these agents and which way the church played its work in a Pentecostal space. The research had as main objective, to examine the approaches of crime and Pentecostalism indicating their breaks and special characteristics. Fieldwork was dedicated in collecting data proving performance of ADFEC together to crime agents, and to what extent the religious affiliation of the agents gained importance. Finally, we reflect on the accession of thugs and former bandits to Pentecostalism and the influence of membership in the community's daily life.

**Words- keys:** Assembly of God; Slum; Jardim São Jorge; Pentecostalism; Urban Periphery

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1</b> - Favela Jardim São Jorge Via Satélite (Google).....	24
<b>Foto 2</b> - Centro da favela Jardim São Jorge.....	25
<b>Foto 3</b> - Assembleia de Deus Fortificada em Cristo (ADFEC).....	28
<b>Foto 4</b> - Favela Jardim São Jorge.....	60
<b>Foto 5</b> - Favela Jardim São Jorge.....	60
<b>Foto 6</b> - Culto na ADFEC.....	63
<b>Foto 7</b> - Igreja Milagres de Jesus.....	65
<b>Foto 8</b> - Assembleia de Deus Missões Resgatando Vidas.....	65
<b>Foto 9</b> - Igreja Pentecostal de Cristo Ministério Brasil.....	65
<b>Foto 10</b> - Assembleia de Deus Mistério de Madureira Campo do Jardim Miriam.....	65
<b>Foto 11</b> - Instrumentos musicais.....	69
<b>Foto 12</b> - Caixas de som.....	69
<b>Foto 13</b> - Culto na Assembleia de Deus Fortificada em Cristo.....	70
<b>Foto 14</b> - Culto na Assembleia de Deus Fortificada em Cristo.....	81
<b>Foto 15</b> - Flyer de Divulgação da programação ADFEC.....	89
<b>Foto 16</b> - Assembleia de Deus Palavra e Vida.....	95

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ADFEC** – Assembleia de Deus Fortificada em Cristo

**AD** – Assembleia de Deus

**AD's** – Assembleias de Deus

**ADUD** – Assembleia de Deus dos Últimos Dias

**CGADB** - Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

**DEAR-SUL** – Divisão Técnica Regional Sul

**EN** – Entrevistador

**FA** – Fábio

**HABISP** – Habitação Social na Cidade de São Paulo

**PCC** – Primeiro Comando Capital

**PR** – Pastor

**REPAL** – Religião e Periferia na América Latina

**RS** – Rosa

**SIC** - Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão

**SPAD** – Subprefeitura Cidade Ademar

**SEHAB** – Secretaria Municipal de Habitação

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	16
OBJETIVOS.....	18
Objetivo Geral .....	18
Objetivos Específicos .....	18
JUSTIFICATIVA DO TEMA .....	18
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	19
CAPÍTULO I.....	21
1. A AÇÃO PENTECOSTAL NA FAVELA JARDIM SÃO JORGE.....	21
1.1. O Bairro Jardim São Jorge.....	23
1.2 Sedinha – “O Privado-Público” .....	27
1.3 ADFEC – Mãe de Todos os "Santos” .....	34
CAPÍTULO II.....	41
2. BANDIDOS E EX-BANDIDOS NO ESPAÇO DE INTERAÇÃO .....	41
2.1 Quem São Eles? .....	49
2.2 Bandido e Ex- Bandidos Frente à Comunidade.....	62
2.3 A Construção de Identidade Pastoral de Alex .....	67
2.4 Bandidos e Ex-Bandidos Frente a Religiosidade Pentecostal.....	72
CAPÍTULO III .....	79
3. “MUNDO” PENTECOSTAL-CRIMINAL E SUAS AMBIGUIDADES.....	79
3.1 Uma Análise do Poder Religioso na ADFEC.....	81
3.2 A Mensagem para os “Manos de Fé” .....	87
3.3 ADFEC – “Instituição” Mediadora e Pentecostalismo como “Saída” .....	90
3.4 O “Fim” da ADFEC e o “Paradeiro” de ALEX.....	94
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	96
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	101
6. REFERÊNCIAS MUSICAIS .....	103
7. APÊNDICE .....	104
8. ANEXOS.....	109
8.1 ANEXO A .....	109
8.2 ANEXO B .....	110
8.3 ANEXO C .....	112
8.4 ANEXO D .....	114

## INTRODUÇÃO

Quando se trata de favela o senso comum remete a pensá-la como lugar da carência e do ilícito. Lá tudo seria criminoso, tráfico de drogas, roubos, violência, etc. Porém, o olhar acadêmico precisa compreender a favela como parte de um fenômeno urbano complexo e que possui já pouco mais de um século no Brasil. As favelas se tornaram lugares marginalizados e periféricos que abrigam as camadas sociais mais atingidas pela pobreza e segregação humana. Segundo Santos, na América Latina o fenômeno tem características particularidades, ou seja, favela se apresenta como elemento característico da urbanização dos países latino-americanos.

Os nomes também variam, mas a realidade é sempre a mesma: são ‘vila miséria’ de Buenos Aires, as ‘quebradas’ de Caracas, as ‘barreadas’ de Lima, os ‘bairros clandestinos’ de Bogotá, as ‘callampas’ de Santiago, os ‘jacales’ do México. (SANTOS, 1982:45).

A questão de nossa pesquisa diz respeito a um novo movimento pentecostal em uma das periferias da Zona Sul da Capital paulista, a saber, Jardim São Jorge. A favela Jardim São Jorge é muito conhecida e logo as notícias sobre uma nova igreja da “sedinha” a ADFEC<sup>2</sup> se espalharam pela região e chegaram ao nosso conhecimento. Tomamos por base inicial a informação de que naquele local, haveria uma igreja de seguimento pentecostal que era composta por grupo que cometia práticas criminosas das mais variadas, praticadas por bandidos<sup>3</sup>, como: tráfico de drogas, assalto a mão armada, furtos, homicídios, dentre outros delitos.

Dos bandidos pode se dizer que, é o sujeito destemido que age fora da lei, e é um ser tradicional na favela. Por sua influência criminosa e suas relações de poder junto ao crime organizado, o bandido no Jardim São Jorge é o agente que tem voz de comando, liderança e respeito. Ele é um ser temível.

O desafio estava proposto, nos limitamos a pesquisar a tal igreja. O andamento do projeto só foi possível, porque o pastor era um colega de alguns anos. Havia assumido a condução da igreja mencionada que estava localizada na favela Jardim São Jorge, local de difícil acesso.

Depois de algumas reflexões e conversas sobre o movimento religioso pentecostal nas periferias, ministradas no PPGCR (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da

---

<sup>2</sup> Assembleia de Deus Fortificada em Cristo, igreja da sedinha, localizada na favela Jardim São Jorge.

<sup>3</sup> Termo comum que os criminosos usam quando atuam no mundo do crime.

Universidade Metodista de São Paulo), Alex resolveu conceder-me o espaço da igreja para as análises.

Após alguns diálogos junto ao Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera (meu orientador), chegamos à conclusão que a ADFEC seria nosso objeto de estudo. Orientado a observar o fenômeno de perto para apontamentos das análises de dados, definimos os objetivos que norteariam a pesquisa de campo. De início, não sabíamos como nos aproximar da igreja, mesmo sendo colega do pastor. Mas depois das primeiras visitas ao local, as relações entre pastor e pesquisador foram se tornando mais flexíveis e cômodas. Talvez, sem o coleguismo, a pesquisa seria impossível, uma vez que os membros da ADFEC eram muito reservados em relação aos que não fossem da região do Jardim São Jorge.

Após o primeiro encontro, esclareci para Alex, que os eixos da pesquisa se tratavam de periferia e pentecostalismo. Enfatizei que ADFEC era uma igreja diferenciada pelo seu trabalho realizado na favela e que interessava pesquisá-la analiticamente. Alguns dias depois perguntei a Alex se me cedia a licença e o espaço para relatar na pesquisa o começo da ADFEC e seu desenvolvimento na favela do Jardim São Jorge. Alex aceitou, a partir daquele momento começamos a pensar nas datas dos cultos e nas estratégias em relação as entrevistas. Oficialmente as visitas na Assembleia de Deus Fortificada em Cristo começaram dia 14/01/2015, numa quarta-feira período noturno.

Quando cheguei ao local, fui apresentado aos congregados como amigo do pastor, Alex também informou aos presentes que minha presença ali seria constante, para a realização de uma pesquisa, que tinha como princípio fundamental elucidar informações sobre a ADFEC e a favela. As visitas a igreja se iniciaram 14/01/2015 e finalizaram 10/06/2015, ou seja, foram pouco mais de cinco meses no local.

Foram observados 36 cultos/reuniões, incluindo visitas e orações nos lares de fiéis. Os cultos eram noturnos, das 19h30 até às 21h30, já as orações nos lares eram acertadas junto a agenda dos membros, podendo variar entre os três períodos, manhã, tarde e noite. Mas na maioria das vezes eram feitas pela manhã.

Algumas visitas (pelo menos cinco visitas tive de acompanhar o pastor), foram feitas sob alerta. Quando fomos a casa da esposa do chefe (Marcos) do tráfico, antes de adentrarmos, Alex orientou que todo cuidado era pouco, uma vez que estávamos em perigo constante, pelo fato da casa “visada” pela polícia. Também dizia isso para que não tratasse de assuntos relacionados a pesquisa. Naquele momento poderia gerar desconfiança por parte dos moradores.

No que se refere as entrevistas, destaco que não foram feitas de imediato, bem antes de começar as visitas na ADFEC tive inúmeras conversas com Alex. No primeiro momento, houve uma grande resistência, havia certo desconforto do pastor no tocante a possibilidade de entrevistar seus liderados e membros. A insistência de minha parte se deu de maneira que o próprio Alex, também se sentiu motivado em cooperar apresentando os caminhos, para o aferimento de dados.

A pesquisa procurou analisar também os casos de bandidos e ex-bandidos na ADFEC e suas relações geopolíticas (espaço-poder) no local. Entendemos que os bandidos são os que de alguma forma se coadunaram com o mundo do crime que se diversifica em atos condenados pelo Estado, como tráfico de drogas, roubo à mão armada, furtos, dentre outros delitos sujeitos a penalidades da lei. No tocante aos ex-bandidos, trabalhamos na perspectiva de analisar suas saídas da marginalidade e criminalidade bem como suas “mudanças de vida” após aderirem a ADFEC como religião.

Os entrevistados da pesquisa, foram: Alex (pastor), Ricardo (co-pastor), Fábio (ex-bandido), Dona Rosa<sup>4</sup> (moradora da comunidade). Vale salientar que os nomes são fictícios para preservar a identidade dos mencionados. Salvaguardar o nome de Alex, que no primeiro dia de conversa, preferiu e decidiu pôr assim ser chamado, por questão pessoal. Decidi respeitá-lo na decisão para não encontrar mais dificuldades no andamento do projeto caso rejeitasse seu nome fictício.

As entrevistas foram gravadas em áudio. Tive bastante dificuldades em entrevistar os bandidos da igreja. Alex me alertou em não o fazer. Porém, disse que não me preocupasse, pois, falaria sobre os criminosos e suas histórias.

A preocupação em entrevistar os bandidos se deva pelo motivo de que muitos deles eram procurados pela polícia, e caso alguém fossem presos ou acontecesse algo que os expunha de certa forma, poderiam ser associados a mim, para os membros ter um pesquisador nas reuniões lhe era estranho. Depois de algum tempo, talvez, duas semanas, me aproximei de Fábio, membro da ADFEC, por intermédio de Alex. Fui bastante dialogal com o rapaz e expliquei que estava interessado em saber de sua história e dos demais.

Fábio me forneceu seu número de celular, a partir disso começamos os contatos e as marcações de entrevistas. No entanto, sempre fui cobrado tanto de Alex como de Fábio que por algumas vezes teria de ser sucinto e tomar alguns devidos cuidados para não os expor demais.

---

<sup>4</sup> Dona Rosa é considerada a mãe da favela, pelo tempo de moradia e pela afinidade que tem com os criminosos do Jardim São Jorge.

Todavia, no decorrer das entrevistas as informações mais sigilosas começaram a ser narradas pelos entrevistados sem maiores problemas. De algum modo se sentiram livres para relatar o que desejassem a respeito da ADFEC, dos bandidos e ex-bandidos.

Os membros no início relacionavam o pesquisador sempre como um investigador que estava ali para observá-los de modo negativo (espião), somente com a intervenção de Alex que foi possível deixá-los numa situação confortável e possibilitar as visitas nas reuniões. Ressalto que as entrevistas não obedeceram a ordens formais como perguntas e repostas rabiscadas ou impressas em papéis. A cada dia, havia um retorno as perguntas, ou seja, era um fazer e refazer de respostas, na quais tive de me adequar aos entrevistados de maneira que pudessem ficar à vontade para que pudessemos obter êxitos nos acolhimentos dos dados.

## **DELIMITAÇÃO DO TEMA**

O tema se fez jus ao que estava acontecendo na ADFEC, porque a relação de bandidos e ex-bandidos no espaço “institucional” de seguimento pentecostal da favela Jardim São Jorge, nunca acontecera antes no local. Nos pareceu ser inédito na região. Para tanto, a pesquisa auxiliou na compreensão da atuação de igrejas pentecostais nas periferias do Brasil, principalmente no Estado de São Paulo – Capital.

Particularmente o estudo de campo procurou analisar a ADFEC, como um espaço de interação de bandidos, ex-bandidos, pentecostais e quais suas relações na igreja local. Outro aspecto analisado foi o entrelaçamento dessas duas frentes na favela do Jardim São Jorge, o pentecostalismo e a criminalidade. A pergunta que procuramos responder é: como é possível uma igreja pentecostal na periferia trabalhar com bandidos e ex-bandidos sem que haja conflito em si mesma?

Nesse sentido, deparamos com uma temática diferenciada, na qual o fenômeno religioso na periferia tem sido objeto de diversos estudos. As obras produzidas pelo grupo de pesquisa REPAL (Religião e Periferia Urbana na América Latina da Universidade Metodista de São Paulo) coordenado pelo Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera, no qual estou inserido, mostraram-nos através de pesquisas elaboradas por diversos pesquisadores que se debruçaram em diferentes temas, as reflexões acadêmicas sobre a presença de igrejas evangélicas pentecostais no meio urbano.

O que originou na publicação de um livro organizado pelo prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera – *Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de sociologia e antropologia urbanas* (2012).

Os textos produzidos foram resultado de estudos sobre os pentecostais, evangélicos e a diversidade religiosa na periferia. As reflexões auxiliaram para compreendermos a real situação das favelas nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo; o trabalho de Mesquita (2009) sobre os pentecostais em favelas do Rio de Janeiro somado ao de Almeida (2004) na periferia de São Paulo, deram suas contribuições. Os textos deram subsídios importantes para analisar o dinamismo dos pentecostais na periferia urbana.

Os encontros do grupo de pesquisa REPAL, e o contato com as pesquisas, fornecem o sentido das teorias úteis para o estudo dos fenômenos religiosos. Para dar base a pesquisa, foram utilizados autores fundamentais para calcar os assuntos apresentados em cada capítulo.

Destacamos Hobsbawn (1978), que lançou luzes para entendermos o banditismo, suas relações e espaço na comunidade. Compreender como os “rebeldes” atuam para responder através de suas lutas as conspirações dos ricos. O historiador disserta sobre o banditismo rural em diversas culturas, épocas históricas e indica as atividades e legitimidade do bandido frente a seu povo e comunidade.

No tocante a Bourdieu (1987, 2004 e 2007), tratamos alguns aspectos que analisam a questão das trocas e do poder. Os textos do autor, nos fizeram refletir sobre a maneira que se deu as relações da criminalidade com o pentecostalismo no campo simbólico.

Para captar a ideia de visão de mundo e *éthos*, nos pautamos em Geertz (1989), que esse auxiliou com extrema importância para fundamentamos os assuntos referentes as mudanças e transformações dos fiéis da ADFEC. A partir da análise de Geertz, foi possível imprimir um entendimento dos aspectos morais e valorativos de uma cultura e o quanto isso determina na qualidade de vida das pessoas em relação ao mundo.

Quanto aos bandidos e ex-bandidos os textos de Teixeira (2007, 2009 e 2013), nos serviram para expor elucidar a complexa relação entre pentecostalismo e criminalidade nas periferias do Brasil.

Os textos de Weber (1991, 1999 e 2004), ofereceram base para pensarmos a questão da liderança na ADFEC e do poder religioso no local. Essa parte da pesquisa preocupou-se em analisar o reconhecimento do pastor (poder carismático) por parte dos membros uma vez que o pastor possuía qualidades extraordinárias para realizar trabalhos na igreja e satisfazer as necessidades dos fiéis.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

O objetivo geral foi analisar as relações de bandidos e ex-bandidos com a Assembleia de Deus Fortificada em Cristo, bem como suas ações na favela Jardim São Jorge.

### **Objetivos Específicos**

- A) Investigar a relação de bandidos e ex-bandidos com o pentecostalismo na favela Jardim São Jorge;
- B) Refletir os contextos e atuações dos sujeitos criminosos na ADFEC;
- C) Analisar as aproximações entre o “mundo” do crime e pentecostais;
- D) Examinar a ADFEC como sentido de vida para os bandidos e ex-bandidos;

Os resultados da pesquisa estão apresentados em três capítulos, cujo conteúdo abordaremos adiante. O tema da criminalidade na favela tem sido muito explorado por pesquisadores brasileiros, no entanto, no desenrolar do trabalho o inédito aparece na constatação das relações entre religião e sujeitos do crime. O fenômeno reflete o quanto à favela é plural em suas características. Quanto à definição do termo bandido e ex-bandido, serão explicitados a partir do segundo capítulo, que se debruçará de forma mais concisa sobre a discussão, dispensado todo estereótipo e/ou generalizações quanto às palavras acima descritas. O Intuito é partir das ciências sociais analisar contextos e atuações dos sujeitos na periferia. Por fim, ao caminhar para o desfecho pretendemos demonstrar a ADFEC como espaço de interação entre criminosos e pentecostais, mensagem, mediação nos conflitos e a ruptura da igreja.

## **JUSTIFICATIVA DO TEMA**

Justificamos a abordagem desse tema pelos seguintes motivos: observados diversos textos sobre religião, periferia e violência, constatamos que não haviam neles assuntos sobre igreja de bandidos e ex-bandidos pentecostais ou suas “ligações diretas”. As conversas e orientações com Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera, foram decisivas na escolha do tema, seus objetivos e desenvolvimento. Por ser algo novo no meio acadêmico, resolvemos em conjunto

focarmos nesse trabalho de maneira que pudéssemos contribuir e somar junto aos demais pesquisadores sobre sociologia e antropologia da religião.

Outrossim, descrevemos sobre bandidos que ofertavam, dizimavam, liam a bíblia, frequentavam cultos, oravam, e depois se davam as práticas criminosas novamente. De fato, chamou-nos a atenção, posto que, o comum seria uma conversão que lhes conferiria o “título” de ex-bandido. No caso da ADFEC a maioria dos fiéis não deixaram de atender ao mercado do crime. Portanto, o estudo analisa ou pelo menos se preocupou em analisar, os processos de formatação e ressignificação da pertença religiosa no pentecostalismo, cada vez mais autônoma, diversificada e pós-moderna.

## **METODOLOGIA DA PESQUISA**

A pesquisa seguiu três frentes, a primeira, bibliográfica que focou a literatura sobre pentecostalismo no Brasil e também a bibliografia sobre periferia urbana em São Paulo. Aproveitamos textos sobre tais temas produzidos nas áreas de sociologia urbana, antropologia urbana e nas ciências da religião produzidos nos últimos anos.

Em segundo destacamos a pesquisa de campo. A abertura que Alex proporcionou, permitiu realizar as entrevistas em profundidade que seguiram um roteiro semiestruturado. Outro aspecto dessa parte da pesquisa, consistiu na observação dos cultos. Tivemos o cuidado de observar as reuniões pentecostais de diversos dias da semana.

Registramos em um caderno de campo os dados iniciais, que no primeiro momento nos foram ricos para a análise da questão central da pesquisa (aproximação entre criminalidade e pentecostalismo). As relações entre a ADFEC e os sujeitos vinculados ou não ao crime transpareceu-nos tanto no culto quanto nas entrevistas.

Finalmente pesquisamos alguns dados oficiais sobre a favela do Jardim São Jorge junto a órgãos públicos. No entanto, poucos foram os dados que conseguimos através de muito esforço ao apelar pelas informações por alguns meses no prédio da Subprefeitura de Cidade Ademar<sup>5</sup>.

A dissertação está organizada e apresentada em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado a indicarmos o lugar com um breve apontamento histórico da favela Jardim São Jorge. Mencionamos o espaço geográfico na qual a ADFEC realizava seus cultos, nesse caso a

---

<sup>5</sup> Avenida Yervant Kissajikian, 416 - Vila Constância, São Paulo - SP, 04657-000.

“sedinha” - espaço utilizado pela comunidade para atividades sociais. No desfecho do primeiro capítulo, elucidamos a afinidade da ADFEC em “acolher” os criminosos e lhes oferecer a igreja como “guarida”, mesmo Alex (pastor) cientes de suas práticas.

No segundo capítulo trabalhamos sobre a questão dos bandidos e ex-bandidos no espaço de interação e suas relações com comunidade. Esclarecemos a importância da igreja na construção de uma visão de mundo na vida dos fiéis da ADFEC. Abordamos o quanto a igreja impactou e/ou influenciou nas suas práticas e na convivência com os moradores da comunidade.

O terceiro capítulo, procuramos descrever a relação entre o pentecostalismo e a criminalidade na favela, suas trocas simbólicas e a liturgia da ADFEC. Refletimos questão da liderança, sua mensagem e ambiguidades. Por fim, esclarecemos a ruptura da igreja e reação da comunidade com o “fechamento” da “instituição”.

Fazem parte dessa dissertação anexo: O email do **SIC** - Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão e os apêndices que se dividem em: roteiros de entrevistas semiestruturada da pesquisa de campo e as letras musicais - “*Quando o Tiro Acerta*” do grupo de rap Facção Central, “*Vida Bandida*” do rapper Rappin Hood e “*Bala de AK*” Mc (X).

# CAPÍTULO I

## 1. A ACÇÃO PENTECOSTAL NA FAVELA JARDIM SÃO JORGE

Por se tratar de periferia urbana, e especialmente de uma favela, na pesquisa, nos deparamos com uma paisagem composta de inúmeras casas de blocos, barracos, mercearias, bares e igrejas. Na favela Jardim São Jorge pelo menos, podemos detectar diversas igrejas pentecostais, a maior parte delas pequenas. A mais destacada pelos moradores é a ADFEC.

O termo favela do “São Jorge” tem um sentido simbólico, por se tratar de um santo guerreiro no catolicismo, leva-nos a pensar que a região foi cunhada com esse nome pelos seguintes motivos: guerras de favelas contra favelas, pelo respeito que os criminosos galgaram no decorrer dos anos e pela resistência que produziram na atuação dentro da comunidade. Os moradores da região sempre se referem a favela como um ambiente de intensos conflitos, ou seja, o espaço geopolítico está em constante tensão no que se refere a criminalidade.

A maioria dos moradores da favela parecem ser migrantes nordestinos<sup>6</sup>, que se instalaram em São Paulo pela busca de qualidade de vida e condições de trabalho que eram favoráveis na época. As igrejas que ali estavam encontram-se praticamente juntas umas das outras, cercando a favela como um muro ao seu redor.

Os fiéis das igrejas em torno da favela, são residentes da região, atuam quase sempre em conjunto para estabelecerem suas mensagens de salvação à comunidade. Como destacado antes, a escolha em pesquisar a ADFEC não foi simples e aleatoriamente. A pesquisa se consolidou pelo motivo de sua ação/atuação sobre os moradores e ao mesmo tempo pela influência dos bandidos e ex-bandidos sobre a igreja.

Localizada no centro da favela (*para alguns moradores, coração*), a ADFEC exerce grande poder de influência no local. Primeiro porque seus membros são diferenciados das outras instituições<sup>7</sup>, em segundo lugar, porque atende de forma mais flexível aos membros. Ademais, por ser o centro das atenções dos moradores naquela circunstância, não poderia ser diferente sua postura, posto que se concentra trabalho e projeto com criminosos. Oferecendo-lhes nova vida junto a igreja, porém, no decorrer das análises constatei que alguns não abandonavam suas práticas criminosas.

---

<sup>6</sup> Devido à demora das instituições que poderiam apresentar mais dados sobre os moradores da região não mencionamos com exatidão a respeito.

<sup>7</sup> Fábio em um dado momento da entrevista reitera que as outras igrejas, não atendia o mesmo público da ADFEC.

Percebi logo de início que ao visitar a comunidade do Jardim São Jorge, que a ADFEC desenvolveu alguns projetos para alcançar os moradores, bem como as crianças e jovens. No intuito de preservarem suas vidas da criminalidade, roubo e tráfico de drogas. Direcionados a igreja para ouvirem as pregações de Alex, os indivíduos pelos ouviam pregações para serem livres da vida do crime em nome da conversão. Sem muito acesso aos estudos, teologia e/ou faculdade, o pastor ensinava a respeito de sua fé nos becos das vielas, alternando entre cultos na sedinha/templo e ao “ar livre”, como costuma chamar.

Ao acompanhar as atividades da igreja um pouco mais perto, contemplei que a ADFEC, não se restringia somente a cultos de oração na sedinha. Suas concentrações perpassavam a favela de modo que seu público sempre cooperava nas reuniões em casas com grande número. Isto é, em visitas aos lares, de modo que passou a ser solicitada pelos fiéis e mais atrativa pela afinidade que Alex conquista já que me pareceu que outras igrejas da região quase não realizavam essas visitas.

A ADFEC rompeu com ritos tradicionais das AD’s (Assembleias de Deus), e formulou sua própria religiosidade. Para Alex, a ruptura com a tradição não desabonou a conduta “ética e moral” da nova igreja. Segundo o pastor, os fiéis receberam de alguma forma, sentido de vida através das experiências religiosas.

A perspectiva da ADFEC, nos dizeres de Alex é muito similar a descrição da igreja dos livros de Atos dos Apóstolos, grupo que se estabelece como ajuntamento de pessoas com o mesmo objetivo e que com o passar do tempo saem para as ruas a propagarem suas mensagens e crenças.

No acompanhamento durante os meses de pesquisa, constatei também, que a ADFEC não se coadunou com as outras igrejas da favela. Para o pastor, tais igrejas não tinham mesmo objetivo, trabalhar com bandidos e ex-bandidos. Seu público estava nos becos das vielas eram de fato os marginalizados. Quando eram amparados pelo pastor e por sua igreja, a “guarida e proteção”, lhes eram garantidas, de igual modo o pastor e sua igreja eram “guardados e protegidos” pelos criminosos, havia trocas simbólicas perceptíveis.

Outro fator que não se pode desprezar, é a oficialização junto à Receita Federal, a ADFEC não possuía placa com seu nome e suas reuniões eram realizadas num espaço central da favela, por nome “sedinha”<sup>8</sup>, ou Ação Comunitária do Jardim São Jorge. Na Rua Professor Carlos Decourt S/N, o espaço comunitário promovia aprendizados e vivências através de cursos que englobavam cultura, artes e esportes. A sedinha representava espaço de lazer, socialização

---

<sup>8</sup> Lugar na qual a ADFEC realiza seus cultos, mais conhecida como a sede do São Jorge.

e novas experiências para as crianças, adolescentes e respectivas famílias que não tinham a possibilidade pagar serviços privados.

Em determinados dias da semana eram realizados os cultos, dividindo o ambiente, que se tornava em um lugar de tríplice função, a saber: instituição educacional, de interação social e de assistência espiritual. Partindo dessa constatação, notei que a ADFEC tinha influência particular, de maneira especial no local, ou seja, Alex possuía legitimidade de poder, outorgado por criminosos para realizar seus cultos na sedinha, que a princípio é o local mais movimentado da favela.

O poder que garantiu a entrada da ADFEC na sedinha advinha do gerente de tráfico de drogas, que mantinha coligações com a administradora do espaço da sede. Assim, respaldado pelo “chefe” do tráfico, Alex obteve acesso para realização das reuniões. ADFEC tinha maior reconhecimento e maior legitimidade que os organizadores dos “pancadões”. Não me pareceu pouca coisa, havia uma ligação clara com o mundo do crime. Se de um lado temos algumas igrejas conservadoras no Jardim São Jorge, de outro temos a ADFEC, moderna, contemporânea, atendida com a realidade do bairro e conivente com as ações criminosas. Subentende-se que pentecostais e criminosos dependiam um do outro para prosseguirem nas relações com a comunidade.

Alex teve de se adequar a “linguagem do crime” para se manter na local, isso fez toda a diferença para definir que público atingiria na comunidade. Não obstante, teve de ser flexível abrindo mão do conservadorismo das AD’s ao falar a “língua” do gueto. O entrelaçamento entre pentecostalismo e criminalidade começou a ficar claro, a partir do momento em que as alianças com o chefe se estabeleceram para fundamentar o favoritismo no processo de ocupar a sedinha.

### **1.1. O Bairro Jardim São Jorge**

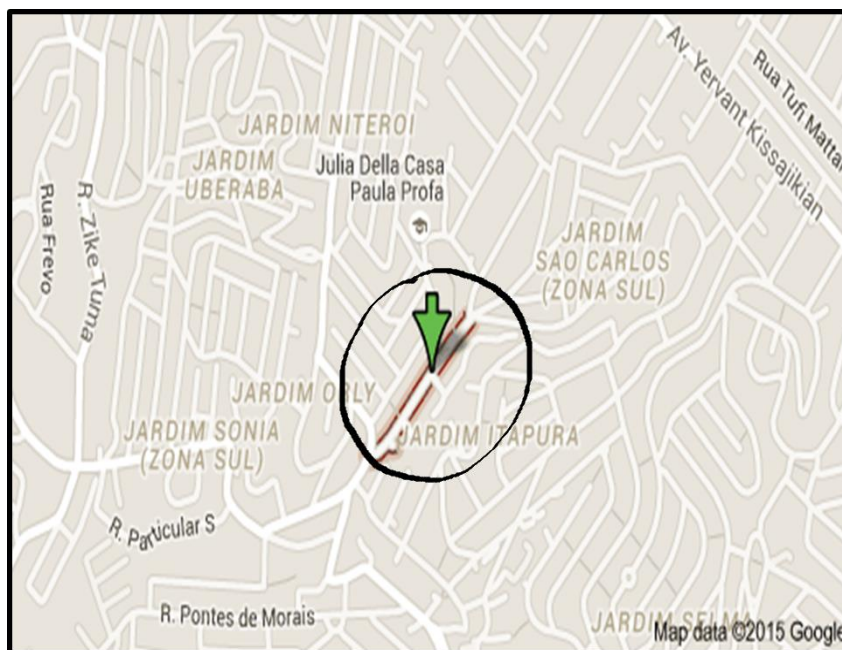
Situada no Bairro Cidade Ademar, Zona Sul de São Paulo, o Jardim São Jorge<sup>9</sup>, é uma das favelas que nasceu numa localidade que há 30 anos atrás era apenas uma grande chácara, na qual moradores da região testemunham ter sido um antigo manancial e uma grande extensão de mata fechada. Como é comum nas favelas, a comunidade não aparece nos mapas geográficos. Além de ser pequena, sua fama percorre os demais lugares da região como um lugar de pura influencia criminosa nas redondezas.

---

<sup>9</sup>Embora a favela do Jardim São Jorge faça fronteiras com outras favelas, a mesma é reconhecida pelos moradores como São Jorge de baixo, haja vista, que há uma outra favela com o mesmo nome chamada favela do São Jorge de cima, esta fica próxima das mediações.

Geograficamente a favela está no centro das demais favelas da região de Cidade Ademar, que hoje conta com dezenas de favelas na Zona Sul de São Paulo. Por estar dividida por várias ruas que estão em volta da favela o bairro é geograficamente um núcleo da parte principal da malha urbana, como podemos observar na imagem abaixo.

**Foto 1.** Favela do Jardim São Jorge



Google Maps, 2015

Na imagem a extensão da favela não é tão grande. Entre os moradores existe o ditado de senso comum que se ouve com muita facilidade, “*só mora no São Jorge quem é...*”<sup>10</sup>. Para eles, significa que somente os que andam na “linha” e obedecem às “regras” da favela estabelecida pelos bandidos, são os que podem morar no local e ter uma boa convivência não só com os moradores, mas com os criminosos que ali atuam.

Em umas das entrevistas, conversei com uma moradora, das mais antigas da favela, e foi possível constatar uma breve história do local. Dona Rosa, 63 anos, relatou:

Vim embora da Bahia para São Paulo e cheguei aqui na região que era tipo assim, cheio de matas, alguns mananciais, e por volta de alguns anos, moradores começaram a vir de outros Estados para cá. Invadiam terrenos e foram desmatando os locais e construindo barracos, a situação era precária, nós não tinha água canalizada, a rede de luz era gatos e gambiarras né. Com pouco mais de 10 anos que eu estava aqui já estava praticamente tudo ocupado. (Entrevista realizada em 21/01/2015).

<sup>10</sup> Expressão utilizada pelos moradores da região.

Quando entrei em contato com a Subprefeitura de Cidade Ademar<sup>11</sup>, para aferimentos de dados, tive dificuldades, não poucas, pois a favela não é cadastrada na Subprefeitura. Portanto, as informações que forneceram são baseadas nas aproximações de números de moradores que residem atualmente no local. Pode-se verificar as informações no anexo<sup>12</sup>, que a favela possui um número aproximado de 500 famílias de 3 a 4 moradores por casa.

**Foto 2.** Centro da Favela do São Jorge



Crédito; Lucas Medrado, 2015

Pelo número de moradores, fica evidente, que a favela é pequena se comparada com outras dessa região de São Paulo. Isso explica a questão do amontado de casas uma em cima da outra no local, os becos chegam a ser tão estreitos que se estiverem duas pessoas passando, uma deverá ceder o lugar de passagem para a outra devido ao pouco espaço.

Perguntei a Dona Rosa se houve muitas disputas pelo espaço, a moradora informou que *“sim, um ficou com o lote menor, outros maiores, alguns venderam suas partes e foram embora, outras continuam até hoje na favela. Se sabe né a aqui é a lei dos mais espertos”* (21/01/2015).

Por fazer parte de região de Cidade Ademar, a favela do Jardim São Jorge, está inserida na escala de vulnerabilidade social consideravelmente alta segundo o SEADE<sup>13</sup>. Hoje a favela conta com pelo menos uma Escola Estadual nas mediações, dois mercados, uma padaria,

<sup>11</sup> Endereço eletrônico: [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade\\_ademar/](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_ademar/)

<sup>12</sup> A cópia do email está anexada no final do texto da dissertação.

<sup>13</sup> Ver completo in: [http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais\\_resultados.pdf](http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais_resultados.pdf)

diversos bares e igrejas pentecostais. Não há parque de diversões ou recreações, a não ser atividades oferecidas pela Associação Comunitária do São Jorge. Embora seja comum nas favelas a presença do crime, indaguei Dona Rosa a respeito da presença de bandidos no local, para confirmar alguns dados, a resposta foi enfática,

(...) sempre teve, no começo era mais sossegado, depois, os meninos foram crescendo e se envolvendo nas coisas errada. Alguns eram bem perigosos, eram bem mais velhos, comandavam tudo, tinha dias que a gente não podia sair de casa, era muitos tiros, guerras de favelas contra favelas. Aqui mesmo já vi muito disso. Eles ficam de cima da laje de frente a sedinha, de armas nas mãos, sempre teve gente assim aqui, mas, nunca mexeram com nois não, todo mundo gostava deles, e dos que tem agora. Tem que gostar né, tem que saber viver. (Entrevista realizada em 21/01/2015).

Os bandidos mais velhos, sempre foram as referências dos jovens na periferia. No caso do Jardim São Jorge, os “legados” criminais deixados pelos antepassados, serviram para formar a nova gestão do crime que se estabeleceu a partir das demandas dos clientes do tráfico de drogas. Hoje os bandidos, pelo menos a maioria, são jovens e até adolescentes que estão na faixa etária de 15 a 25 anos.

Quando estive na região envolvido com a pesquisa de campo, observei diversos adolescentes nas esquinas usando drogas sem o maior problema, inclusive alguns membros da ADFEC dialogavam com os usuários e até traficante sem nenhuma restrição. Indaguei Dona Rosa sobre tais atitudes, segundo a moradora “*a maioria dos meninos são filhos de crentes, por isso outros crentes param para conversar sem problema nenhum*” (21/01/2015).

A presença de igrejas pentecostais, não é antiga. No passado, os locais nos quais eram bares frequentados pelos próprios moradores se transformaram em pequenas igrejas. Não existia sequer a presença de alguma paróquia católica ali. Com exceção, de apenas uma pequena igreja Assembleia de Deus Ministério do Belém do Setor 8, que ainda fica atrás da favela. Antes de tudo o que havia era o centro de candomblé antes bem frequentado por uma boa parcela dos criminosos do Jardim São Jorge (ainda presente no local) e as igrejas eram distantes. Pedi auxílio a Dona Rosa nesse particular para saber se a favela sempre teve lugares de cultos religiosos ou se é recente, Rosa destaca:

(...) não, essas igrejas começaram a aparecer agora, não tinha isso antes não. O que tinha eram os toques da casa de mãe fulana que abria todos os finais de semanas, e os meninos, a maioria deles iam pra lá consultar os guias. Hoje quase ninguém vai, depois que abriram essa igreja aqui na sedinha o pessoal vai pra lá nos cultos, e outros nas igrejas que ficam aqui na rua mesmo. Antigamente,

não se falava de igreja por aqui, quem queria ir, tinha que atravessar a favela, ou ir lá pra baixo na avenida. (Entrevista realizada em 21/01/2015).

As igrejas não só mudaram a perspectiva dos moradores, como ofereceu um ‘leque’ de opções para diversos públicos. Hoje há igrejas de seguimento neopentecostal e pentecostal. Ademais, é difícil catalogar em quais seguimentos as instituições se espelham, devido as rupturas de algumas como no caso da ADFEC que tinha um seguimento pentecostal de matriz assembleiana. Porém, como a proposta diferente do pentecostalismo clássico-tradicional. Para Rosa, depois que as igrejas se instalaram a vida mudou.

Ah, você sabe né, agora não tem mais pancadões ou zueiras na rua como antes, os bares foram ocupados pelas igrejas, está mais sossegado. Antes era tumulto, muito barulho, brigas, viaturas o tempo todo. Agora não, está uma maravilha. Parece que depois das orações dos crentes o leão acalmou aqui nesse lugar, era triste, triste mesmo. Só que tem uma coisa, a igreja que tem na sedinha vai mais gente, já fui lá algumas vezes e gostei. (Entrevista realizada em 21/01/2015).

O destaque conferido pela moradora, aponta que a ADFEC se tornou um dos ambientes mais frequentados da favela. É possível, por sua localização e devido os moradores saberem que a sedinha possui trabalhos específicos para a comunidade. Mediante a visibilidade do espaço os moradores em poucos dias tomaram conhecimento da ADFEC e a visitavam.

A presença da igreja de Alex, gerou mudanças notórias, a ponto de ser possível dizer que “construíram” um “*habitus*” próprio do lugar (BOURDIEU, 1987). A igreja provocou mudanças, estabeleceram um conjunto de trocas simbólicas entre pentecostais e criminosos. Se tornou espaço religioso que em pouco meses, possibilitou o ingresso dos indivíduos que perpassam entre a criminalidade e o pentecostalismo. Embora sejam extremos que se cruzam, a passagem, o “trânsito” não traz prejuízos aos atores do processo. Dona Rosa, não é evangélica, ainda mora no Jardim São Jorge, é simpatizante da ADFEC e é considerada a mãe da favela, por ser amiga e conselheira dos bandidos como ex-bandidos da região.

## **1.2 Sedinha – “O Privado-Público”**

A história da sedinha está repleta de encontros e desencontros, fato é que com as informações são sempre desconexas e controversas. Na realidade o espaço comunitário foi criado para atender as demandas da comunidade, o que inclui na distribuição de leite, lugar

recreativo para esportes, educativo, de encontros de jogadores do time oficial<sup>14</sup> de futebol da favela (a maioria dos rapazes jogam nesse clube) e para as reuniões dos representantes da favela.

Porém, na construção do ambiente social havia (e ainda há), uma cidadã por detrás de toda história da sede, que desde de 1998, criou a Associação Comunitária do Jardim São Jorge e Adjacências, e já no ano seguinte começou a acolher as crianças cujas mães precisavam sair para trabalhar e não tinham com quem deixar os filhos.

Nas mãos de Sônia (nome fictício), as crianças recebiam abrigo e sopa. Moradores (que não quiseram citar seus nomes), mencionaram que a sedinha é local carente de ações e do poder público. No mesmo espaço é grande o movimento de pessoas da terceira idade, que ali podem ter aulas de reforço, de artesanato e informática.

Verifiquei que a ADFEC teve fácil acesso a sedinha, pondo em xeque, a questão de ser apenas espaço público, mas com a presença da igreja de Alex, o espaço se tronou, também privado. Nesse sentido, não havia reclamação dos moradores quanto a estadia da igreja no local. A permanência da igreja na sedinha, iria depender das relações de finidade do pastor com o chefe do tráfico, adiante verificaremos que tais engajamentos são interrompidos por diversos fatores que comprometem as reuniões na Associação.

A questão traduz, que somente a partir da reciprocidade de Alex quanto a de Marcos é que iria definir se ADFEC continuasse com sua proposta e projeto ou não. *A priori*, perder o espaço para Alex, significaria, perder os recursos, o investimento, a proteção e a legitimidade na favela. Assim, a atuação da ADFEC ficaria comprometida e possivelmente sofreria rupturas, como descrevo no desfecho da pesquisa.

**Foto 3.** ADFEC<sup>15</sup> – Espaço Comunitário Jardim São Jorge



Crédito: Lucas Medrado, 2015

<sup>14</sup> Preservei o nome do time por segurança.

<sup>15</sup> A imagem de São Jorge guerreiro legitima o nome da favela.

Quando das entrevistas com Fábio, perguntei se havia boa relação “sede” com os “bandidos”. O membro da ADFEC, menciona com cuidado que sim. Todavia, a realidade é óbvia, a sede é controlada por influências de criminosos que detém o poder de decisão. Se assim não fosse, jamais Alex teria conseguido o espaço para “locar” (sem pagamentos), a aliança com bandidos foi fundamental para que a ADFEC mantivesse suas reuniões ativas na favela. Para entender a questão vale lembrar que a sede é ADFEC, e que ao mesmo tempo que a sede é utilizada para atividades básicas, era utilizada pelos pentecostais quando das reuniões e cultos.

As vezes de frente a sedinha, a rua é tomada de rapazes e moças que se encontram em bailes funk, sem contar com os movimentos normais de periferia no domingo à tarde, quando os próprios moradores definem partidas de futebol na quadra do Colégio perto da favela.

Sempre antes das partidas dos jogos, há uma reunião na sede, local se tornou mais do que ambiente social, é um símbolo mais explícito das relações de poder no que tange espaço e “política” dos criminosos, pentecostais e moradores. Ademais, é um palco das ações e relações humanas, sejam práticas sociais ou religiosas.

Meados de fevereiro de 2014, Alex indicado pelos moradores da área e requisitado pelos criminosos, foi “convidado” a pastorear a tão conhecida sedinha, que logo em seguida passaria a ser chamada de Assembleia de Deus Fortificada em Cristo (ADFEF). Aqui pode se dizer, que esse tal “convite” não foi bem um convite, mas uma aliança entre os “meninos” da favela. Tanto é que, nas falas de Fábio, fica evidente, que sem a ajuda dos bandidos algumas igrejas da periferia não subsistem, para tanto, uma dessas é a de Alex.

Pergunto a Fábio se havia ajuda com “recursos” do crime para ADFEC, a resposta foi clara, *“todo bandido ajuda a igreja, não há esse que não ofereça ajuda. As vezes elas são só sustentadas por causas dos bandidos”* (21/02/2015). A confirmação de Fábio, esclarece a relação de dinheiro do crime investido na ADFEC, Fábio inclusive citou uma outra igreja perto, ao lado de um bar na mesma rua da sedinha, com as seguintes palavras,

(...) aquela igreja que tem lá grandona, a grandona e frente do bar “x”. Ela tá ali, porque um bandido lá, que meu... Ele mantém lá... Dinheiro demais ele deu lá, acho que comprou com o dinheiro dele ali. Aí o pastor de lá fala que foi a empresa dele, mas não foi.” (Entrevista realizada em 21/02/2015).

A clareza referente ao apoio dos bandidos aos pastores no local é visível para os moradores. No caso da sede, houve acordo, que segundo Alex, se fixou de modo que se ele e seus fiéis se estabelecessem no espaço comunitário não pagariam aluguel pelo salão, somente

água e luz. O pastor informou, que ficou acertado e conversado com Sônia, a responsável pela sedinha e madrinha de um dos traficantes mais respeitados da região.

No entanto, toda a conversa estava baseada na aprovação ou não de Marcos, o gerente do tráfico, ou seja, os diálogos sempre estavam interligados entre: o pastor, o chefe-gerente, e Sônia. O desfecho do acerto, acelerou o nascimento da ADFEC como igreja oficial da sede do Jardim São Jorge. A rede de relacionamento construída pelos atores é legítima, envolve bandido (crime), pastor (pentecostal) e Sônia (ONG), e só foi possível, por um motivo, através da interligação entre os grupos como orienta Cunha (2008: 27-28),

Num espaço social como o das favelas, no qual a insegurança é tão presente no cotidiano, onde o sentimento de desrespeito e de baixa confiança em si mesmo e nas instituições é muito intenso, a rede dos evangélicos e os laços de afeto e confiança gerados (e/ou fortalecidos) a partir de tal pertencimento religioso têm uma dimensão fundamental na rotina, não só dos que se filiam a esta religião e participam de suas atividades litúrgicas, mas também para os que vivem próximos a esta realidade e percebem neste meio uma possibilidade de buscar “acolhimento” em momentos de necessidade. É como se a percepção da existência de um lugar ou grupo no qual é possível obter proteção material, emocional e espiritual já fizesse o indivíduo dispor de alguma sensação de segurança.

A questão aponta para outra questão fundamental, a de que Alex de algum modo se torna conivente e participante das “empreitadas” de Marcos. Não há intrigas quanto a sua vida criminosa, aliás, Alex, se torna totalmente dependente do poder do chefe. Pode-se dizer, que a sede opera numa espécie de tríade social, ou seja, seu espaço é bem mais que espaço físico somente, é geopolítico do ponto de vista dos que dela se utilizam.

Se observarmos a sedinha, sua estrutura, atuações e principais atividades até o momento, eram: a distribuição de leite pela manhã (*ação social-alimentícia*), lugar de esporte no período vespertino (*ação social-esportiva*) e cultos pentecostais promovido pela ADFEC a noite (*ação social-religiosa*).

Os cidadãos procediam de maneira ordeira nas atividades do dia a dia. A força da sincronização dos que tinham acesso ao local, a compartilhavam com os demais envolvidos, a sede desde então era governada do poder que emanava do chefe e da madrinha do traficante. Nada mais confortável do que essa “segurança” para Alex, assim, estaria livre de perseguições ou qualquer outra coisa que atrapalhasse seu trabalho com o público.

As conversas e articulações eram definidas e ajustadas a cada projeto e horários da utilização do espaço. Para os administradores (Sônia, Marcos e Alex) a sedinha, visava um bem maior, atender a comunidade da favela Jardim São Jorge.

Partindo dos pressupostos acima, bandidos, sedinha e ADFEC estão juntos no mesmo contexto de partilha, compartilhando do mesmo espaço, ora público, ora privado, afim de cumprir as pautas que atendiam os moradores. Cada um com seus ideais que partem de um único local. No entanto, aos serem distintos se cruzam e se projetam numa harmonia que imprime uma ação conjunta dos atores no processo.

A discussão perpassa pela dimensão, pela qual nos direciona a refletir, que Alex é o pastor que se diferencia dos demais, ele é o pai-guia, que muitas vezes orava para Deus abençoar a vida dos traficantes e assaltantes para que Deus os livrasse, caso estivessem em apuros nas ações criminosas. Por um lado, temos a guarida do traficante, do outro a guarida “espiritual” do pastor.

A propósito, as informações sobre as questões de acordo entre pastor e Marcos denotam que as relações e aproximações desses grupos, constroem uma rede social, que implica no diálogo sobre as questões diárias dos moradores. Ao seguir as definições de Bourdieu (2007), os agentes, “jogam” um no campo do outro. Assim, o que percebemos através de uma leitura mais profunda, é que, os atores/agentes se organizam no campo de acordo com o que possuem, munidos do capital próprio e seus próprios poderes.

Estar em campo, significa antes de tudo, estar em movimento, numa espécie de círculo, no qual circulam bem simbólicos. Nesse “campo religioso” (BOURDIEU, 1987), entre pentecostais e criminosos, o conjunto de transformações e sistematizações das crenças organizam as práticas religiosas. De maneira que a religião, se torna o fator que estrutura a sociedade e com ela mantem um diálogo devido ao reconhecimento de sua legitimidade.

Quando perguntei a Fábio quais eram as reuniões mais visitadas, ele respondeu que logicamente eram os cultos da ADFEC, que aconteciam sempre a partir das 19h00 horas em determinados dias da semana: “*a ADFEC claro, estar congregando na ADFEC me dirigiu para um caminho melhor e todos me apoiaram, inclusive o chefe, o cara para quem eu trabalhava no tráfico*” (21/02/2015). As falas de Fábio, dissertam o quanto a igreja mantinha o monopólio de poder na favela, e o quanto a figura do chefe era recorrente em sua vida, tanto de bandido como ex-bandido, no caso, o crime “nunca” se afastava de Fábio.

Ao se converterem, os fiéis deveriam dar testemunho das mudanças de suas vidas, para ganharem respeito como cristãos. Há de se lembrar, que as mudanças em sua maioria, são observadas de perto. Para os criminosos, não basta estar na igreja para se esconder da polícia,

tem de se ‘converter de verdade’<sup>16</sup>. Fábio, revelou que os bandidos não toleravam tal atitude, por isso,

(...) quando o chefe, Marcos encontrava algum crente brincando de ser crente na rua, esbravejava: Se tá louco maluco, com Deus não se brinca não! (Entrevista realizada em 21/02/2015).

A expressão de Marcos, anuncia, que do lado de fora das paredes da ADFEC, há os “profetas-criminosos” denunciadores do “errado”. Marcos não é apenas o traficante da quebrada<sup>17</sup>, mas a força regulatória, que manipula e administra a favela, vida pessoal dos seus empregados, e dos religiosos.

A força reguladora de Marcos, põe em xeque, a veracidade da conversão do bandido, e suas fidelidade a igreja. A vigilância dos moradores, também é rigorosa, quanto à postura e conduta dos recém-chegados na igreja. A ADFEC, pareceu ser a única no Jardim São Jorge a ter um número de criminosos acima das demais. Percebi, que entre traficantes e a igreja havia afinidade de modo que durante os cultos não houve sequer alguma crise dos membros em relação ao pastor, do contrário idem. Algo semelhante, é apontado por Hobsbawm (1978: 46) sobre as redes de proteção e prestígio:

O ponto de reunião de toda essa gente era o séquito do cacique local, que dava emprego a homens de audácia e agressividade e protegia os fora da lei – ainda que fosse apenas porque seu prestígio exigia que demonstrasse se poder de agir assim. Desse modo, já existia uma rede local, que misturava guardas de propriedades, pastores, bandidos, valentões e homens fortes, com proprietários locais.

O autor, leva-nos a pensar na rede social como entrelaçamento de fios que compõe a malhas de significados, o mesmo pode ser aplicado ao caso da ADFEC. Para os membros de Alex a relação de igreja e traficantes é vista como tranquila, pacífica. Como na favela todos sabem como funciona a criminalidade e a vida dos bandidos, as redes de relacionamento de certa forma, se estabelecem pelo medo ou por aceitação. A aceitação-condicional, acontece por questão de sobrevivência e cooperação. Segundo pastor Alex,

Os caras de uma certa forma são envolvidos conosco, vivem na deles, mas, precisamos andar juntos, na ajuda, na amizade, na concordância. Bandido não gosta de ser contrariado, e é preciso ter cuidado e cautela em tudo. Senão já viu né (...) (Entrevista realizada em 15/01/2015).

---

<sup>16</sup> Expressão usada aqueles que se convertem e permanecem nas práticas religiosas. Do contrário são aqueles que estão com pendências com policiais ou bandidos e fingem estarem convertidos para se protegerem das retaliações.

<sup>17</sup> Expressão ou gíria comum na periferia que se interpreta por favela.

Os movimentos de aproximações entre traficantes e evangélicos pentecostais, se dão pela reinterpretação das fronteiras, que perpassam por afetos e ligações de um com o outro. As rupturas sempre acontecem, possibilitando muitas continuidades no processo de interação. Sobre isso Sanchis (1997: 109) nos lembra que:

Ao contrário do que se deveria esperar em termos de rupturas entre membros das mesmas famílias, dos mesmos bairros populares, rupturas acarretadas pelas ‘conversões’ ao pentecostalismo, emergem novas formas de empréstimos, passagens, reinterpretações, pontes entre universos simbólicos e rituais que se reconhecem mutuamente sentido e força. Relativização de fronteiras, destas mesmas fronteiras teoricamente afirmadas com tanta radicalidade.

As aproximações de bandidos junto a Alex no Jardim São Jorge, delineiam que tais sujeitos passaram a retroalimentar a ADFEC, não unicamente por aprofundar ou promover sentimento de insegurança e medo aos membros da igreja. Mas por buscar cada vez mais, nos templos evangélicos, amparo espiritual, para que possam ser aceitos com maior “comodidade”. Ademais, o pastor-pregador, não os expõe nas pregações, pelo contrário, preponderantemente, reivindica mudança de vida, alertando-os a se desvincilharem das práticas criminosas.

A ADFEC em poucos dias conseguiu trazer e estabelecer tranquilidade na frente da sedinha, o local que antes sempre era acometido pelos chamados ‘enquadrados’ dos policiais, passou lograr de “pacificação” durante os cultos noturnos. Era motivo de Alex verbalizar que, “*a mão de Deus estava ali libertando vidas das garras do mal*” (21/02/2015). Para Barrera (2012: 58),

Em todas as igrejas pentecostais encontramos jovens que saíram do crime, tráfico, álcool ou droga. Vários deles se converteram na prisão. Outros em igrejas da favela. Nos discursos e nas orações dos cultos pentecostais são comuns agradecimento pela liberação desses problemas ou pedidos de intervenção divina resgatando as pessoas dessas mazelas.

Embora a ADFEC, seja mais uma igreja pentecostal da periferia, que busca resgatar criminosos da favela, ressalto, que para realizar seu trabalho, Alex teve de “falar a língua” do crime. Para continuar com sua igreja, teve de aderir e se adequar ao discurso e poder da criminalidade. Seu acordo com Marcos, o coloca na “máfia”, que reorganizou seu comportamento frente aos bandidos, como interpreta Hobsbawn (1978), ao descrever que,

Em outras palavras, a máfia era uma espécie de código de comportamento que sempre tende a se desenvolver nas sociedades que não dispõem de uma ordem

pública eficaz, ou nas sociedades em que os cidadãos consideram as autoridades como hostis, no todo ou em parte. (HOBSBAWN, 1978: 40-41)

A formação “mafiosa” entre pentecostais e criminosos, marcam a afinidade que imbricam as trocas simbólicas no processo de interação entre ambos. Os poderes públicos (sedinha) e privado (ADFEC), abraçam a comunidade e estabelecem ordem social coletiva, como no ensina Barrera (2012: 57), *importância e legitimidade dessa hierarquia, “poder paralelo”, ou “poder local, para os moradores está fora de qualquer questionamento.*

As ordens só se dão, devido a força do chefe do tráfico, que em tudo opera para o bom funcionamento do dia-a-dia na favela. Em uma das entrevistas, Fábio menciona, que o “*chefe*”<sup>18</sup> *mantém a ordem no pedaço, sabe de tudo de dentro da cadeia, e do lado de fora ele tem seus informantes, que não só informam sobre a comunidade, mas que também gerenciam o tráfico, auxílio para os moradores, e a suposta paz no local”* (20/02/2015). Nesse sentido, a dinâmica entre ADFEC e Marcos, mantém a “paz” na favela, para que a comunidade fique amparada por pela ordem na região. Todavia, ambos automático e intrinsecamente tornaram-se os monopólios de poder exercido na região.

### **1.3 ADFEC – Mãe de Todos os "Santos"**

A Assembleia de Deus Fortificada em Cristo, sistematizou uma força representativa na favela do Jardim São Jorge. Como mencionei, os vínculos formaram redes sociais. De todas a igrejas da rua, a ADFEC pareceu ser a única que optou, por pelas alianças com os criminosos.

Por esse motivo, a abertura para o diálogo entre a ADFEC e criminosos, serviram como fatores primordiais de destaque, para a igreja nas imediações. A ‘fama’, influenciou os traficantes que ficavam de frente a sedinha, de modo que passaram a frequentar os cultos.

A importância das redes sociais construídas, a partir do papel de igrejas nas periferias, tem sido objeto de atenção em outras pesquisas. Tais redes tecidas por pentecostais, fundamentam um papel crucial no dia a dia dos moradores, como também indica Mesquita (2009: 92-93) em seu artigo sobre os *pentecostais e a vida na favela*,

(...) as redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa das relações pessoais, gerando ajuda mutua, com o estabelecimento de laços de confiança, além do aumento de autoestima e do impulso empreendedor.

---

<sup>18</sup> Chefe – Irmão do PCC e Presidiário.

É preciso destacar que as igrejas pentecostais de periferia, ganham relevância quando se trata de ter um público bastante jovial. Muitos deles já tiveram passagem pela polícia ou se envolveram com o crime. Numa tarde, no dia 25/01/2015, estive com Alex numa casa, na qual foram feitas orações, exposições sobre as escrituras e unção com óleo nos doentes. No recinto, havia vários moços e algumas moças, estas eram envolvidas no crime. Outro, compositor e cantor de funk ostentação<sup>19</sup> que atua como Mc, e os demais recém convertidos da ADFEC.

Observei em alguns momentos, que todos ali estavam calmos, não ouvi gírias, palavões, ou referências a roubos, tráfico e etc. Após aquela reunião, Alex informou que *as orações traziam paz, no entanto alguns dali continuariam na prática criminosa, mas que paulatinamente estavam indo a ADFEC*. Para Wania & Marcos (2012: 124),

O sentimento de pertença religiosa acaba por amenizar as tensões e medos, com mensagem prévia a práticas cotidianas na cidade. Muito além de ser um mecanismo de impedimento de um aprendizado moral e político das populações pobres, as igrejas pentecostais podem ser reconhecidas como importantes instrumentos de luta moral e ética contra o não reconhecimento social e a sociabilidade violenta que impetra nas favelas.

Fundamentado nos conceitos dos autores acima, pode-se dizer que o relacionamento de instituições pentecostais na periferia, é resultado de uma adesão de jovens à igreja. Porém, na ADFEC é o contrário, ou seja, a igreja “aderiu” e os criminosos aderiram a igreja, para arquitetar as reuniões e cultos,

A adesão colaborou na constituição de uma barreira de trocas simbólicas, que atenua as tensões entre igreja e traficantes. O público jovem inserido na ADFEC aponta a própria experiência de Alex, por ser um pastor jovem de apenas 27 anos, conquistou os rapazes e moças envolvidos no crime de maneira fácil. Alex, adaptou seus discursos os tornando mais “descolados” para chamar a atenção dos jovens.

Havia um grupo de mulheres na ADFEC, conhecido no meio pentecostal, como círculo de oração. O grupo contava com três mulheres acima dos 40, e o restante eram mulheres abaixo dos 30 anos. Por ser uma igreja com traços das AD's, o fato de estar na sedinha sem uma placa oficial, incomodava Alex, que desabafa numa conversa informal, “(...) *a sedinha não tem cara*

---

<sup>19</sup> É um estilo musical brasileiro, criado no ano de 2008, na cidade de São Paulo. Considerado como uma vertente do funk carioca, o gênero desenvolveu-se primeiramente na Região Metropolitana de São Paulo e na Baixada Santista, antes de alcançar proporções nacionais a partir de 2011.

*de igreja, precisamos expandir, precisamos evangelizar mais, a ADFEC precisa ser mais visível” (26/01/2015).*

Segundo o pastor, um de seus pensamentos a respeito do projeto ADFEC, era o de desligar a igreja do espaço comunitário para se filiar a uma outra de maior expressividade, por nome Missões para as Nações. Para Alex, significava mais suporte e ajuda, para espalhar sua mensagem aos bandidos da favela.

Se pensarmos na sedinha como instituição filantrópica, antes da presença da ADFEC, pensamos apenas numa sede comum e pública, com características que nada diferem das associações comunitárias de outras favelas. No entanto, a sede se torna “mãe”, por ter os “braços”, que abraçam a todos, como um todo. Com a ADFEC, a sedinha se “converte” em um movimento cívico-religioso, com elementos simbólicos da religião cristã de matriz pentecostal. E porque tal junção, entre sede (espaço-social-público) e a igreja (espaço-religioso-privado)?

Para os envolvidos significava, mostrar certa unidade frente ao sofrimento cotidiano dos moradores, que clamavam por mudanças sociais e por justiça, para tanto nos orienta Machado (2014: 156)

A dimensão do religioso é frequentemente acionada na experiência e expressão daqueles que sofrem com a violência na cidade. Os atos pela paz, tal como discutidos por Birman e Leite (2004), são movimentos cívico-religiosos nos quais elementos performáticos e simbólicos das religiões (cristãs, em sua maioria) vêm à cena pública reforçar a legitimidade da dor dos que sofrem e expressar seu desejo por justiça. A expressão do sofrimento no Rio de Janeiro apresenta, muitas vezes, forma e conteúdo religiosos.

Quando indaguei Alex, de como conseguiu agregar criminosos no culto, sua resposta foi clara, a respeito da importância do lugar na qual realizava suas reuniões,

A sede é o coração da favela, lugar perfeito. Logo no salão ao lado tem o símbolo, taças e prêmios do time oficial dos meninos. Com isso, todas as vezes que eles estavam perto do local, ouviam o barulho dos cultos e entravam para participar, as vezes um ou outro ficava do lado de fora, tímido talvez, mas, sempre estavam conosco como membros oficiais dos cultos por nós realizados. (Entrevista realizada em 16/01/2015).

Algumas especificidades importantes das redes de caráter religioso, são destacadas pelos autores Almeida & D’Andrea (2004: 103-104),

As redes evangélicas trabalham em favor da valorização de pessoas e das relações pessoais, gerando aumento de autoestima e impulso empreendedor no

indivíduo, mas também fomentam a ajuda mútua por meio de laços de confiança e fidelidade. Nos templos há circuitos de trocas que envolvem dinheiro, alimentos, utensílios, informações, recomendações de trabalho etc. À diferença dos programas sociais promovidos de fora da favela por católicos e kardecistas, trata-se de uma reciprocidade entre os próprios fiéis moradores da favela (pastores inclusive) que se pauta pelo princípio bíblico de ajudar primeiro os ‘irmãos na fé’ (os frequentadores do mesmo templo). Estes se casam majoritariamente entre si; muitos parentes se evangelizam e se tornam assim ‘irmãos de fé’; a sucessão religiosa nos templos também passa costumeiramente pela rede de parentesco. Assim, sobrepõe-se no âmbito evangélico as redes familiares e religiosas, em como as de vizinhança e de conterrâneos.

A sedinha, para os moradores tanto quanto a ADFEC para os féis, cumpriram o duplo papel (cívico-religioso), e o específico que era o de atender as pessoas independente de suas posições sociais, religiosas, raciais e faixas etárias. Como espaço igualitário a igreja se transformou num caminho, para a interação dos indivíduos que partilhavam do espaço da sedinha.

O perfil dessa rede associativa, levou os bandidos e ex-bandidos da ADFEC, encará-la, como: fornecedora de sentido de vida; fornecedora de segurança espiritual e fornecedora de segurança física (caso a polícia parasse em frente à sede, os bandidos estariam protegidos dentro da igreja). Concordo com Jacob (2006: 237), quando faz referência a forte presença dos fiéis pentecostais nas periferias:

De fato, a concentração dos pentecostais nos bairros periféricos, com os piores níveis de condições de vida, se apresenta como outro aspecto que se repete em todas as capitais estudadas. A forte presença de fiéis desse grupo religioso nas periferias tem levado, inclusive, à formação de verdadeiros anéis pentecostais em torno das áreas centrais das capitais.

As igrejas pentecostais “periféricas”, atuam nas regiões que possuem grande tendência de assimilarem seus discursos. Os discursos, atingem grupos e classes sociais específicas. No caso de Alex, as pregações por ele proferidas, não despertavam nos criminosos a rejeição pelos seus equívocos. Pelo contrário, produzia engajamento, posto que não existia repreensões verbais e/ou pregações nesse sentido. Entre Alex e os agentes do crime havia uma ponte, chamada interação, que os colocou frente a frente, e possibilitou que os extremos de cada um dos polos se tocassem, sem nenhum constrangimento.

No contexto violento das práticas do crime, não é difícil detectar que não há abismos que separam esses mundos. Há reciprocidade e afinidade. Somente assim, os trabalhos da ADFEC foram eficazes. Como aponta Timmer (2011: 4), em sua pesquisa,

(...) o apoio de natureza mais logística, em que reuniões e assembleias desses movimentos e entidades eram realizadas nas dependências da Igreja, que por essa forma lhes ajudava; havia também o apoio de natureza simbólica e, em certa medida, política, em que pese, por exemplo, a presença de padres em atividades desses movimentos, ou então de posicionamentos oficiais ou semioficiais por parte da Igreja e/ou de seus agentes em favor dessas atividades, e de uma postura de tomar partido em favor dos movimentos e de defender sua causa nos fóruns e espaços onde a Igreja tinha voz (...)

No cotidiano, sem dúvida, a igreja tinha voz, seu pastor tinha voz e o bandido (chefe) lhe deu a liberdade de voz no espaço comunitário, ou seja, o financiador do funcionamento da ADFEC foi Marcos – o traficante de drogas. Na entrevista (parte mais extensa), que Alex me concedeu no dia (19/01/2015), o pastor destaca a força pastoral na comunidade, com os seguintes dizeres.

Então, ali no prédio da Associação do Jardim São Jorge, na verdade existem três salões lá. Tem um em cima, um embaixo que a gente faz o culto e do lado que está vazio. A gente, ficou com o melhor salão para fazer os cultos. Inicialmente, a gente realmente precisava de uma ajuda, pra questão de som, para as pessoas sentarem, as vezes a motivação ali que os próprios moradores traziam cadeiras de casa para participar do culto. Você vê que a motivação estava muito forte, né... Agora questão dos criminosos ou ex-criminosos, que cooperaram diretamente ou indiretamente, foi da seguinte forma: como todo mundo ali mora naquela região, entre os becos e atalhos ali, todo mundo ficou sabendo do que tava acontecendo ali. Então, querendo ou não, muitos desses, entre aspas criminosos, é filho de crente, ou são desviados dos caminhos do Senhor. Então se sentiram comovido, e um deles, até chegou a me dizer: o meu pai tem um bar, e tem muitas cadeiras que não tá usando, e essas cadeiras, aquelas de plástico, está escrito Brahma atrás, tem algum problema? É só pro povo ir sentar mesmo! Eu falei, não tem problema nenhum, se você ceder vai ser maravilhoso. Porém, na mesma semana que a gente iria pegar as cadeiras do rapaz, já compramos algumas cadeiras no cartão de crédito. Eu falei não vamos pegar nada de ninguém. Agora, se as pessoas quiserem cooperar com contribuições para ajudar a pagar as prestações dessas cadeiras vai ser bem-vindo. Então foi desse jeito que eu trabalhei. (Entrevista realizada em 19/01/2015).

A questão levantada, se deu quando questionei sobre a procedência dos materiais, objetos e recursos que compunham a parte interna da igreja. O pastor menciona que, “*isso acontece direta e indiretamente*”. O discurso implícito de que os criminosos contribuíram para o bem-estar dos féis, deixa de ser indireto, quando Alex verbaliza a seguinte expressão “... *a questão dos criminosos ou ex-criminosos, que cooperaram...*” (19/01/2015), o pastor menciona que a ajuda é comum na ADFEC. A ajuda é confirmada também na fala de Fábio (adiante).

Relato que o pastor ofereceu um histórico<sup>20</sup>, com importantes detalhes para acrescentar as informações. As mesmas, foram coletadas conforme o entrevistado, julgava conveniente informar. As informações foram chegando aos poucos.

Quando do começo da ADFEC, *“muita gente” saiu do crack, e tiveram suas vidas mudadas, quando começamos o público não era tão grande, mas a maioria era bandido*” (19/01/2015). Segundo Alex, pelo menos 13 pessoas que haviam perpassado entre os artigos 155<sup>21</sup>, 157<sup>22</sup>, 121<sup>23</sup> e 12<sup>24</sup> estavam lá. Os indivíduos, somam-se entre homens e mulheres a maioria jovens.

A igreja continha por volta de 40 membros fiéis, que dividiam espaço com os jovens mencionados acima. Assim, o que se tem é uma diversidade de histórias, testemunhos dentro de um mesmo contexto social da favela.

Quando perguntei sobre possíveis entrevistas com os bandidos, fui orientado pelo não o fazê-lo. E se quisesse saber mais informações teria de me limitar as informações externas, Alex não quis que me interferisse no núcleo dos criminosos. Havia garantido, com extrema certeza de que suas falas estariam de acordo com verdadeiro processo histórico da ADFEC e seus membros. Temia que se alguma coisa acontecesse, a “culpa”, pudesse recair sobre o pesquisador e o pastor. Refleti a situação, tanto delicada e junto ao orientador da pesquisa, decidimos seguir as orientações de Alex.

O jovem pastor chegou e declarar também que, talvez, que Marcos, *“saísse da igreja isso influenciaria os demais, já que o mesmo teria um grande poder de influência”* (19/01/2015), no entanto, seria hipótese futura. Quanto ao total de criminosos que eram fiéis e assíduos a ADFEC seria de 7 homens 5 mulheres. Os demais fiéis são moradores que romperam com suas igrejas e passaram para lá, são trabalhadores, donas de casa e domésticas. Todos moram nas imediações, bem perto da localização da sedinha.

O estudo das relações dos agentes, na ADFEC, auxilia-nos para compreendermos as práticas de grupos religiosos na periferia. Embora o pentecostalismo, seja uma religião de

---

<sup>20</sup> Informações concedidas por pastor Alex no dia 25/03 numa de nossas conversas informais, porém, quando avisei que faria um adendo e inseriria essas informações na pesquisa, o mesmo permitiu e verbalizou que não haveria nenhum problema em expor esses fatos.

<sup>21</sup> Art. 155 - Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel;

<sup>22</sup> Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência;

<sup>23</sup> Art. 121. Matar alguém;

<sup>24</sup> Art. 12. Importar ou exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda ou oferecer, fornecer ainda que gratuitamente, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a consumo substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar;

pertinazes aspectos emocionais, não deixa de incentivar e desenvolver ações racionalmente elaboradas com um fim. A questão está acerto, com a sociologia compreensiva de Max Weber<sup>25</sup> (WEBER, 2004). Por fim, para encerrar o capítulo, presumo que o pentecostalismo também favorece e consolida o modo de pensamento moderno, na qual as redes adquirem significados importantes na vida de seus atores. O observamos na ADFEC, são práticas religiosas não fechadas numa tradição moralista/arcaica das AD's. Pelo contrário, há reinterpretação, reorganização e readaptação da tradição. A quebra das “fronteiras” resultou nas atividades moldadas a vida criminosa, às necessidades da ADFEC e a realidade dos moradores do Jardim São Jorge.

---

<sup>25</sup> Ver in: Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

## CAPÍTULO II

### 2. BANDIDOS E EX-BANDIDOS NO ESPAÇO DE INTERAÇÃO

Quando estive na ADFEC por algumas vezes tive de falar *via* púlpito (mesmo sem ter ligação com suas crenças), aos membros da igreja de Alex numa situação de “pesquisador-participativo”, para ganhar a confiança dos membros da igreja. Assim, obtive mais liberdade para continuar com os relatos da pesquisa. Portanto, não há uma ordem de perguntas/respostas lineares nas entrevistas, as informações demandam de horas a fio de perguntas e entrevistas que se deram com alguns encontros marcados, ora de dia, ora de noite.

O fato da ADFEC se localizar no centro da favela, lhe proporcionou visibilidade e certo poder para agir na vida dos bandidos, através de seus discursos. Alex apontava salvação nos seus “sermões”, pregava mudança de vida e novos valores aos fiéis. Porém, alguns não mudavam suas ações, mas interagiam nos cultos pentecostais normalmente. Quando perguntei a Fábio se tal interatividade entre criminosos e pentecostais era legítima e conhecida pela comunidade, o jovem recém-chegado na ADFEC cedeu-me preciosas informações que serviram para relatar os cruzamentos de Alex com os agentes do crime. Como não havia uma maneira direta de entrevistar os bandidos e ex-bandidos, tomei os depoimentos de Fábio.

Fábio, 23 anos, “nasceu” na favela do Jardim São Jorge, sua mãe ex-espírita, hoje pentecostal da ADFEC, também reside na região. Desde os 16 anos esteve envolvido com o tráfico de drogas, a nível de gerente de biqueira (bocas de droga), trabalhou para um dos chefes do Comando (PCC), como responsável de vários pontos de vendas de entorpecentes. Segundo Fábio sua vida recuperada pelo trabalho da ADFEC e passou do estado de bandido para ex-bandido.

Segundo Hobsbawm (1978: 22). *O bandidismo é uma forma bastante primitiva de protesto social organizado, talvez a mais primitiva que conhecemos.* Nesse sentido, a atuação do bandido no contexto da favela é um fenômeno contemporâneo que age de forma organizada, suas ações podem ser distintas e interpretadas de vários modos. Não é correto pensar no bandido como apenas um indivíduo que age por conta própria fora da lei e sem qualquer organização. Pelo contrário, a organização, as regras rigorosas e a hierarquia da ordem criminal, conferem ao bandido prestígio e reconhecimento social na periferia. Na favela o bandido é o que comanda o tráfico, rouba, assassina, dentre outras práticas que são consideradas criminosas não pelas convenções locais, mas pelo Estado ou governos. De acordo com Teixeira (2013: 62),

(...) o *bandido* é o “sujeito-homem”. Está envolvido totalmente em alguma atividade criminosa (assalto, sequestro, tráfico, milícia, etc.). Seus amigos estão quase todos envolvidos diretamente com isso também. Os lugares que frequenta, suas atividades de lazer, etc., tudo está, de algum modo, ligado à atividade criminosa que pratica. Mas, dentro dessa vida, ele age de modo moralmente digno, não “vacila” com ninguém e não descumpra as regras de convívio. Muitas vezes se referem a ele como o “verdadeiro bandido”.

No dia 14/01/2015, especificamente no primeiro culto que visitei na ADFEC, o pastor Alex, verbalizou a seguinte expressão: “(...) *a igreja muda o caráter.*” Frase peculiar e conhecida dentre os evangélicos pentecostais quando se trata de mudança de vida e conduta. Para Alex, a igreja ali tinha o poder de orientação aos indivíduos. Fábio é uma dessas pessoas que depois que Alex realizou alguns cultos e sua casa, acabou entrando em contato com o pentecostalismo.

Para me aproximar de Fábio tive de esperar alguns dias, o acesso a ele era difícil, havia acabado de sair da vida do crime e por isso havia desconfiança em relação a mim. Porém, depois que Alex me apresentou para os fiéis em um culto oficial, no mesmo dia procurei me aproximar e arriscar um pouco mais numa conversa com Fábio. O caminho para as entrevistas me foi aberto. Alertado por Alex de que poderia ser complicado, insisti com todo o cuidado em observar o rapaz, até que conheci sua mãe, e pude ir até sua residência para marcarmos uma entrevista.

Após alguns dias o moço por meio de mensagens via SMS, confirmou sua vinda até determinado local, no qual num longo diálogo, forneceu-me informações sigilosas do ponto de vista de quem mora na periferia. A entrevista seguiu o padrão semiestruturado, já que a conversa teve pontos cruciais, a qual Fábio optou por fugir de um roteiro de perguntas específicas e lineares. Para não o desanimar quanto à ordem, deixei-o bem à vontade quanto as respostas. Digo semiestruturada seguindo os passos de Meihy (2011: 105-106), que descreve as questões das entrevistas no campo de pesquisa, alertando que,

É comum ocorrer situações em que, depois de findar a gravação, o colaborador conta algo importante e que não consta na fita. Quando isso ocorre, recomenda-se que seja chamada a atenção dos colaboradores solicitada a autorização para incluir no texto, se for ao caso. Eventualmente, se acontecer de uma entrevista durar muito mais do que se espera e se acabar a fita, ou a memória do registro, deve-se avisar o narrador e sugerir novo encontro, na impossibilidade de se fazer outra sessão, como último caso, pode-se não do caderno de campo. Uma boa entrevista sempre é resultado de uma conversa entabulada amistosamente em sempre há um poço de demonstração no processo narrativo. Há situações de entrevistas que são delicadas. Em alguns casos, os entrevistados pedem para desligar o aparelho ou mesmo deixando algo gravado solicitam para que não seja divulgado. Nessa situação também

cabe a negociação, mas lembra-se que ao final sempre a vontade do colaborador deve ser respeitada. Às vezes ocorre de uma pessoa chegar e querer participar de uma entrevista; nesses casos, deve-se sempre avaliar as consequências.

Desse modo, as informações abaixo foram ouvidas e gravadas através de um gravador de áudio, a partir do dia 20/02/2015 às 13h30min aproximadamente o desfecho se deu as 16h00min. As falas estão no original para garantir a veracidade do discurso do entrevistado, quanto a alguns apontamentos feitos por Fábio, são de conversas informais que se seguiram depois de alguns dias, estas conversas serão destacadas no decorrer do texto da pesquisa. De início, pergunto ao entrevistado quem é Fábio? Ele se identificou da seguinte maneira:

Sou morador da favela do São Jorge, tenho 23 anos, estudo, sou filho de uma evangélica da Assembleia de Deus Fortificada em Cristo (ADFEC), congrego na mesma igreja, sou pai de família e no momento estou desempregado. (Entrevista realizada em 20/02/2015)

Quanto a sua vida passada e se teve envolvimento com o crime, Fábio, responde:

Muito... Eu trabalhava na CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), aí fui e saí. Aí comecei a andar com os meninos. Bem na época que começou os bailes funk e tudo. Aí eu via os caras sempre carregando as drogas. Aí tinha uma casa, que a gente sabia, porque os caras sempre pedia pra gente buscar um saquinho ali... comprar um saquinho lá... Sempre fazendo um favor. Eu ficava sempre olhando, olhando, aí comecei a andar com os meninos que eram envolvidos no tráfico, fui me envolvendo, me envolvendo, mas, aí nem comecei. Normalmente o pessoal já começa a trabalhar na biquera, passando, vendendo, eu não. Eu já entrei quando os caras estão fazendo a kilaiada (quilos) toda. (Entrevista realizada em 20/02/2015)

Fábio faz questão de destacar que começou no tráfico “pulando” a hierarquia, como gerente, iniciou sua vida criminoso no alto escalão da organização. Isso explica a influência que teve no mundo do crime, já que seu “patrão” (Marcos) é também o articulador do espaço da ADFEC e líder do tráfico em liberdade na favela. Em um dado momento de nossa conversa, perguntei se teria se envolvido com “algo” mais além do que ele já havia citado, de imediato Fábio, relata sim,

Sim, aí fui e falei com um cara, o cara é até gay, onde eles faziam os negócios, aí eu falei: “fala pros caras me envolver”. Até que chegou um dia que ele me disse: “não entra aí dentro aí”. Quando fui ver eu já estava dentro, já queimando papelzinho. Depois os caras foi e comecei a fazer os quilos também. Só olhando eu aprendi a fazer, depois os caras soltavam na minha

mão e aí eu fazia tudo. E fazia vários quilos. (Entrevista realizada em 20/02/2015).

O ingresso na vida do crime na periferia é fácil, basta ser “apetitoso”<sup>26</sup>, a vida é “louca”, tem de ter coragem. O que para Fábio, significava que a vida bandida era diária e corriqueira, ou seja, suas atividades em relação ao tráfico de drogas sempre foram intensas, tanto que ser traficante para a comunidade era ser digno de respeito entre os demais. Segundo Fábio, o ingresso na vida bandida se deu na adolescência,

Então, quando eu cheguei no São Jorge minha mãe era espírita, aí ela começou a frequentar igreja, a Igreja Universal, na Universal ela só foi umas sete vezes, naquela campanha do sete lá...aí ela não sentiu mais vontade, e começou a ir numa igreja pentecostal. Eu era pequeno, tinha uns 8 ou 9 anos. E aí daí com uns 13 anos eu parei de ir. Trabalhei, me envolvi, e fui... Então, fiquei dos 16 aos 22 anos. Fiquei uns 6 anos. (Entrevista realizada em 20/02/2015).

O que se percebe é que desde o início, Fábio transitou por várias religiões o que lhe não pareceu estranho se filiar a ADFEC. Sua vida religiosa não seguiu um padrão único de religiosidade. O trânsito religioso de Fábio por ser na periferia tem aspectos peculiares, todos os lugares que frequentou junto com a mãe eram na região. Talvez, por estar num ambiente praticamente plural em relação as crenças diversas o facilitou na questão de se adequar a ADFEC, uma vez que era especificamente igreja que procedia de estreitas relações com os traficantes da favela.

Pergunto se ainda se considerava um bandido do Jardim São Jorge e de que maneira eram as coligações com outras favelas por perto. Embora não tenha respondido diretamente à pergunta, Fábio prossegue em contar como o esquema do tráfico era milionário e que tudo girava em torno de um só dono, que estabelecia regras econômico-financeiras para atuação no narcotráfico,

(...) a gente tomava conta de várias biqueras, muitas, muitos pontos de tráfico. Uns 10, 15. Era papo da gente pegar juntar o dinheiro. Quer ver? Tinha vez que a gente juntava 50.000, fora os gastos que tinha e fazia as contas de tudo. Quando ia ver dá 300.000,00. Por dia, a gente fazia 5 kg. Depois foi 10 kg, depois 20 kg, depois foi indo, foi indo, foi indo... Vixe, e isso acabava com a vida dos outros também né?! Isso é... De um só dono. Mas, antes, quando eu queria me envolver mesmo, tinha um trabalho que era bem mais... Onde tinha muitas pessoas, e havia muito mais trabalho. 400 kg era 300 kg. Teve uma época que a favela chegou a ficar cercada de tanto polícia, da rota e reservada. Era polícia a paisano, era tudo! (Entrevista realizada em 20/02/2015).

---

<sup>26</sup> Termo usado para definir coragem.

Fábio informou ainda, que mesmo envolvido no tráfico de drogas frequentava cultos pentecostais na ADFEC e em outras igrejas por perto. Na favela sempre foi uma prática comum dos criminosos visitarem igrejas pentecostais da região e serem assíduos quanto as reuniões, mas não faziam vínculos com as instituições. Fábio diz,

Eu sempre ia, sempre ia alguém lá em casa e minha mãe ainda... É por que o pessoal pentecostal eles visita mesmo as pessoas, eles oram, eles levam a palavra, tenta te ajudar, tenta te mudar. E você sempre humilde as pessoas... Por que as pessoas do crime assim são bem humildes. É difícil você ver uma pessoa querendo brigar. E ainda com crente. A maioria quer receber oração e livramento (risos). (Entrevista realizada em 20/02/2015).

Em relação a humildade que o entrevistado levanta está ligado a questão de ajuda, como no caso de Marcos que segundo Alex ajuda a comunidade com o básico, cestas básicas, roupas e dinheiro. Para alguns moradores, significa que ser bandido humilde, é ser bandido que ajude e auxilie nas questões básicas de seu povo. Não quer dizer que bandido humilde esteja perdoado de seus crimes por alguns moradores, há de se dizer que não se pode contar com a periferia como um todo no que se refere a ter afinidade com bandidos e até ex-bandidos. Alguns moradores ainda resistem de modo implícito as ações dos envolvidos no crime.

Quando mencionei a questão de informar se havia mais menores que maiores envolvidos no tráfico, Fábio oferece-me mais informações importantes. Segundo ele, há uma tática exercida pelos chefes em relação de quem atuará na rua ou não. Até porque, isso colocaria em risco todo o esquema de venda de no local, para tanto Fábio indica que,

Pra vender mesmo, nas biqueras, nos lugares, são menores, mais menor, por que menos eles vai e solta. Se for preso não dá nada, não dá uma semana já ta solto. Menor não tem como segurar na cadeia. Agora, a maioria dos maior, é dono, ou são gerentes, ou é dono, ou então, é o que faz, que trabalha na produção. É... colocando no saquinho, na cápsula, cortando maconha, encapsulando cocaína, cortando pedra. (Entrevista realizada em 20/02/2015).

O depoimento de Fábio aponta que a influência da criminalidade no local é latente e que perante a comunidade os bandidos galgam respeito (uma questão de imposição) dos moradores em relação a suas funções e práticas. A “tolerância” dos moradores se dá pelo fato das pessoas serem “coagidas” a conviver com o crime na periferia. Uma vez que, quem é contra o tráfico e o denuncia está contra o Comando (PCC). Inseridos no contexto de violência e medo, os moradores procuram se desvencilhar de qualquer atrito com os criminosos para não sofrerem retaliações. Para Fábio,

Antigamente, todo mundo roubava todo mundo dentro da favela, mas depois que o comando começou a entrar no meio, onde veio a tal da disciplina. Aí ninguém pode roubar ninguém, e os traficantes que é dono lá da biquera. E ninguém pode roubar ou matar sem a permissão do comando. É a mesma coisa, Primeiro Comando da Capital, não se fala PCC, se fala comando mesmo. Então, você olhando bem, isso aí trouxe um benefício. Por que tinha gente que pu8lava dentro das casas roubava botijão de gás. Tinha gente que... Não, mas, tinha muito bandido malandrão também que você ia viajar, quando você voltava ele já estava dentro de sua casa. Então hoje em dia, acho que o pessoal agradece, agradece até mais... E dá graças à Deus por isso também. Porque hoje em dia tem certa disciplina. Hoje, tem gente que não gosta, mas a maioria, aceita numa boa. (Entrevista realizada em 20/02/2015).

Preponderantemente, Fábio era visto na favela como alguém de poder, normalmente a interação entre moradores/bandidos e bandidos/igreja se dá de maneira tranquila, *a priori*, ali todos veem os delitos e ficam quietos. Dependem dos criminosos para morar e subsistir na região, ou seja, ninguém vacila, se vacilar perde tudo, inclusive a vida. Não se propaga o que acontece no dia a dia do crime. Na favela a interação entre os agentes de certa forma é possível, caso alguém seja intolerante e esboce alguma reação contra os criminosos será investigado, e se confirmado sofrerá represálias da organização. O poder do crime é comum no dia a dia da favela, nas falas de Fábio, as ações e aceitação é legítima, caso houvesse discordância haveria punições severas,

Antes, tinha gente que nem gostava de mim, mas, depois... que virei bandido, acabaram aceitando, gostando... Aí você trabalha pra alguém, você toma conta de tudo, porque ali era quase tudo nosso praticamente. Só tinha os dono, eu era gerente e subgerente, e nem só subgerente, a gente ainda fazia. Era muito dinheiro muita coisa. Ah, e tem um ponto bom, é que sempre quando alguém dá uma mancada você tem que, bater, cobrar. Então, eu só ia na parte de bater, mas, na hora de matar eu não matava não. Nunca fui não. (Entrevista realizada em 20/02/2015)

Fábio me diz que na favela há uma disciplina que vem “de cima” do partido do PCC, ou seja, as ordens vêm dos presídios. Ordens que por sua vez, oferecem norte aos moradores que vivem sob um rigoroso sistema que os remete a ter cuidados enquanto estiverem domiciliando na favela. As disciplinas servem como exemplo para a comunidade não errar e andar sempre ‘direita’ como já foi mencionado. As “regras periféricas”, ou da periferia, consolida a organização criminosa que são aceitas pela maioria e que estabelece certa colaboração com o tráfico do lado de fora dos muros prisionais. Segundo Fábio,

(...) também tem gente que se revolta, mas a maioria aceita. É poucos que não aceita. Por que quando você está carregando os negócios para lá e pra cá, tudo... Até os moradores, ficam olhando pra ver sem vem policial e tudo, pra te avisar. (Entrevista realizada em 20/02/2015)

Nesse sentido, o apoio gera proteção aos bandidos, e de certa forma os mesmos se veem auxiliados pelos moradores da favela. A expressão “*passar um pano*”, exemplifica a proteção em situações de fuga da polícia. Fábio mencionou que era comum os moradores dizerem: “*entra aqui*” – “*se esconde aqui*” (20/02/2015). Indaguei se já havia ocorrido de estar em plena atividade do tráfico e cair na dependência dos moradores, Fábio responde: “*Já, no São Jorge mesmo todos aceita, todos... todos leva como normal, aliás nem todos..., mas a maioria*” (20/02/2015).

As relações de interação entre bandidos e moradores estão marcadas por uma mistura de proteção e colaboração. A começar pelo fato, de o bandido ser um tipo ideal do protetor da comunidade, um segurança e libertador. Indica que há uma rede de relacionamentos, que se entrelaçam o tempo todo.

Fábio que atuou como gerente e subgerente do tráfico, informou que a rede do crime (PCC) exerce a disciplina dentro e fora dos muros dos presídios, e é complexa dado a organização e estrutura financeira. Para os chefes do esquema, o tráfico de drogas pode ser uma “saída” para os menores infratores terem independência e legitimidade na favela ou um meio de virar um criminoso famoso, bandido de respeito.

O “*status quo*” do bandido como alguém que tem os “*braços fortes*” do partido, fazem toda a diferença na favela, posto que os indivíduos envolvidos com o partido sempre serão vistos como os: caras, bandidões, mafiosos. A atuação de Fábio no narcotráfico nos faz pensar na estrutura do PCC como organização macro do sistema criminal, o que aponta para a questão importante das relações entre os bandidos e comunidade. Essas relações geram fontes de dinheiro que procede de “empresas” de narcotráfico do país, o que segundo Dias (2011: 257),

O crescimento do PCC, em termos de seu controle geográfico, da sua participação na economia criminal, e de controle sobre determinados extratos sociais em espaços territoriais específicos, foi acompanhado de uma dinâmica interna e externa em que os confrontos de violentos abertos foram absolutamente restringidos entre os seus ‘iguais’, ou seja, os atores que compõem o ‘mundo do crime’ e os moradores das localidades controladas pela organização. Este tipo de confronto foi reservado, sobretudo, para as relações com forças policiais e com a administração prisional, e ainda sim, em situações particulares. Ao invés da violência física direta, as relações internas ao PCC e as relações do PCC com aqueles que confrontam sua base de representação e conferem suporte para seu poder – a população carcerária e os moradores das

localidades com forte influência do PCC – foram dotados de procedimentos de modulados a partir de vários critérios, orientados por princípios gerais que remetem as ideias de justiça, solidariedade, união, respeito, humildade e submissão ao comando.

Pessoas como Fábio e os “*caras*” a qual se refere, são de certo modo *companheiros e/ou primos* do PCC, e não *irmãos* que tenham passado pelo batismo<sup>27</sup>. Ademais, tornam-se colaboradores e cooperadores da teia do comando, auxiliando na organização. Baseado na primeira fase da entrevista concedida por Fábio o esquema seria assim: Fábio como gerente e/ou subgerente (Primo-Companheiro) fazia contato junto aos chefes do PCC, trabalhava para o comando e para Marcos. Destaco nesse particular, que Hobsbawm (1978: 27), ao referir-se ao bandido, na citação abaixo, não traduz a realidade que se aplica ao PCC quando relata que,

(...) se o bandido se une a uma quadrilha, ou organiza a sua, passando a ser forçado, por motivos econômicos, a cometer certo número de roubos, essa quadrilha raramente será muito grande, em parte por imperativos econômicos em parte pela organização, pois o bando se mantém unido apenas pelo prestígio pessoal de seu líder.

Implica dizer que, quanto ao comando não se pode pensar a partir desse contexto de minoria, ou o ‘raramente muito grande’. O que se observa da união criminal é que não se fixa apenas no nome do líder, no entanto na atuação do grande grupo como um todo. Durante nossas conversas e informações, Fábio mencionou algumas vezes que a organização criminosa, produz um rendimento altíssimo para os criminosos. Tanto para os que estão presos quanto para o que estão em liberdade. Ainda calcado na primeira parte da entrevista, é possível descrever que a vida bandida produz uma imagem, um *éthos*, para aquele que nela vive, segundo Hobsbawm (1978: 25),

(...) é importante que o bandido social incipiente seja considerado ‘como honrado’, ou como “não-culpado” pela população, pois se fosse tido como criminoso em relação às convenções destas, não poderia desfrutar da proteção local, que lhe é rigorosamente necessária. Quase todos os que enfrentam os opressores e o Estado são considerados como vítima, como heróis, ou ambas as coisas. Portanto, quando ele passa a ser perseguido é protegido naturalmente pelos camponeses...”.

As redes construídas entre os bandidos, ex-bandidos, e a ADFEC no Jardim São Jorge, explicitam um fato importante, que as relações de poder e a interatividade de convivências são

---

<sup>27</sup> A questão do batismo ainda tem muitas discussões de como procede o ritual é variado dependendo do local e das condições.

comuns entre dos grupos. A ADFEC é a igreja que convive com o crime no dia a dia, mesmo com as pregações sobre mudança de vida, Alex se vê amparado por Marcos na sedinha, ou seja, criminosos, moradores e ADFEC são parceiros coadunados em prol do “povo” da periferia. Há de se lembrar, que antes de saírem para alguma “fita”<sup>28</sup>, Alex o pastor, sempre aparece com “orações de livramento”, para legitimar a confirmação e proteção dos indivíduos, alguns se utilizam dessas orações para se livrarem da polícia ou da morte nas fugas ou ações de tiroteio na região.

Fábio mencionou, *“que se não fosse a ADFEC não teria condições de ser quem é”* (20/02/2015), a igreja lhe ofereceu o recomeço, seu ingresso na ADFEC o levou para a busca de uma nova perspectiva. Segundo ele, através do pentecostalismo, pode resgatar e construir uma nova imagem para si. Embora a comunidade ainda o tenha como bandido em sua memória, Fábio reitera que, *“hoje não sou mais quem eu era, tudo se fez novo”* (20/02/2015).

## 2.1 Quem São Eles?

Antes de tudo, analisar a vida do bandido e do ex-bandido leva-nos a pensá-los como, personagens entre os becos das favelas e, talvez, cabe-nos a pergunta: quem são eles de fato? Para alguns moradores, são “heróis”, que representam a luta contra o sistema opressor dos pobres. Quando das reuniões da ADFEC, percebi que o bandido é uma espécie “Robin Hood” do pedaço, *bandido social* (HOBSBAWN,1978: 28), generoso entre os pobres temido pelos ricos. Não quer dizer que o bandido nesse particular esteja correto, pelo contrário, continua a ser bandido/criminoso. No caso de Marcos dentre outros traficantes, havia um consenso entre eles para que quando chegassem de algum roubo (artigo 157) ajudassem os necessitados da favela, com roupas, comidas e outros subterfúgios. A “ajuda” ou “amparo”, também aconteceu na ADFEC com alguns objetos que foram “doados” a partir do ilícito.

Os bandidos eram vistos como referências pela juventude do local, que os exaltavam como bandidos-bons e firmeza (s), na ideia do bandido social, Hobsbawm (1978: 28) nos aponta que,

(..) o homem que tomava dos ricos para dar aos pobres, e se roubar dos pobres e só matava em legítima defesa ou vingança justa. É praticamente obrigado a isso, pois há mais a tomar dos ricos do que dos pobres, e se roubar dos pobres

---

<sup>28</sup> Alguma situação ou acontecimento. Estar envolvido em algo. Ficar dentro de um determinado fato.

ou tornar-se um assassino “ilegítimo”, perde o que tem de mais valioso – a ajuda e simpatia públicas (...)

Embora Hobsbawn coloque o bandido na categoria de defensor dos pobres e que matavam por defesa ou vingança justa, pode se aplicar essa “realidade” a favela do Jardim São Jorge, pois, destaco que alguns bandidos como Marcos, partilhava dos lucros e dos roubos e com alguns moradores da comunidade, inclusive parte do dinheiro era injetado na ADFEC.

A *generosidade bandida* ora ilícita, atravessava as diferenças entre pentecostais e fazia com que a convivência e reciprocidade fossem mútuas entre os irmãos e os “irmãos do crime”. Devido à assiduidade aos cultos, os bandidos cultuavam, ofertavam e cantavam com os pentecostais da ADFEC e como pentecostais. Todos os requisitos, forneceram amparo para que a análise descrevesse que os mesmos viviam uma dualidade-existencial (crime-pentecostalismo), única e nova. Outro fator preponderante, é que durante os cultos, o pastor Alex, não citava palavras como: criminosos, bandidos e traficantes. O discurso visava mudança de vida, a saída do crime. Porém, Alex dependia de Marcos para continuar no espaço, ou seja, perante os criminosos, Alex deveria ser sucinto em suas palavras uma vez que dependia da ação de Marcos para continuar na sedinha.

Quando Alex dirigia seus discursos, as expressões eram: pessoal e meninos. Era comum conversar com alguns membros da ADFEC e ouvir: “*esse aí era bandido*”. Nas pregações de Alex, o sermão verbalizado centralizava o cotidiano, a humildade e injustiças. Parece haver um contraditório, aliás há, Alex não pregava contra as ações dos bandidos, fazia “vistas grossas” para preservar o espaço, assim convivia com a criminalidade na ADFEC.

A partir dessas construções de relações o que se compreende e que a ADFEC não queria conflitos com os bandidos, mas, mantê-los por perto como barreira de proteção, força auxiliadora que mediava o espaço da sede. Significa que até o momento nada poderia desatar os laços de afinidade de Alex com Marcos, tanto um como o outro eram “parceiros”. Alex “lavava” o dinheiro do tráfico com objetos da ADFEC e Marcos lhe condia licença para atuar no bairro.

Para Hobsbawn (1978: 32), nessas *sociedades o bandido se torna endêmico*, ou seja, adquire características peculiares do local e da região. No caso, pode-se afirmar que os bandidos da comunidade se tornaram religiosos por se inserirem na ADFEC e aceitarem o movimento pentecostal, mas é inegável que Alex se torna parte do processo criminoso por aceitar e se mancomunar com as práticas criminosas, um adere o outro.

O bandido é um ser tradicional da favela, sendo tradicional, ocupa o lugar de revolucionário, tem voz e esta faz “ecos” nas outras favelas. Na ADFEC, por exemplo, um bandido sempre chamava outro bandido para participar dos cultos, mesmo que alguns indivíduos estivessem com agendas marcadas para suas peripécias-ilícitas, as orações dos pastores sempre lhes foram fundamentais para aconselhamentos e confortos quando das dificuldades. Enquanto a polícia tentava capturá-los ou até matá-los, Alex intercedia pelos livramentos.

Na definição de quem são os bandidos na favela, é evidente, que são partes dos moradores, envolvidos no narcotráfico dentre outras práticas criminosas. Os envolvidos leem a igreja como lugar de refúgio, mudança de vida ou proteção. A ADFEC procurou agregá-los e ao mesmo desenvolvia uma parceria com a sedinha para oferecer apoio e aconselhamento a comunidade pastoral exercido por Alex. Assim, os que se aproximavam da igreja, contava com a ajuda do pastor e com o apoio dos membros para recebê-los e atendê-los em suas necessidades, e se caso precisassem de apoio financeiro Marcos estaria à disposição.

A próxima parte da entrevista destaca como Fábio fez a leitura de seus contemporâneos da favela, ressaltou que suas falas foram um constante fazer e refazer de suas colocações, e teve de respeitar o pedido do entrevistado que almejou narrar os fatos de maneira “solta” e livre.

Na entrevista no dia 23/02/2015, perguntei: como os bandidos e/ou traficantes veem as igrejas na favela? Há um relacionamento tranquilo? Ajuda a favela ter uma certa tranquilidade? Como eles veem o papel da igreja em si? Em seguida Fábio responde não só concernente a relação igreja-criminosos como também descreve sua ligação com a igreja e sua prática antes de se converter.

Então, é complicado isso aí. Todo mundo aceita, até os espíritas. Já falei é livramento, oração. É ser protegido de alguma forma. No meu caso eu já sempre temia a Deus, sempre ficava meio assim....Sempre colocava Deus na frente de tudo. Eu sempre tinha vontade de parar, mas aí eu pensava: há por enquanto eu não tenho nada, vou juntar alguma coisa depois eu paro e fico na igreja. Todo bandido ajuda. Muitas igrejas que é frequentada por bandido, as vezes elas são sustentadas por causa dos bandidos. (Entrevista realizada em 23/02/2015)

Indago se o fato de ofertarem, funcionava como lavagem de dinheiro na ADFEC, porém, nesse particular o entrevistado verbaliza que não, “*não é lavagem, a igreja não tem nada a ver é a pessoa que está ajudando. O bandido que tá ajudando*” (23/02/2015). Nas palavras de Fábio as ajudas dos bandidos parecem ser normais. Todavia, a maneira e a forma que era investido os valores para as compras de objetos, servia para mostrar a comunidade que os bandidos estavam preocupados com o bem-estar da ADFEC e sua *membresia*, de modo que os moradores que

frequentavam as reuniões legitimavam a bondade dos criminosos. O fato do dinheiro ser ajuda advinda do bandidismo não deixa de ser aplicação ilícita do capital, é uma maneira eufêmica de tratar a lavagem ou os recursos galgados do tráfico de drogas. O bandido que ajuda, é o bandido criminoso, que viu em Alex oportunidade aliança com o crime.

Calcado nas falas de Fábio, o bandidismo no Jardim São Jorge é amparado pela ADFEC da forma mais clara possível. Alex conseguiu chamar atenção dos bandidos da região algo que somente mãe “Alzira”<sup>29</sup> chamava. No terreiro de Alzira, os bandidos tomavam passes, recebiam orientações de entidades e eram considerados filhos de santos da yalorixá. Numa de nossas conversas no dia 24/02/2015, quando questionei se os bandidos ainda frequentam o terreiro da mãe de santo, Fábio assevera,

Ahhh, teve um dia que o chefe maior perguntou para Exú Marabô se ele fosse numa cena se seria preso. O Exú da mãe de santo disse que ele poderia ir que não aconteceria nada. Pois bem, o chefe foi, e esse cara é o maior de todos. Só que na cena ele foi preso e condenado a pagar alguns anos. Mas, ele mandou um recado de que quando sair vai questionar o senhor Marabô. (Entrevista realizada em 24/02/2015)

A insatisfação do chefe, aponta que os criminosos querem seriedade dos serviços religiosos prestados, para eles não pode existir mentiras, principalmente para quem manipula os “poderes divinos” para intermediar os setores da vida humana. Na linguagem do gueto seria “ramelar”<sup>30</sup>.

Mesmo conscientes que estavam fora dos parâmetros do Estado, a dinâmica desses atores nas periferias, como veremos em mais uma etapa da entrevista que fiz no dia 25/02/2015, demonstra que os bandidos têm seu espaço e que se destacam e por terem “respeito” (temor diria) dos moradores. Devido a maioria dos criminosos terem pertencido a alguma igreja ou por serem filhos biológicos de alguns fiéis praticantes, dirijo a seguinte pergunta a Fábio: a maioria dos bandidos que andaram com você eram filhos de crentes?

Alguns sim outros não. A maioria ia tudo pra igreja comigo. O cara (chefe-Marcos), ele não saía da igreja, ele me chamava, ele não sai da igreja. Teme a Deus de um jeito... Então, sempre... A maioria dos bandidos creem em Deus. (Entrevista realizada em 25/02/2015)

---

<sup>29</sup> Nome fictício da mãe de santo mais conhecida e consultada na favela Jardim São Jorge

<sup>30</sup> Referência a cometer falhas, pisar na bola, pilantragem, etc.;

Quando perguntei se a ADFEC aceita bandidos e ex-bandidos com “bons olhos”, Fábio esclarece que a igreja de certa forma aceita, oferece guarida aos criminosos, “(...) *aceita. Então ela acolhe*” (25/02/2015). A crise de identidade entre ser bandido e ser “da igreja”, faz caminho de opção para alguns, posto que estar na igreja e estar “blindado”, seguindo Teixeira (2013), é possível mencionar que a vida do crime é deveras arriscada ao mesmo tempo prazerosa. Pois envolve dinheiro, fama, poder dentre outros elementos simbólicos, que arrebatam os jovens e adolescentes para o tráfico de drogas e outras mazelas da criminalidade. Ademais, a vida bandida foi um dos temas mais polêmicos no rap brasileiro, dividiu opiniões e tergiversou letras pelas quais alguns grupos defendiam a marginalidade, outros a deletavam e conscientizavam a juventude sobre diversos temas na periferia.

Algumas letras, denotam que a existência de religiosidades, no entanto, os indivíduos não precisavam estar numa instituição para serem guardados. Baseados ou influenciados pelas letras fizeram a concretização de suas realidades. Na contemporaneidade, a ADFEC provou dentro de seu ambiente eclesial o contrário, é possível ser do crime, ser “cristão”, e exercer as “funções” sem restrições tanto de Marcos como de Alex. Vejamos fragmentos de duas composições musicais de alguns rappers famosos do final da década dos anos 90 que influenciaram a juventude das periferias do Brasil:

### **Vida bandida (Rappin Hood)**

Vida bandida sofrida  
Casca de ferida  
Na hora do flagrante tremenda batida  
Sujo geral, geral  
Foi foda meu irmão  
Me desculpe se falo palavrão  
Ai jáo, é só o que vem a cabeça nessa situação  
Planejamos a fita há muito mais que um mês  
Tinha até um mapa não sei o que aconteceu  
O mano mais chegado  
Aquele dia morreu  
Tudo estava certo ao chegarmos no local

Não havia sujeira estava tudo normal  
Enquadramos o guarda na maior cara de pau  
Invadimos a goma até então alto astral  
Não fizemos barulho  
Fumamo até um bagulho  
Tiramo as jóia do cofre  
Batemo aquela larica  
Pra quem desacredita  
Foi quando tudo aconteceu  
Barulho no portão  
Revolver na mão  
Coração a mil  
Escureceu e ninguém viu (sumiu)  
Tiro pra todo lado  
Foi quando o mano caiu  
Tivemo que se entrega pode acreditar (pode acreditar)  
Tu sabe como é, quem esteve lá  
Procuo não acho emprego com filho para criar  
Na base do desespero  
Quero vê cara se o crime compensa, compensa ou não  
Ai gente boa  
Vida bandida culpa da situação

É mais um mano  
Tramando na biqueira da quebrada (que parada)  
Na esquina o movimento a bocada (vai vendo)  
Com 16 já assinou um b.o (ó)  
Comerciante da pedra e do pó (ó)  
23 anos no peito um crucifixo  
E traficar agora é o seu novo serviço (por quê?)  
Com o patrão já firmo um compromisso  
800 reais por mês é o seu vício (pára com isso)  
Quem ganha isso é difícil hoje em dia

Ainda mais por aqui  
Zona sul periferia  
A freguesia vai de vento em polpa  
Nóia não tem dinheiro  
Empenhora até a roupa (que tem)  
Que vida loka, Deus me livre guarde  
Pois não é minha cara embarcar nessa viagem (não eu  
não)  
Infelizmente o crime não é creme  
E ele segue esperto de olho na p.m  
E embaçado um dia a casa cai  
E não será seu filho, mais um órfão de pai  
Peço a deus para me guardar  
E meu caminho sempre iluminar  
Pois não queria ser analfabeto  
Queria ter estudo, colegial completo  
Queria tem emprego  
Uma ocupação (por que não?)  
Vida bandida culpa da situação

Conversas como essa eu escuto todo dia (ave maria)  
Vice vida da periferia  
Os mano com talento desperdiçando tempo  
Uns comem caviar e outros dormem ao relento (no  
relento)  
Esse é o brasil  
Putá que o pariu  
Moleque de 12 anos carregando um fuzil (na mão)  
Me da tristeza ó, como eu lamento  
Se paga uma propina continua o movimento  
Isso já faz tempo  
E todo mundo sabe  
Seja na favela, seja na coabe

Esse é meu salve pra toda a molecada  
Que está no crime achando que não pega nada não  
Escuta o que eu digo pois eu sou seu amigo  
Prevenindo antes do perigo  
Pois se você cair  
Difícil levantar

Passará o resto de sua vida feito um peixe na rede  
Atrás das grades entre quatro paredes  
Então comece a confiar na força da honestidade  
Trabalhe irmão, essa é a melhor faculdade  
Estude pra um futuro melhor sim  
Tenho certeza não  
Irá se arrepender  
Pois o problema é a renda e a má distribuição  
Vida bandida culpa da situação

### **A Minha Voz Está no Ar (Facção Central)<sup>31</sup>**

A boca só se cala quando o tiro acerta,  
eu sou o sangue e o difunto no chão da favela,  
a oração da tia sem comida,  
o mendigo com a perna cheia de ferida,  
eu rimo o ladrão que mata o playboy  
o viciado que toma tiro do gambé do GOE  
o detento que corta o pescoço do refém,  
o alcóotra no bar bebendo 51 também,  
canto a história do traficante do ladrão no banco  
bebendo seu sangue,  
do moleque com a testa no muro da febem,  
do nordestino tomando sopa na cetem,  
canto o corpo que bóia decomposto no rio,

---

<sup>31</sup> A letra completa está em anexo no final da pesquisa.

a doze que entra na mansão a mil,  
"cadê o dinheiro tio? não tem? então "bum" vai pra  
puta que o pariu!"  
o meu assunto é favela farinha detenção  
sou locutor do inferno até a morte facção  
é uma gota de sangue em cada depoimento infelizmente é  
rap violento  
Eduardo, Dum-Dum, Érick 12 lamento versos sangrentos  
Pode ligar, pode ameaçar enquanto a tampa caixão não  
fechar minha voz tá no ar!  
A boca só se cala quando o tiro acerta tá-tá! bum, quando o tiro acerta

Falo do mano com a PT carregada,  
que por porra te mata,  
da criança vendendo seu corpo por nada,  
da família que come farinha com água,  
ou o humilde brasileiro aqui da periferia,  
que usa tênis da barraca e camisa da galeria,  
canta pro moleque com fome sem conforto  
não roubar seu rolex  
não cortar seu pescoço  
da os dólares senão vai pro inferno  
é isso que eu tento evitar com meu verso  
que defende quem não pode se defender  
que tá do lado de quem assalta pro filho comer  
não aceno bandeira não colo adesivo  
não tenho partido odeio político  
a única campanha que eu faço é pelo ensino  
é pro meu povo se manter vivo  
não enquadrar o boy de carro importado  
é uma gota de sangue em cada depoimento  
infelizmente é rap violento  
Eduardo dum dum erick 12 lamento

versos sangrentos  
pode ligar pode ameaçar  
enquanto a tampa do caixão não fechar  
minha voz tá no ar  
4x a boca só se cala quando o tiro acerta-tá  
quando o tiro acerta  
não canto pra maluco rebolar  
meu som é pra pensar pra ladrão raciocinar  
não tô na tv nem no rádio  
não faço rap pra cuzão balançar o rabo  
quero minha voz, luz pro presidiário  
denunciando a podridão do sistema carcerário  
tirando a molecada da farinha  
não quero seu filho na mesa do legista  
eu tô do lado da criança com fome desnutrida  
que da bote na burguesa e corre na avenida  
eu sou igual qualquer ladrão  
qualquer assassino  
um revólver um motivo é só o que eu preciso  
pra roubar seu filho meter o latrocínio

As duas composições têm algo em comum, a vida bandida sempre enfrentou denúncias dos rappers que procuravam conscientizar a juventude das práticas de criminalidade. Em contrapartida, havia rappers que cantava a exacerbação do radicalismo e do bandidismo, que outorgava e que concedia honra e glória para aqueles que se envolviam. Assim, o bandido seguia ovacionado por seus feitos. Hoje rap nacional perdeu força nas periferias, atualmente o que predomina é o funk ostentação que também prestigia boa parte dos criminosos e duas vidas luxuosas.

No Jardim São Jorge, quando os *pancadões*<sup>32</sup> aconteciam, a rua central era fechada de uma ponta a outra, com um palco improvisado no meio, de frente a sedinha (ADFEC). A festa se iniciava na noite de sábado e se encerrava às 06:00 do domingo (às vezes o pancadão se

---

<sup>32</sup> Termo usado para se referir as festas e os bailes funk que tocam músicas altas e cheias de "batidas". Os sons da batida da música correspondem ao "pancadão".

encerra as 22:00). O público na sua maioria jovem, cantava músicas de Mc's de todo Brasil dentre eles Mc<sup>33</sup> (X) (por motivos de sigilo, seu nome não será divulgado) do Jardim São Jorge. Hoje o cantor é convertido e evangelista em uma das igrejas pentecostais da região. Ao som como da canção abaixo escrita e cantada por ele, os jovens da comunidade dançavam e se drogavam freneticamente no decorrer da noite.

### **Bala de AK<sup>34</sup>**

A minha mente vai a mil eu começo a  
Viajar o São Jorge é muita treta  
Você pode acreditar  
Os inimigo tá querendo a quebrada invadir  
Mais a escopeta está no pente  
Preparada pra cuspir  
Para colar São Jorge tem que ser considerado  
Mais se pisar na bola tu vai virar finado  
E é o certo pelo certo é que vai prevalecer escutei um  
Barulhão  
Foi uma rajada de PT  
Engatilhei a pisto hoje pronto para metralhar a guerra  
Começou  
Ponha a chapa pra esquentar  
Eu vou subir pra laje junto com meus aliados e vou  
Mandar esses políticos para a puta que pariu  
A guerra começou e não tem hora pra acabar  
Acionaram o globo cope para poder nos filmar  
Esses mosquitos de ferro nós vamos derrubar  
É só bala de traçante que sobe pelo ar  
É atata...trá! é só bala de ak  
Se cair no labirinto nós vamos te fuzilar

---

<sup>33</sup> Esse Mc, também era envolvido na vida de bandidos, após sua inserção na criminalidade, fez sucesso com o funk ostentação. Hoje é pregador pentecostal.

<sup>34</sup> A letra completa está em anexo no final da pesquisa.

Ali havia drogas, bebidas e som no nível alto; os pancadão não acontecia sem nenhuma intervenção dos moradores, uma vez que o show está amparado pelo chefe do tráfico, qualquer reclamação levaria a retaliações. Pelo motivo da rua da favela ser tomada por pessoas, dificilmente há alguma intervenção policial no local. Ao mesmo tempo que a “sedinhas” cumpre o “papel” religioso com a ADFEC em poucas horas o mesmo espaço se torna ambiente de lazer e sociabilidade e até de identidade da favela como comunidade com ordem interna autônoma. Em qualquer outro lugar uma festa assim teria que ter autorização prévia do poder público.

O que podemos perceber através da letra do Mc, é que qualquer tentativa de intervenção da polícia culminaria em conflitos com os criminosos da favela, o que é comum nos arredores. No entanto, no “São Jorge” dificilmente há tais conflitos, pois, todos os acessos que dão a rua de entrada são fechados pelos moradores. De modo que não passa carros, motos ou pedestres que queiram atravessá-la para chegar a outra região. Pode-se dizer que a favela fica dominada e chega a intimidar a própria polícia com sua tamanha força de expressão coletiva das comunidades que comungam da festa. Para realizar as baladas são feitas divulgações *via* redes sociais pelos próprios moradores que estendem os convites as demais favelas, isso fortalece os laços das comunidades.

Foto 4. Favela Jardim São Jorge<sup>35</sup>



Foto 5. Favela Jardim São Jorge<sup>36</sup>



<sup>35</sup> Imagens de pancadões publicadas em redes sociais de moradores do Jardim São Jorge, 2014.

<sup>36</sup> Imagens de pancadões publicadas em redes sociais de moradores do Jardim São Jorge, 2014.

Ao analisar a vida dos bandidos, pode se dizer que suas vidas giram em torno de três elementos fundamentais como explica Teixeira (2013: 72), são eles: *o comércio, a guerra e a política*. Partindo desses pressupostos, podemos estabelecer um traçado sobre o dia a dia dos criminosos na periferia e como funciona a dinâmica do crime. Compreendendo os passos de Teixeira (2013: 73), o movimento é comércio, a firma, os negócios, ou seja, o narcotráfico. Como explicitarei nas declarações de Fábio, o esquema funciona com uma gestão organizada, de cálculos que orientam os lucros do tráfico de drogas nas regiões, que estão inseridas as “biqueiras” mercadológicas do sistema criminal.

Os valores estão sempre distribuídos em despesas e receitas, de lucros, de capital fixo, variável e humano. Os administradores (gerentes) que são liderados pelos “patrões” hierarquizam o mercado envolvendo ainda o vigilante, vendedor e o embalador no processo “econômico-empresarial”.

O movimento por ser uma organização, embora seja criminosa, obedece um empreendimento capitalista no qual nos aponta a racionalidade econômica (WEBER, 1991). O comportamento racional e/ou a racionalidade muda de acordo com a sua esfera da vida social. O segundo aspecto de distinção da sociologia econômica tem a ver com a diferença entre "racionalidade formal" e "racionalidade substantiva"; a primeira está centrada no cálculo, e a segunda, em valores absolutos. Assim, a ação finalista é tão racional quanto a valorativa.

Logicamente compreendemos que a “empresa empreendedora” dos bandidos, funciona se valendo do capitalismo que se torna uma aventura no âmbito do esquema financeiro, para que numa espécie de acúmulo de riquezas os mesmos vivam bem de acordo com a ostentação de suas posses. Em relação a bocas de tráfico, administradas pelos bandidos, é fácil contemplar que os territórios são minados por moradores que conhecem e sabem das rotinas dos traficantes, mais que isso, sabem onde estão armas e até as drogas. Nessa teia de relações com a comunidade e quando das situações conflituosas, os moradores dificultam o trabalho da polícia e facilitam o “trabalho” dos bandidos na fuga e esconderijos.

É com o mundo do tráfico que os traficantes dão condições financeiramente exacerbadas para suas famílias viverem na comunidade ou até fora dela. As famílias vivem bem “rendadas” e aparadas pelos negócios. De forma resumida pode-se notar, “quem são eles”, de que maneira atuam, como funcionam as dinâmicas do cotidiano. Cabe destacar que a funcionalidade sempre preza para o bem dos indivíduos que arriscam suas vidas, burlam as leis e matam baseados em suas próprias regras. Para uma finalidade, demarcar espaços, angariar dinheiro e estabelecer relações de poder pelo poder entre os homens.

## 2.2 Bandido e Ex- Bandidos Frente à Comunidade

Para os moradores da favela, todo “malandro” convertido no começo é “suspeito”, a princípio como já foi citado na pesquisa, nas quebradas do crime bandido não poder brincar com Deus, principalmente quando se quer ter uma vida irrepreensível diante de todos. A impressão que se tem é que aquele que se converte, pelo menos na ADFEC é vigiado pelos chefes do tráfico (modo regulatório), os mais obedientes ao sistema religioso recebem elogios de suas condutas, do contrário eram taxados e rotulados chamados de pilantras que se escondem atrás da bíblia, como cita o grupo de rap 509E na música “Oitavo Anjo”<sup>37</sup>,

Deus está comigo não preciso virar crente  
Nada contra quem é na fé  
Mas tem canalha que se esconde né.

Os que davam mancadas em relação a sua crença não são bem quistos pela comunidade, muito menos pela ADFEC, até porque, acredita-se na maioria das igrejas evangélicas, que quem converte diz adeus ao crime para viver uma vida reintegrada perante a comunidade. Nas condições de convertido o bandido que agora é ex-bandido, recebe um acompanhamento pastoral assíduo de Alex, de visitas em suas casas, orações, “exorcismos”, para expulsões de demônios malignidades existentes em sua vida como acreditava o pastor.

Quando frequentei os cultos da ADFEC, notei que de certa forma os que saíam do culto tinha certo prestígio, já não eram mais chamados de “malucos”, ou “manos”, expressões comuns nas favelas, porém, de “irmãos”. O “feedback” dos que estavam no crime indicavam que o ex-bandido era um novo indivíduo com uma nova identidade, e que havia sido “revestido” de uma “cobertura espiritual” de Alex e de sua igreja que agora depositavam confiabilidade da tal mudança.

O “ex-bandido” é uma reconstrução da identidade do sujeito na comunidade, não pode se fingir convertido, nem perante os irmãos da igreja nem perante os líderes do crime; pois ambos respeitam muito a mudança decorrente da entrada na igreja. As imagens abaixo mostram os cultos em que o espaço de bandidos, convertidos e ex-bandidos eram lotados nos encontros da ADFEC. Como toda igreja no seu início, a ADFEC passou a ser referências e a se sobressair das demais igrejas, sendo que muitos moradores da região passaram a aderir ao movimento pentecostal.

---

<sup>37</sup> Faixa 6 do álbum: Provérbios 13, lançamento 2000.

Foto 6. Culto na ADFEC<sup>38</sup>



2014

---

<sup>38</sup> Imagem publicada na rede social facebook do pastor da ADFEC.

As reuniões na sedinha eram sempre marcadas por pregações que reivindicavam, milagres, curas e restaurações. Os discursos eram pregados por Alex, quando de sua ausência a igreja ficava sob o poder de duas figuras que aparecem no corpo estrutural da igreja. Essas desempenhavam seus papéis pastorais quando Alex se ausentava por motivos de trabalho no período noturno.

Uma dessas figuras era o pastor José<sup>39</sup>, que nos dias de trabalho de Alex fazia sua substituição na direção das reuniões, bem como pregações e orações. A outra personagem, era a missionária Maria<sup>40</sup>, que na ausência de ambos assumia o cargo e conduzia as tarefas da ADFEC. As junções desses três pastores, denotam que era preciso organização nos trabalhos e agora com tudo definido, a ADFEC estaria pronta para atuar no campo da restauração de vidas, era no que Alex acreditava ser o propósito da igreja.

Perguntei Alex, no dia 21/01/2015, quem era o seu público. Disse-me que seu público “*era de traficantes, bandidos e marginalizado - não se restauraria o que já estava são*”. Acompanhei Alex em algumas casas de reuniões marcadas, numas das visitas, havia lugares simples da comunidade, e que era solicitado a presença do pastor por moradores, para orar em seus lares em favor de alguma necessidade. Houve uma visita a uma casa no dia 24/01/2015, quase que de frente a sedinha, na qual a dona reclamava ao pastor das dores em suas pernas. O pastor “invocou o nome de Deus”, reivindicando a cura para a enfermidade, no final da oração cumprimentou-a e disse: *Zezinha<sup>41</sup>, hoje tem culto, vá a igreja porque Deus tem uma palavra para você*. Alex na realidade servia como auxílio nas horas de dificuldade, ao se valer das licenças dos moradores, Alex apelava de boa a fé para ida dos cidadãos a ADFEC.

Na condição de convertidos muitos ex-bandidos eram lidos pela comunidade como recuperados de suas práticas, o crédito na recuperação não era conquistado instantaneamente, na ADFEC. O processo, pelo que observei, se dava da seguinte forma: a conversão e a confirmação da suposta conversão perpassava pela observação de todos (pastor, bandidos, ex-bandidos e moradores). Caso o “ex” pise na bola pode ser tomado por pilantra da quebrada, safado, “ramelão” dentre outros adjetivos que lhe podem ser atribuídos.

A partir do novo *éthos*, como nos orienta Geertz (1989: 103), os novos membros da ADFEC, estariam frente a comunidade munidos de símbolos sagrados que a igreja ofereceu através das pregações para sintetizar suas convicções, no que se refere ao caráter, qualidade de vida, e disposições morais e éticas. A cosmovisão também é transformada pelo novo estilo de

---

<sup>39</sup> Nome fictício do co-pastor da ADFEC.

<sup>40</sup> Nome fictício da pastora e mãe de Fábio.

<sup>41</sup> Nome fictício da moradora.

viver. Parece que as igrejas pentecostais da região do Jardim São Jorge ainda mantêm a tradição que trouxeram de suas matrizes. Dissidentes, as igrejas conservam os costumes, o que dificulta a vinculação dos bandidos nas instituições. As imagens a baixo são de igrejas que ficam perto da ADFEC e que “disputam” o mesmo espaço, na favela.

Foto 7 Igreja Milagres de Jesus



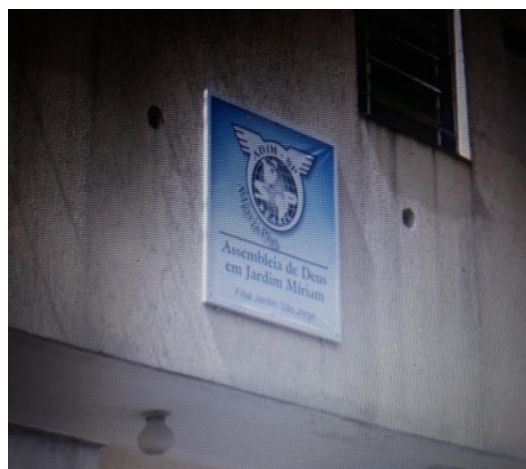
Foto 8 AD Missões Resgatando Vidas



Foto 9 Igreja P. de Cristo M. Brasil



Foto 10 AD Min. de Madureira



Crédito: Lucas Medrado, 2015

Embora as igrejas sejam pentecostais, conservam suas doutrinas, de modo que não abriram espaço para o diálogo e discussões com os criminosos, ou seja, se um bandido viesse visitá-las teria dificuldades de se adaptar. Na ADFEC, o bandido se adapta ao pentecostalismo e os membros se adaptam ao mundo do crime, para Geertz (1989: 104),

Na crença e na prática religiosa, o *éthos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar a vida.

Os criminosos que se convertem, reelaboram a sua visão de mundo, novo *éthos* é resultado de um processo vagaroso, o que e para Geertz (1989:108) se define como padrões culturais de aspectos duplo. Para o autor, os padrões culturais possuem um aspecto duplo, de modo que suas formas dão significado à realidade social e psicológica. Ao refletir sobre a ADFEC, o que se tem é a adaptação pentecostais-criminosos de ambos, que remontam um ambiente em que os indivíduos envolvidos no processo se modelam para que exerçam suas demandas nos fluxos de suas atividades. Os fluxos os coloca em relacionamento constante e desenvolve proximidades entre os dois grupos que comungam através de trocas simbólicas para legitimarem as ações na comunidade.

Para os bandidos e ex-bandidos a adaptação se dá na receptividade com a que a ADFEC apresenta aos seus visitantes e fiéis. A igreja se adequa a eles e eles/elas se adequam a igreja, há um conluio de combinação mútua e recíproca dos agentes e os coloca em comum acordo. Não é muito longe da realidade, porque alguns cristãos da comunidade, já perguntaram a Alex se a ADFEC também é uma Assembleia de Deus, a pergunta só pode nascer pela rejeição de alguns em acreditar que bandidos, ex-bandidos e pentecostais dividem o mesmo espaço religioso em questão.

Na região da favela, pareceu-me que igrejas pentecostais não se propusessem a focar o seu trabalho com traficantes, todas sempre “fechadas” para diálogo, mas costumes e elementos de cultos distintos. Além disso, segundo Alex estar “*no meio da banca dos bandidos para as demais igrejas fere a santidade de Deus e denota mundanismo e convivência com suas práticas*” (06/03/2015).

Embora Alex não admitisse a ADFEC estava sobremaneira entrelaçada com as práticas desde quando negociou o espaço com Marcos, e ajuda dos demais criminosos sem nenhuma restrição a ser feita. Afinal para o pastor a maldição “vira” benção nas mãos de um pastor fiel a seu Deus.

Pude acompanhar diversas vezes a exposição de textos bíblicos discursados por Alex quando das rodinhas nos becos o pastor pregava, e mesmo correndo risco de estar no meio dos “meninos”, Alex os convidava para as reuniões da noite. Os recém-membros convertidos na concepção de Alex eram simbolicamente devolvidos para a sociedade de modo que alguns

procuravam trabalho, voltavam para suas famílias, estabeleciam vínculo de afetividade com a igreja e professam sua fé. No entendimento de Alex o objetivo básico na ADFEC era de resgatar os perdidos.

### **2.3 A Construção de Identidade Pastoral de Alex**

Algumas conversas que tive com Alex foram resultados de muita paciência para marcar as entrevistas. Dessa vez, iríamos conversar sobre seu passado dentre outros assuntos relacionados ao pastorado e a ADFEC. Nossa conversa se deu no dia 06/03/2015 às 15:07 da tarde. As perguntas agora visavam aprofundar informações resultantes das primeiras conversas citadas no começo da pesquisa. Pergunto: Alex, você sempre teve familiares crentes, sempre morou no Jardim São Jorge?

Bom na verdade eu sempre morei no São Jorge, tenho 27 anos de idade, nasci na igreja Assembleia de Deus ministério de Madureira, fui levado para os meus pais para igreja tudo... Conforme fui crescendo e cheguei na adolescência, literalmente me desviei, depois eu retornei, quando retornei, aí comecei a novamente me levantar, busquei apoio em igrejas, comecei a me estruturar na palavra novamente. Então, comecei a congregar numa igreja independente chamada Ministério Evangélico Vida e Paz. Nessa igreja conforma fui crescendo ministerialmente, fui me fortalecendo na palavra, daí eu percebi que precisava de um lugar que me desse mais assistência no meu ministério. Então fui congregar na Assembleia de Deus ministério Belém. Nesse ministério comecei a se desenvolver na vocação do ministério da palavra e do ensino. Essa congregação que fiquei no Belém era exatamente no São Jorge, por ironia do destino, a congregação acabou se fechando por recursos financeiros e foi aberta em outro lugar mais longe. O pastor até solicitou que eu ficasse com ele na sede, mas a sede era muito longe. O que fiz foi falar para o pastor que não tinha como ficar indo com minha esposa para a sede porque não tenho carro. Então foi ficar por aqui no São Jorge mesmo. Nesse interim, foi quando surgiu a oportunidade, de uma irmã falar assim pra mim: faz uma oração no meu lar? Ela é uma moradora do São Jorge. Segundo ela os filhos estavam afastados da igreja, ela já reconhecia minha pessoa meu ministério, e ela confiou que se eu orasse os filhos dela iriam ser atraídos para a igreja. Aí a gente começou o trabalho de oração lá, começou a vir muita gente. Como a oração foi na casa dela, foi bem no coração dos becos, vielas e atalhos, ou seja, no centro da favela. Pronto, aí começou a vir pessoas que não pertenciam a um sistema religioso, mas que eram pessoas pessoalmente da comunidade, traficantes e por aí vai... E começaram a participar como eles tinha o termo de Deus, eles recebiam a oração do mesmo jeito dos fiéis. Nisso, um dos filhos de senhora que é o Fábio, chegou em mim e falou assim: Alex, faz o seguinte eu vou conversar com a dona da sedinha, e a gente pode fazer os cultos lá, porque aqui na casa da minha mãe não está dando. Falamos com ela, e segundo ela não haveria cobranças que poderíamos fazer os cultos, e aí a gente deu prosseguimento, começou a fazer os cultos lá e ficamos independentes com aquele ponto de pregação. Nesse tempo todinho, já se passou um ano que a gente está fazendo os cultos lá, já tem os cultos

separados como se fosse igreja mesmo, quartas, sexta e domingos. É exatamente uma igreja. Ficou um ministério aberto como uma igreja mesmo, só que nós não tínhamos CNPJ, só que não tinha problema nenhum. Se por exemplo a lei visse questionar o CNPJ, nós já tava dentro de um estabelecimento que já tinha CNPJ, que era a Associação Comunitária do Jardim São Jorge. Querendo ou não a gente já tava dentro da lei. (Entrevista realizada em 06/03/2015).

As declarações de Alex, encena seu trânsito religioso por várias igrejas, principalmente nas AD's. Costumes e doutrinas o acompanharam para calcar e substanciar a “fundação” da ADFEC. O espaço da sedinha como local de cultos partiu de Fábio que antes de se converter era um dos gerentes de bocas de tráfico em algumas regiões da Zona Sul. Fábio, fazia parte do esquema de comando de tráfico do São Jorge, nesse sentido o ex-bandido é a terceira pessoa que intermedia o espaço comunitário para Alex. Abaixo dos chefes Fábio, era o mais influente na supervisão de seis pontos de comércio de drogas. No dia 09/03/2015, marquei outra entrevista com Alex para perguntar de o porquê escolher o nome ADFEC para a igreja, segundo o pastor,

(...) eu já não fazia parte de um ministério histórico Belém ou Madureira, mas eu fazia parte do sistema de culto deles, eu queria preservar os hinos da harpa, a liturgia oficial que a outras igrejas não tem, grupos, geralmente nas outras igrejas chamam de coral. Como eu já tinha um ritmo assembleiano resolvi deixar inicialmente como assembleia de Deus fortificada em Cristo. Nossa motivação nasceu de que sem um nome e com uma igreja agora dentro da sedinha precisávamos se identificar. Então em vez de dizerem que foram cultuar na associação eles diriam fomos a Assembleia de Deus Fortificada em Cristo. (Entrevista realizada em 09/03/2015)

A escolha do nome foi estratégica e importante para a construção da identidade do grupo perante os moradores da favela. A nova igreja estabeleceria relações de colaboração com os criminosos e “moradores”. Outros membros<sup>42</sup> da ADFEC, informaram que as diversas formas de colaborações eram recursos do dinheiro do crime, do tráfico de drogas e demais ações ilícitas. Os “recursos” eram: instrumentos de som e musicais, dentre outros. Para confirmar perguntei a Alex, se a informação procedia.

Então, ali no prédio da associação do Jardim São Jorge, na verdade existem três salões lá. Um em cima, um embaixo que a gente faz os cultos e um do lado que está vazio. A gente ficou com o melhor salão o mais espaçoso para as reuniões. Inicialmente a gente realmente precisava de uma ajuda, pra questão de som cadeiras. A motivação e inspiração foi tão grande que as vezes os próprios moradores traziam cadeiras de casa para sentarem-se quando dos cultos. Agora

---

<sup>42</sup> Optaram pela não identificação.

a questão dos criminosos, ou ex-criminosos, que cooperaram direta ou indiretamente, foi da seguinte forma, como todo mundo, ali mora naquela região, todo mundo ficou sabendo do que estava acontecendo ali, então muitos desses entre aspas criminosos, é filho de crente ou são desviados. Então eles se sentiram comovidos, e um deles chegou a oferecer cadeiras do bar de seu pai. (Entrevista realizada em 09/03/2015).

Por mais que a resposta seja direta ou indiretamente, a colaboração dos bandidos é notável para o provimento de recursos financeiros da ADFEC, tudo para consolidar a estruturação do templo bem como a utilização do objetos e instrumentos “outorgados”. Para o pastor foi uma questão de generosidade (criminosa) e pelo sentimento de “*ajuda ao próximo que despertou os criminosos para se ajuntarem na obra*” (09/03/2015). Alex não deixa de confirmar em nenhum momento o ilícito, a conivência o faz o administrador das finanças investidas pelos criminosos, afinal ele é o pastor-administrador da igreja. Abaixo seguem alguns objetos comprados por Alex através da ajuda dos envolvidos.

Foto 11<sup>43</sup> Instrumentos Musicais



Foto 12<sup>44</sup> Caixas de Som



2014

<sup>43</sup> Imagem publicada na rede social facebook do pastor da ADFEC.

<sup>44</sup> Imagem publicada na rede social facebook do pastor da ADFEC.

Foto 13<sup>45</sup> Culto na ADFEC



2014

O fato de todos os instrumentos fazerem parte do culto, leva-nos a pensar que tais elementos são simbólicos e que remetem os fiéis a uma “transcendentalidade”, posto que as utilizações dos instrumentos provocam sentidos religiosos. Para Geertz (1989: 104-105),

(...) uma religião é: um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras, disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos, de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. Um sistema de símbolos que atua para (...).

O nome e o espaço tudo define, o pastor propositalmente prefere o nome ADFEC por tentar fazer da igreja uma Assembleia de Deus com todas as suas formalidades “cúlticas”. Os cristãos de uma Assembleia de Deus “tradicional” teriam uma legitimação de igreja “séria”, com um trabalho “sério” ou ao menos tradicional. Diante da sociedade estariam no local “ético e moral” que aparentemente seria “sério” o projeto ADFEC.

Retomando algumas informações de Fábio na próxima entrevista que foi realizada no dia 27/02/2015, verifiquei que a maneira “ética” de ser, fez toda a diferença em sua vida. Pergunto ao entrevistado se a igreja de certa forma excluí, e se a sociedade da própria favela

---

<sup>45</sup> Imagem publicada na rede social facebook do pastor da ADFEC.

tem uma definição de quem é o bandido. Na resposta referente a igreja, Fábio foi taxativo, *não, ela acolhe* (27/02/2015). Quanto a da sociedade, reitera que,

A maioria da população não gosta de polícia, eles dão mais valor pro traficante do que pra um policial. Porque a maioria dos policiais oprime a comunidade da favela, aí não tem quem aguenta, não tem quem suporte. Então eles acham melhor suporta um bandido dentro da favela que ajuda o povo na qual mantém uma certa disciplina do que um policial que não entra na favela. (Entrevista realizada em 27/02/2015).

Sabe-se que a igreja recupera o bandido do crime, ou pelo menos acredita que o recupera. Perguntei a Fábio, se a dinâmica de recuperação dos envolvidos no crime acontecia de modo eficaz,

Sim, mas Deus está sendo pregado de maneira errada, o bandido até procura a Deus, e na maioria das vezes os bandidos viram pentecostais. Mas, se você, for bem também, com um certo tempo eles abandonam a fé. (Entrevista realizada em 27/02/2015)

Para explicitar a prerrogativa acima, retomei a pesquisa de Teixeira (2009) que citando Foucault (2006), refletiu sobre a experiência da conversão. Os indivíduos se veem numa esfera de ascese cristã e ascese filosófica, o que para Foucault a primeira procede de um processo de objetivação de si mesmo num discurso legítimo e o segundo recorre da subjetivação de um discurso legítimo. Para tanto o filósofo esclarece,

Parece-me que na ascese cristã encontraremos, pois, um movimento de renúncia a si que passará, enquanto momento essencial, pela objetivação de si num discurso verdadeiro. Parece-me que na ascese pagã, na ascese filosófica, na ascese da prática de si da época de que lhes falo, trata-se de encontrar a si mesmo como fim e objeto de uma técnica de vida, de uma arte de viver. Trata-se de encontrar a si mesmo em um movimento cujo momento essencial não é a objetivação de si em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática e em um exercício de si sobre si. (FOUCAULT *apud* TEIXEIRA, 2006: 95).

As colocações de Teixeira (2009), apontam que as conversões dos bandidos são de maneiras distintas e interdependentes. Concernente ao modo de objetivação o bandido se reconhece e percebe que está do lado do mal. Passa então a refletir sua ação criminosa (para muitos até vergonhosa), e numa percepção de sua “franqueza” se vê rendido ao discurso pentecostal. O que na maioria das vezes mostra, que ao lado do mal está o diabo, representando

a figura do mal no discurso pentecostal, de maneira que o “mal” amarra a vida do bandido ao crime impedindo-o de ver a luz do evangelho.

No segundo modo, modo subjetivo, o bandido almeja por uma mudança radical e subjetiva que o projeta para o outro lado, lado do bem, e que ao aceitar Jesus passa a ser reconhecido como o outro, numa perspectiva transformadora. Não quer dizer que o bandido passa a largar suas práticas do dia para a noite instantaneamente, todavia, paulatinamente se vê encorajado pela comunidade cristã a traçar uma nova rota em sua caminhada. Para Teixeira (2009), a conversão é um processo lógico das práticas subjetivas de cada indivíduo.

Quando estive nos cultos, observei que os bandidos ouviam atentamente as palavras que lhes eram pregadas, os testemunhos contados, levantavam as mãos em conjunto. Alguns fechavam os olhos aprovando aqueles dizeres.

Segundo Foucault (FOUCAULT *apud* TEIXEIRA, 2006: 97), o sujeito só se torna sujeito ouvindo o discurso da verdade. No caso dos bandidos que já são ex-bandidos, o estímulo de escutar alguém falando de si sobre as mudanças que a religião provoca em sua vida, tece laços de sensibilidade e afinidade com a verdade e com a mudança subjetiva. A sociedade sente o impacto, quando mudam suas maneiras, linguagens e posturas diante da comunidade. O novo *éthos* é a chave hermenêutica para interpretar o que o bandido fez no passado e o que estabeleceu no presente.

Pensar o novo indivíduo, é pensar nas novas relações que os mesmos têm com a sociedade. Os pentecostais se utilizam da Bíblia para enfatizar o novo nascimento<sup>46</sup>, para o movimento pentecostal o resultado da “redenção”, é uma soma de salvação com testemunho público que legitima a fé e a cosmovisão do bandido em relação ao universo.

## **2.4 Bandidos e Ex-Bandidos Frente a Religiosidade Pentecostal**

Alguns fiéis da ADFEC ouviam nos sermões de Alex que a conversão era marcada pela pureza, que culminaria na santificação que iria “expelir” e apagar toda malignidade praticada, até que seus crimes não fossem mais “lembrados” diante dos olhos da comunidade e de Deus.

Como descreve Teixeira (2009), a filiação a uma igreja estabelece um novo *modus vivendi*, o exemplo seria o próprio Fábio, que inserido na ADFEC recebe identificação única, irmão. Será seu vulgo desde que fique fiel. Em sua pesquisa, Cortês (2005), coloca em evidência

---

<sup>46</sup> Expressão usada por Jesus quando se encontrou com Nicodemos registrado no Evangelho segundo escreveu João capítulo 3.

que a conversão do bandido segue pelo menos dois aspectos: o tempo e o espaço. Para a autora, o tempo separa o que a pessoa foi, seu estado (passado) mundano, enquanto no espaço há uma separação dos ex-bandidos evangélicos, para bandidos não evangélicos.

Embora a separação entre tempo e espaço sejam visíveis, algumas vezes, senão na maioria das vezes a aproximações de um para com o outro são perceptíveis, posto que na ADFEC os convertidos sempre tiveram afinidade com os não convertidos. Aliás, as conversas sempre foram “sem crises”, e do ponto de vista das amizades os laços de companheirismo sempre foram bem firmados.

Portanto, era comum ver o chamado irmão de igreja no grupo dos não-irmãos. As conversas se norteavam acerca do cotidiano sem quem afetasse sua conduta ética e moral cristã frente a comunidade. No entanto, nos diálogos, sempre haviam verbalizações sobre Jesus, convites para os cultos e testemunhos. Afinal como ressalta Cortês (2005: 48)

O “bandido” que se converte não pode mais ser reconhecido como um “igual”. Desse modo, não pode mais ser chamado para participar de uma empreitada criminosa, não pode ser objeto de traição, ameaçado pelo inimigo ou perseguido pela polícia.

Nesse sentido, não se pode dizer que a vida do bandido é uma restrição total, ademais, para o cristão pastoreado por Alex, precisa de no mínimo comunhão com os bandidos para “ganhá-los” para Jesus. Os ex-bandidos convertidos tornam-se pontes para os que vivem na criminalidade, e é a partir deles que outros bandidos frequentam os cultos motivados pelos convites dos colegas e através das pregações pentecostais convertem-se ao pentecostalismo.

A nova vida não é apenas um novo sentido que se limita numa visão simplista da realidade, pelo contrário, é um sentido de mundo, mundo este que para Geertz (1978), se dissolve e/ou espalha para além do metafísico e fornece ideias gerais que formulam as experiências. Sejam, intelectuais, emocionais ou morais.

Alguns trechos na entrevista de Fábio (02/03/2015) quanto a sua conversão mostra a mudança de visão de mundo. No primeiro momento, pergunto qual a imagem que o bandido tem de Deus. Segundo Fábio, “*um Deus que deve ser temido, de um Deus que deve ser temido um Deus severo*” (02/03/2015). No segundo momento, formulo a seguinte questão: conhece mais alguém que era envolvido no crime e hoje está em alguma igreja pentecostal? Pode definir em números aproximados? Continuam na igreja?

Uns quinze mais ou menos, alguns permaneceram, conheço alguns também que não permaneceram mais, também não voltaram. Não, alguns dizem, quem nunca mais foram a igreja, mas que precisam ir, usam a igreja como certo refúgio. Dizem eles, preciso ir na igreja que eu tô zicado. (Entrevista realizada em 02/03/2015)

Fábio também expôs, a trajetória espiritual e religiosa de sua família, qual igreja pertencia e o que motivou sua saída do tráfico de drogas nas periferias da Zona Sul. No seu relato sua mãe era de uma igreja pentecostal e que mesmo trabalhando para Marcos no tráfico de drogas frequentava a igreja ADFEC.

Minha mãe Igreja União Pentecostal dos Filhos de Deus, na época era gostoso eu era de lá. Saí de lá, por causa que é convivência, comecei a conviver também com as pessoas, isso influencia muito. Eu já vinha frequentando a igreja já fazia um tempo, toda quinta eu frequentava mesmo quando envolvido. E comecei a ir na terça também, ia dois dias por semana, mas depois que tive meu segundo filho eu comecei a pensar que se eu fosse preso quem ia cuidar dos meus filhos? (Entrevista realizada em 02/03/2015)

Fábio diz que as motivações de ir à igreja nem sempre eram efeitos das pregações que ouvia na ADFEC, mas, que *“sempre pensava, sempre li a bíblia, ela era meu único livro que eu tinha em casa, era um refúgio, quando eu lia a bíblia parecia que minha alma se deleitava”* (02/03/2015). Pergunto: então porque escolher a Assembleia de Deus Fortificada em Cristo?

Porque começou na minha casa, era um núcleo, aí quando eu era envolvido conheci a mulher da Associação. Eu conhecia já a dona da Associação. E aí eu conversei com o chefe, e disse: então ta tendo um culto lá em casa, o que você da gente pegar e levar lá pra sede lá? A resposta dele foi que eu era pra falar com a tia. Aí a gente perguntou, a gente falou com o pastor, falei que tinha arrumando um lugar pra gente, fomos comprar cadeiras, compramos um sonzinho. (Entrevista realizada em 02/03/2015).

Dado o momento da entrevista, o fiel da ADFEC verbaliza que de algum modo a igreja obteve ajuda dos bandidos para continuar suas reuniões. Isso se deu enquanto ele e seu irmão ainda eram envolvidos no crime. Levanto a seguinte questão: essa igreja foi fundada por bandidos e “onde” entra Alex nessa história?

É, eu e meu irmão envolvido, e outro ainda que é chefe que ajudou a comprar algumas coisas. Todo mundo começou a ajudar, todos os caras, a gente foi pagando. Há, ele tava sem congregação, acho que ele tava cansado. Aí ele falou há vou ficar por aqui, aí fui e falei, já que você vai ficar por aqui. (Entrevista realizada em 02/03/2015)

Após a confirmação da coadunação dos bandidos ante a igreja da sedinha, Fábio se insere na comunidade e no processo de implantação do projeto no local. Outro detalhe é que o dinheiro investido dessa parte era do crime. Para Fábio,

Não era só nosso, era da comunidade também, e do pessoal que já frequentava também. E aí sempre depois dos cultos tinha baile funk na rua, e eu sempre estava envolvido lá. Mas, depois que a gente montou a igreja lá na rua do baile, aí eu ficava lembrando de Deus, da igreja, não tem como. (Entrevista realizada em 02/03/2015)

Pergunto: o que mudou na sua vida depois que foi para a ADFEC, a igreja lhe estimulou a ter uma nova vida e lhe deu uma nova imagem perante Deus e a sociedade? Se considera um ex-bandido?

Todo mundo me apoiou, falou que tava certo, que era o melhor caminho. Apesar que também num dia, o chefe, ele foi lá me chama, eu disse não, eu tô sossegado. Vou ficar de boa não vou mais não, tô na igreja... A maioria do pessoal da favela me apoia. Graças a Deus. (Entrevista realizada em 02/03/2015).

A conversão de Fábio legitima que a atitude de se converter lhe ofereceu visão de mundo e que a religiosidade pentecostal local se tornou fornecedora de relações pacíficas com o mundo do crime. Na nova condição de irmão, Fábio, projeta-se para um tipo de existência social com liberdade garantida pela nova vida. Do ponto de vista de Alex, *“a mudança é possível pela experiência religiosa que transcende o mundo dos criminosos e os faz enxergar que procedendo na vida errada cooperam com o mal, do contrário estariam na luz a favor do bem”* (09/03/2015).

É necessário destacar, que quando tratei da mudança de vida na pesquisa não o fiz via plano jurídico que entrelaça a punição penal quando dos delitos. Contudo me reservei em analisar e presumir que a ADFEC enfatizava a mudança de comportamento mesmo que alguns não se desvencilhassem da marginalidade.

A metodologia de trabalho para “salvar” os indivíduos estabelecida e pensada por Alex, visava com que os convertidos se dirigissem as casas dos moradores da favela, aos quais ansiosos pela libertação de seus entes poderiam afunilar suas afinidades com o pastor e que poderiam solicitá-lo caso estivessem em apuros.

Júnior em seu artigo (2013: 71-98), reflete justamente a questão do ensino cristão como fundamento “ressocializador” (embora seja um tema bastante discutido nas ciências sociais e

controverso), pois viabiliza uma “nova vida”, composta de novos comportamentos. A nova ética e moral, procede da religiosidade que o traveste de características especificamente cristã para o convívio na comunidade e com os bandidos não convertidos que reconhecem tais mudanças cotidianas.

O pentecostalismo difundido na ADFEC não só ofereceu oportunidade de mudanças aos criminosos do lado de fora dos presídios como também os dentro, é bem comum igrejas como a ADFEC terem em seu rol de membros indivíduos que já estiveram encarcerados, e tiveram seus primeiros contatos com igrejas pentecostais nos presídios. Para Lobo (2005: 22),

A presença dos pentecostais no ambiente prisional produziu uma nova dinâmica religiosa neste espaço social. Hoje, é quase impossível entrar em qualquer unidade sem notar a presença dos “crentes” que ali estão procurando distinguir-se como tais, guardando certa distância da “massa carcerária”. A construção de uma nova identidade iniciada a partir de um “novo nascimento” é acionada também corporalmente: a visibilidade dos pentecostais é percebida não apenas pela expressividade numérica, mas também pelo comportamento e pela forma de falar e de se vestir.

A postura do convertido pentecostal é visível em todos os aspectos, como destaca a socióloga. Quando saem da cadeia, os indivíduos já obtiveram contato de alguma forma, mesmo que pouco ou muito com o pentecostalismo. Tiveram acesso aos costumes, dogmas dentre outras características internas dessas igrejas na cadeia. Pode-se reiterar que Fábio, expôs nas entrevistas, procede e descreve que a “*maioria dos bandidos quando se convertem vão as igrejas pentecostais*” (27/02/2015).

Para Scheliga, o bandido tem ligações com a igreja pentecostal, o que evidencia que através da religião, ou por meio dela, pessoas podem adquirir princípios e condutas (SCHELIGA, 2005). Na qual moldam os novos crentes proporcionando-lhes reconhecimento coletivo e asseverando-os que a religiosidade seria uma das formas que regeneraria o detento, bandido e/ou criminoso. Converter-se a igreja pentecostal de periferia, para o bandido significa suplantar a criminalidade, e transcender em triunfo sobre a vida bandida. No caso da ADFEC, ser o ex-bandido não significa romper os vínculos sociais com os moradores da favela, mas estreitá-los.

Para Marques (2013), que seguiu os passos de Rambo & Farhadian (1999) em sua pesquisa, a conversão é processual e o indivíduo é dinâmico. Assim, percebemos que a conversão não se restringe apenas ao emocional, mas por diversos fatores quem compõe o conjunto “salvífico”.

Na parte de uma das entrevistas, Fábio menciona que a família também o influenciou. Esses aspectos externos fazem parte das conversões, já que os modelos de conversões bíblicas são variados na periferia as motivações também se tornam diversas, dinâmicas e obedece aos processos de cada etapa. Desde a saída da vida bandida até a vida cristã. Concomitantemente, o “novo convertido” no caso dos ex-bandidos na ADFEC não se limitam ao que aponta Mariano (1999: 190),

Para não serem corrompidos pelas coisas, paixões interesses do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação. Infundem neles o desejo de viver o Evangelho de acordo com o mais puro asceticismo de rejeição do mundo, segundo a definição weberiana, de modo a distanciá-lo de coisas e atitudes, valores e instituições do incrédulo, porém circundante.

Os convertidos seguem a vida pentecostal regrados e calcados nos costumes e doutrinas de suas instituições, que são reorganizadas, readaptadas e reformuladas. É necessário destacar, que o bandido que se converte é visto pelos outros como um sujeito sábio, embora esteja “distante”, do crime, ele/ela terá o respeito singular pela atitude de ser presente nas reuniões da igreja. Os colegas ouvem dos próprios convertidos experiências e testemunhos religiosos que os levam a uma outra realidade, para Teixeira (2009: 81),

Na reconstrução de sua história, o “ex-bandido” reconhece o momento em que ele “aceita Jesus” como o ápice de um processo. As narrativas de conversão são atravessadas por uma série de mediações (contatos com missionários, com anjos, com Deus) e culminam no momento em que o indivíduo “aceita Jesus (...)

A conversão não se restringe apenas a uma perspectiva de transformação subjetiva, é um processo (TEIXEIRA, 2009), que entrelaça o indivíduo em contextos sociais religiosos na qual se insere. Desse modo dualístico, o convertido se vê numa “luta” interna na qual trava uma longa batalha entre o bem e o mal. De um lado a ex-vida criminosa, do outro a vida-solucionada por ter aceitado Jesus. Sua conversão é o alibi de quem recebeu passaporte da igreja, da morte para a vida sem que a comunidade o cobre de que apenas se escondeu “atrás” da bíblia, quer por fuga dos policiais ou traficantes.

No dia 03/03/2015, caminhando para as finalizações das entrevistas com Fábio, faço uma série de perguntas que evocam seu passado, presente e seu futuro na comunidade e na ADFEC. Nessa parte “final” da entrevista, o sentido de sua vida toma outro rumo ao conhecer

a ADFEC e fazer parte da mesma como membro. Questiono se ele se considera um ex-bandido e de que maneira a ADFEC o influenciou, sua simplicidade na resposta chama atenção para a mudança radical de suas atividades criminosas.

Me considero! Graças a Deus! Eu mesmo percebo, porque, antes eu só vivia envolvido, só vivia no meio de quem fumava, traficava, roubava. Cheguei a usar êxtase, maconha e lança-perfume. Mas eu não gostei não e parei. Só o êxtase mesmo que eu usava bastante, mas depois eu parei também. Hoje estudo, estou desempregado, mas procuro fazer uma faculdade no meio do ano e trabalhar em viver mais pra mim e pra minha família. Penso em mudar da favela um dia sim, então se eu mudar, mudo pelas redondezas, o São Jorge não é ruim, algumas pessoas que moram é que não dá pra conviver. A periferia tem o seu lado bom, mais bom do que ruim. Se você for pra um lado mais isolado, é capaz de você ser quase toda semana roubado, é capaz de te matarem no meio da rua e só acharem você de dia morto já. Eu prefiro a periferia. (Entrevista realizada em 03/03/2015)

Ao expressar que prefere a periferia a outro lugar, Fábio opta pela vida de respeito que tem perante a favela. Vida de prestígio e legitimidade na comunidade. Afinal ser ex-bandido na região é ter licença e gozar de “moral” na quebrada dos criminosos, tanto quanto da parte da ADFEC.

## CAPÍTULO III

### 3. “MUNDO” PENTECOSTAL-CRIMINAL E SUAS AMBIGUIDADES

Esse capítulo da pesquisa, pretende analisar o enlace entre a ADFEC, o mundo crime, e suas ambiguidades. Não é objetivo retomar o que já fora descrito nos capítulos anteriores, posto que nas declarações de Fábio e Alex ficam evidentes a “consistência” da relação vividas pelos grupos. Portanto, o recorte será de maneira específica sobre o caso. Quando estive nos cultos, tomei nota de que a relação entre ambos se dava em vários pontos, principalmente no quesito dinheiro. Numa de nossas conversas no dia 28/04/2015 pergunto a Alex, se havia mais objetos que foram doados pelos bandidos,

Não, inicialmente eles iria ajudar nas cadeiras mas ajudaram uns 3 meses, mas som eu comprei o microfone foi doado de uma bandida que faz assaltos fortes. Aleluia. Ofertinhas básicas sim. Teve uma que deu 300 pra comprar a cortina. Outra dava o desinfetante para limpeza etc. Fizemos um voto de 40 pra comprar mais cadeiras e todos em geral pegaram e compramos. (Entrevista realizada em 28/04/2015)

Não há questionamentos sobre a origem do dinheiro, afinal todos, inclusive, os bandidos não convertidos queriam colaborar com a ADFEC, mas a origem do capital era criminosa. Há de ressaltar que temos a questão de gênero, na ADFEC, havia uma moça (traficante), que fazia parte da rede do crime. A envolvida “doou” mais 300,00 reais para a compra da cortina da igreja, dinheiro de origem ilícita.

Algumas igrejas da região, talvez, não procederiam da mesma forma, pois tinham conhecimento do paradeiro do dinheiro e não aceitariam as ajudas “voluntárias” dos indivíduos, possivelmente em diriam que somente “igrejas profanas” e mancomunadas com bandidos fariam isso.

Não houve imparcialidade de Alex quanto a aplicação, origem e investimento. Quanto mais “ajuda”, mais equipada a igreja ficava para o uso de seus membros. A antropóloga, Alba Zaluar (1997), argumenta que traficantes e pentecostais são extremos que se cruzam de algum modo. Ao seguir a lógica levantada por Zaluar, pode-se dizer que os “cruzamentos”, funcionam como uma “ligação” entre as duas frentes (pentecostalismo-criminalidade). Presumo que o sentimento de ódio está longe das duas “classes”. Zaluar (1997), ainda propõe a discussão, que para além das “oposições”, uma frente se identifica com a outra.

Na ADFEC a relação entre um e outro, se dá da forma mais serena possível, a afinidade era de fato procedente da pacificidade de ambos, de modo que não havia crises. Como a ADFEC estava ligada ao apoio social na comunidade, igreja facilitou o acesso aos “meninos envolvidos”, ganhando maior visibilidade e força de expressão. Para Teixeira (2006: 30),

Embora à primeira vista pareça que os pentecostais estejam isentos de uma relação com o tráfico, existe uma proximidade em muitos casos: física, geográfica, de sociabilidade, em relação ao parentesco e à família. Igreja e tráfico convivem no mesmo bairro. Estão nas ruas, nas esquinas, em casa. Ao lado da igreja, uma boca-de-fumo; uma irmã crente tem um filho traficante; primos pertencentes aos dois grupos ficam juntos: no futebol, nas conversas de rua, na escola.

Outro aspecto da relação, é que o bandido é protegido pela igreja, afinal, bandido não rouba igreja da quebrada, pelo contrário, a protege por ordenação dos “chefes” e o pastor lhe outorga a “benção de Deus” pelos serviços prestados, a saber: a vigilância. Outrossim, como vimos nas doações de objetos, na ADFEC, o bandido tem privilégio porque “ajuda”. Para Teixeira (2006), a igreja que receber algo do traficante se compromete. Na ADFEC essa realidade parece não existir, não sofria reprimendas. Não há de quem se possa cobrar, a hierarquia bandida é mais “forte” que a eclesial. Eclesial depende da bandida e bandida depende da eclesial para lavar o dinheiro.

Nos discursos e pregações, não ouvi Alex verbalizar, que traficantes eram diretamente do diabo, aliás, seria uma afronta aos ouvintes, já que por eles e através deles a ADFEC se sustentava. No mais sempre foram tratados como filhos de Deus.

Enfim, enquanto existir igreja perto dos becos existirá afinidade, um não excluirá o outro, o “sagrado” e o “profano” se coadunam, e as ambiguidades são perceptíveis. Nesse contexto, o que existe é uma ponte curta e bem flexível nos extremos, entre o “mundo” do crime e do “mundo” pentecostal, que se ligam um ao outro numa dialética profunda e concisa na existência dos cidadãos e suas redes sociais.

Na imagem abaixo, avistamos umas das reuniões semanais realizadas na ADFEC, a intitulada campanha de libertação. Os pastores cantavam hinos, logo após, havia orações seguido da pregação. No desfecho, se realizava o segundo período de oração com imposições de mãos sobre a cabeça do indivíduo, para que em nome de Jesus, fosse liberto dos vícios de da vida mundana.

Foto 14. Culto na ADFEC<sup>47</sup>



2014

### 3.1 Uma Análise do Poder Religioso na ADFEC

A sociologia do poder religioso em Weber, pode nos ajudar a analisar o estilo de liderança praticado na ADFEC, no contexto da favela e suas situações limites. No capítulo dedicado a sociologia da religião (2012: 279-418), Weber propõe compreender o poder como a possibilidade de encontrar obediência; de impor a própria vontade, usando-se dos meios que permitem influenciar a vontade de outrem.

O poder como potencial para a realização de fins, é fundamental para todo exercício do reconhecimento por parte dos liderados. A legitimidade do poder, depende dos seguidores, e de seu reconhecimento por parte dos mesmos. Na questão em estudo, trata-se de um poder religioso com características carismáticas. Uma das peculiaridades do poder carismático, são as qualidades extraordinárias, pode-se dizer, que Alex, ilustra e expressa bem, à forma do poder carismático descrito.

No modelo construído, o líder carismático assume o papel central em diferentes “redes”, este, sempre será o protagonista dos eventos. Nele, o pastor carismático desempenha

---

<sup>47</sup> Imagem publicada na rede social facebook do pastor da ADFEC.

um papel político, no qual detém a chave que dá o acesso à comunicação, que abre o processo de construção de diversas redes. Para Weber (2004: 208),

O que mais fomenta bem como a abstração nesta área é o fato de que os carismas “mágicos” inerentes a seres humanos se limitam às pessoas especialmente qualificadas, constituindo assim a base da mais antiga de todas as “profissões” – a do mago profissional. O mago é uma pessoa carismaticamente qualificada de modo permanente, em oposição à pessoa comum, o “leigo”, no sentido mágico do conceito. Requisitou para si particularmente o estado que especificamente representa ou transmite carisma, o êxtase, como objeto de um “empreendimento.

Partindo desse pressuposto, o poder carismático satisfaz e/ou realiza as necessidades que emanam das exigências da vida. A ADFEC, se assemelha às igrejas neopentecostais, pois, está próxima do que Weber conceitua como “*magia*” (1991), pelo fato de Alex objetivar e constrianger os poderes da divindade a servirem de fins utilitários de seus adeptos-fiéis.

Weber ainda, distingue “*magia*” de “religião”, dizendo que a última tem como característica marcante, a submissão e os serviços prestados à divindade, enquanto aquela ‘outra’, consiste numa “coerção da divindade”. Observando o autor, a prática da magia ou de uma religiosidade, com maior presença de traços mágicos, se dá principalmente nos momentos em que as condições existenciais são marcadas por maior incerteza.

O *mago* pode ser identificado, como agente religioso autônomo, que se utiliza dos bens simbólicos produzidos pelos profetas e sacerdotes, para atender aos interesses imediatos de sua “clientela”. Normalmente, não se vincula a nenhuma igreja ou a nenhuma seita, porque, o seu trabalho consiste em prestação de serviços a quem o procura. O mago tende a ser combatido ou desqualificado por profetas e sacerdotes, que veem na *magia* uma ameaça à posição que ocupam. Bourdieu (2007: 28-29) ressalta ainda que “*é impossível compreender a magia sem o grupo mágico*”, e acrescenta:

Em matéria de magia, a questão não é tanto saber quais são as propriedades específicas do mago, nem sequer operações e representações mágicas, mas determinar os fundamentos da crença coletiva ou, ainda melhor, do irreconhecimento coletivo, coletivamente produzido e mantido, que se encontra na origem do poder do qual o mago se apropria.

Na ADFEC, a “institucionalização” é no mínimo e precária. A legitimidade do pastor, se apoia nos exercícios mágicos de curas, exorcismos e milagres. São próprios da tradição (neo) pentecostal. O pentecostalismo, sob o comando de alguns de seus líderes carismáticos, se

apresenta, assim, como resposta do capital simbólico, que configura o campo religioso no Brasil. Apropriam-se deste conjunto representativo dando-lhe forma, legitimidade e sustentação seu poder simbólico.

O crescimento do grupo, exigiu maior institucionalização, com hierarquias apropriadas. Porém, por não ter CNPJ e não ser oficial junto à Receita Federal, a ADFEC passa a ser uma igreja imprevisível quanto ao tempo de durabilidade no espaço físico.

No dia 04/05/2015, segundo Fábio e confirmado no dia seguinte por Alex, recebi a informação de que a ADFEC se ligaria, talvez, a outro ministério, por nome de Comunidade Missão Para As Nações. Havia incomodo na fala de Alex, “*a sedinha não tem cara de igreja, precisamos expandir. O suporte da outra igreja nos ajudará bastante*”. Para o pastor, integração com outra igreja, abria espaço para espalhar sua crença e oficializar seu projeto de maneira mais ampla, já que a Comunidade Missão, segundo Alex, era legalizada e documentada.

Para Alex, a expansão de sua igreja era fundamental. A imagem do pastor, precisava ser enfatizada e divulgada pelos seus membros. A figura carismática do líder da ADFEC, se dá pelo constante acompanhamento de suas atuações mediante seu carisma extraordinário. O carisma está dentro dos moldes apontados por Weber (1991: 340), e pode ser compreendido como:

Uma qualidade extraordinária de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou presumida. Autoridade carismática, portanto, refere-se a um domínio sobre os homens, seja predominantemente externo ou interno, a que os governadores se submetem devido à sua crença na qualidade extraordinária da pessoa específica. O feiticeiro mágico, o profeta, o chefe guerreiro, o chefe pessoal de um partido é desses tipos de governantes para seus discípulos, seguidores, soldados, partidários, etc. a legitimidade de seu domínio se baseia na crença e na devoção ao extraordinário, desejado porque ultrapassa as qualidades humanas normais e originalmente considerado como sobrenatural. A legitimidade do domínio carismático baseia-se, assim, na crença nos poderes mágicos, revelações e culto do herói.

Weber considera, que os tipos característicos das atividades religiosas, são separadas em categorias. Primeiramente, a do feiticeiro (mago), que age sobre os demônios por meio mágicos. Segundo Freund (2003: 142), “*a atividade do feiticeiro é descontínua, porque exerce sobre indivíduos particulares em circunstâncias singulares, (exerce a função livre)*”.. Há o mago, que trabalha autonomamente, numa espécie de serviço clandestino equiparado ao do sacerdote e ao do profeta.

Quanto à figura do sacerdote, tem-se o tipo ideal de quem está ligado a uma instituição. Ao refletir o papel de Alex na ADFEC, visualizamos um “mago”. Sua legitimidade não

dependia da instituição, mas de suas qualidades pessoais. Em uma de nossas conversas no dia 06/05/2015 Alex verbaliza,

Quando chego na igreja ou passo pelos becos da favela, sinto um respeito por parte dos caras, e eles dizem: ôh meu respeita aí, o pastor está passando com a esposa, para aê mano.... Dá licença o pastor vai passar.... Dentre outras frases que eles dizem, mas, que tenho respeito tenho, antes quando de uma igreja mais conhecida eu não era conhecido. Depois quando fui ser pastor na sedinha ganhei essa popularidade.

A maneira de trabalho de Alex é característica do modelo do “profeta”. Provém de liderança influenciadora. Assim, o pastor ganhou popularidade frente aos moradores da favela, sua liderança se fez eficaz. O Alex se materializou, como o profeta proposto por Weber, que possui carisma e é reconhecido pelos outros. Ao contrário do sacerdote quem mantém a ordem, o profeta aparece como alguém que detém as soluções em momentos de crises. Freund (2003: 143) aponta que,

Weber o considera portador de absolutamente pessoal de um carisma, que anuncia em virtude de sua missão uma doutrina religiosa ou uma ordem divina. Não há diferença fundamental no fato de anunciar ele de uma maneira nova ou uma revelação antiga ou presumida como tal, ou uma palavra nova: pode ser fundador de uma religião ou um reformador.

Alex mencionou, no dia 09/03/2015, que sempre tem uma *“palavra de ajuda para os cansados, ou para seus momentos de crises, e quando dos conflitos dos moradores da favela sempre há uma intervenção de sua parte”*. A interferência “social-profética”, nesse momento, parece ser paradoxal. A ajuda aos bandidos cansados do crime, termina no recebimento de “ajuda” do dinheiro da criminalidade. Mais uma vez pastor e criminosos, perpassam pelas trocas simbólicas. Pergunto a Alex, no dia 07/05/2015, o seguinte: como você ajuda seu “povo”?

Sempre tento ajudá-los em suas crises e problemas, de vez em quando vou nas casas, intervenho em conflitos da favela. Só não em caso de estupro, aí já é com os caras do partido, sabe como é, a lei da favela é severa nesses casos, não podemos intervir.

O pastor, encenou o tipo ideal da dominação carismática, com suas qualidades excepcionais. Desde então, se reconhece o tipo, que caracteriza sua persona como: corajosa e centralizadora. O fato de ter pastores sucessores na ADFEC, fez-me notar, que não há nenhum

um procedimento ordenado para a nomeação e/ou substituição de Alex, caso ocorresse sua saída.

O fica mais próximo da análise de Weber (2004), no aspecto de que não há carreiras e nem é necessária formação profissional para obter o carisma. Contudo a fonte de poder é estabelecida em cima do novo e do tempo, porque para Weber a dominação carismática é uma qualidade pessoal, considerada extra cotidiana. No que se refere ao carisma, Weber (2004: 159) ainda nos assegura que,

(...) em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais. Sobre-humanos ou, pelo menos, extra cotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder”. O modo objetivamente “correto” como essa qualidade teria de ser avaliada, a partir de algum ponto de vista ético, estético ou outro qualquer, não tem importância alguma para nosso conceito: o que importa é como de fato ela é avaliada pelos carismaticamente dominados - os adeptos.

Os membros da ADFEC, eram imediatistas da existência e pragmáticos quanto ao resultado. Alex nas reuniões, manipulava as forças divinas a favor de si, como o ser legítimo dos poderes extra cotidianos para o atendimento das demandas dos moradores da favela. Lembra-nos Bourdieu (2004: 84),

Os interesses mágicos distinguem-se dos interesses propriamente religiosos pelo seu caráter parcial e imediato, e cada vez mais frequente quando se passa aos pontos mais baixos na hierarquia social, fazendo-se presentes, sobretudo nas classes populares e, mais particularmente, entre os camponeses (“cujo destino estreitamente ligado à natureza, dependendo em ampla medida de processos orgânicos e de acontecimentos natural e pouco disponível, do ponto de vista econômico, a uma sistematização racional.

Inobstante, ADFEC se fez retrato fiel, do que observa Weber, no que tange a validade do carisma. Claro que a dominação carismática, se opõe a dominação racional, especialmente a burocrática. Em sua forma pura, a dominação carismática representa a relação social estritamente pessoal.

Bourdieu, retoma o modelo proposto por Weber, para dizer que leigos, sacerdotes, profetas, magos e feiticeiros compõem o campo religioso. Em tais classificações, o *sacerdote*, é por excelência, o agente da religião estabelecida, que atua em igrejas, das quais é funcionário e recebe o carisma próprio da sua função religiosa. Ele pereniza a rotina de um sistema de crenças e ritos sagrados. Para Oliveira (2007: 107), o sacerdote,

(...) está, portanto, predisposto a atuar em defesa da ordem simbólica e social, sendo por si mesmo incapaz de produzir o novo ou expressar aquilo que não é lícito existir: tudo que está fora da ordem definida como natural ou divina é anatematizado como pecado.

O profeta costuma surgir, a partir de grupos marginais, em situações extraordinárias, de crise. O seu poder simbólico, produz a instauração de nova ordem simbólica. Tal inovação, não é legitimada por uma instituição, como no caso do sacerdote, e sim, pelo *carisma* que lhe é socialmente conferido. A grosso modo, o profeta nem sempre nasce de linhagem sacerdotal. Pode ser apenas, alguém que proclama a revelação recebida do alto. Bourdieu (2005: 92-93), indique que,

O profeta traz ao nível do discurso ou da conduta exemplar, representações, sentimentos e aspirações que já existiam antes dele, embora de modo implícito, semiconscente ou inconsciente. Em suma, realiza através de seu discurso e de sua pessoa, como falas exemplares, o encontro de um significante e de um significado preexistentes (...) é por isso que o profeta (...) pode agir como uma força organizadora e mobilizadora.

O líder é portador de um poder simbólico, ao mesmo tempo, se torna agente produtor neste campo a partir da orientação de um *habitus*, que aparece como o terreno comum em meio ao qual se desenvolvem os empreendimentos de mobilização coletiva, cujo êxito depende forçosamente de certo grau de coincidência e de seu acordo entre as disposições dos agentes mobilizadores. Isso contribui, para a construção da força representativa do líder. Que quase sempre na sua totalidade, são oriundos do próprio meio para o qual dirige sua mensagem.

A proposta da ADFEC está bem fundamentada e alicerçada na intensa circulação de bens simbólicos, que dá continuidade na cumplicidade de todo o grupo e dinamiza todos os envolvidos, em tal “dinamismo e ação social”, que em certos momentos cabe a pergunta: quem aderiu quem (?).

Max Weber nos orienta, que a teoria política do poder que carrega o sentido subjetivo implícito, de modo que não existe uma ação social sem visar um objetivo. No modelo carismático do líder, Alex não têm: Regras/Tradição, mas, carisma que é igual à legitimidade. Não existe religião voltada para o interesse do além, mas sim para o econômico de seus fiéis (necessidades do dia a dia – “... para que te vás bem...”).

### 3.2 A Mensagem para os “Manos de Fé”

De início o culto na ADFEC, obedece uma forma litúrgica pouco pautada nos moldes das AD's. Para avançar nessa questão, retomo algumas explicações sobre as Assembleias de Deus, baseadas nas tipologias analisadas por Alencar (2012) em sua pesquisa. Encarar o pentecostalismo da ADFEC como uma continuidade do pentecostalismo clássico seria ingenuidade, já que está mais do que claro que a ADFEC rompe com a tradição. Na verdade Alex formula outra AD, ao se utilizar dos elementos de outras pelas quais passou.

Numa religião que nega as suas origens e reelabora suas práticas, sempre terá na sua estrutura elementos do passado. Para Alencar (2012), as tipologias assembleianas estão divididas em quatro tópicos: *rural, difuso, autônomo e urbano*.

- a) Rural – esse tipo de assembleianismo, apresenta características específicas, posto que apesar de estar numa região urbana, muitos desses convertidos trouxeram consigo costumes do catolicismo para as AD's. Conseqüentemente, esses pentecostais mesclavam ambas religiosidades. Outrossim, Gedeon (2012), descreve que há também nesse tipo mais três requisitos importantes: a estrutura patriarcal/estamental da liderança (*no primeiro um os “pequenos” líderes servem ao “grande” senhor enquanto no segundo o pequeno fica à mercê do seu “senhor”*), o abismo comportamental entre sedes e as congregações (*política do manda quem pode e obedece quem tem juízo – relação sede/congregação*) e a densidade assembleiana nas pequenas igrejas (*menores templos “abarca” mais gente*);
- b) Urbano – as igrejas são plurais e diversificadas. Nesse sentido, não existe uma forma única de AD, se multiplicam e se diversificam em vários aspectos. Portanto, pode acontecer de um pastor falecer e o que assumir ter posturas totalmente diferentes do anterior, mudando o estatuto-regimento da instituição e aderindo outros modelos que diferem da mesma;
- c) Autônomo – a cissiparidade, na qual a suposta separação gerou um ministério “assembleiano” a parte, aquém, independente, ou seja, a instituição passa a ser uma única. Não precisa de uma ligação com um órgão maior para atuar, aliás, se mantém “sozinha”. Pois é fruto de uma organização grupal que desejaram “carregar” o nome de

assembleianos. Porém, se coloca fora da hierarquização sistemática dos poderes centralizados nas sedes;

- d) Difuso – tipo de assembleianismo que se dispõe de uma análise, na qual indica que a identidade assembleiana tornou-se de alguma forma reinterpretada, na qual suas práticas agora são heterogêneas (*distintas*);

As tipologias levantadas não afirmam de forma generalizada e/ou definitiva as AD's no Brasil. Apenas norteiam pontos para pensarmos suas mudanças constantes, num espaço curto de cem anos. Baseado nos argumentos propostos, os modelos mais perto da ADFEC são os: *autônomo e o difuso*.

Autônomo por ser uma igreja, que não estava ligada a mais nenhuma, era fruto de uma organização que se iniciou numa casa e que estava a margem de qualquer sede que a supervisionasse. Difusa pelo fato de distinguir-se dos costumes, regulamentos, teologia e liturgia das demais.

De todas igrejas da região, a ADFEC, pareceu ser mais distinta. Não porque era chamada de Assembleia de Deus Fortificada em Cristo, mas por ser a igreja da “sedinha”. Sua liturgia também seria afetada pela ruptura, já que seu público-alvo era o “*povão*”, como dizia o pastor. Quando indaguei Alex sobre os cultos, no dia 13/03/2015, perguntei se sua liturgia se distanciava mais do que se aproximava das AD's, o pastor relatou que,

Bom, os nossos cultos não tinham muita diferença dos cultos assembleianos ou parecidos com os das igrejas ao lado, como todas tem raiz AD, então começávamos assim: 1º Eu chegava 30 minutos antes para orar e alguns vinham, então aproveitava esse tempo para ver se tinha água, arrumar as cadeiras, arrumar o som etc. "organização". 2º as pessoas começavam a chegar e sentar, eu as colocava de pé e começava a fazer a oração inicial, cantávamos hinos da harpa "2 ou 3" depois fazia a leitura oficial tradicional, nisso já foi quase 25 minutos, depois levantava o povo e fazia outra oração apresentando os enfermos etc. 3º Dava oportunidade aos grupos irmãos, jovens e particulares. 4º Oferta e 5º Pregação e oração para encerrar o trabalho. Palavra de quarta era mais avivada com estilo pentecostal com assuntos que o ser humano tem valor para Deus, isso levantava a favela porque via uma solução. Mas a palavra de sexta era comigo no ensino para dar gosto neles de ensino, preguei 1 ano quase todos os livros da bíblia, toda sexta era um livro. E os hinos era mais tipo Rose Nascimento: "hinos que fala diretamente com a pessoa" tipo: "até quando você vai viver nessa solidão etc." era um culto feito para o povo mesmo. (Entrevista realizada em 13/03/2015).

Embora Alex diga que não tem muita diferença, havia diferença. A começar, pela atuação do público, não havia uma liderança formal como é de praxes nas AD's. O público, não era separado a cargos ou sequer nomeados para tal.

Alex por exemplo, fazia papel de diácono e tinha de chegar cedo para organizar o ambiente para a reunião do dia. As pessoas chegavam e se sentavam. Nas AD's, normalmente existe um período de 25 a 30 minutos, no qual o pastor faz suas orações e seus fiéis o acompanham, de joelhos dobrados antes da abertura o oficial da reunião.

O tempo mínimo inicial de oração feita em pé, marcava o início do rito sagrado na ADFEC. Em suas pregações Alex, trazia consigo o estilo pentecostal de discurso. O ensino acontecia nas sextas-feiras, havia exposições bíblicas mais longas, de forma “descolada” da linguagem.

As músicas que eram melancólicas e sensibilizava os membros com letras que verbalizavam a respeito da solidão, vitória e triunfo. Os moradores que chegavam em estado crítico ou situações limites, eram amparados pelos membros. Haja vista serem moradores do mesmo espaço. Alguns, cultos eram específicos, e tratavam de temas diversos. A imagem abaixo, traz um apelo via rede social que convida os moradores a ouvirem pregações acerca de suas vidas sentimentais.

Foto 15<sup>48</sup> Flyer de Divulgação da Programação ADFEC



2014

---

<sup>48</sup> Imagem colhida do fanpage facebook da ADFEC.

Na imagem há uma amostra clara da heterogeneidade, não apenas teológica, mas em todos os aspectos, como menciona Alencar (2012). É por esse viés, que a ADFEC lê os moradores da favela. Para a Alex não importavam as questões teóricas das grandes AD's, o que interessava, era atender os membros.

Mesclada, separada, neopentecostalizada ou readaptada à realidade da periferia, a ADFEC é o protótipo de milhares de Assembleias de Deus que não são registradas nem na receita e muito menos por convenções. Mas que atuam as margens das sedes e dos grandes templos, à sua maneira, ideologia e teologia. Visando atender as demandas espirituais dos povos das periferias.

### **3.3 ADFEC – “Instituição” Mediadora e Pentecostalismo como “Saída”**

Verifiquei na pesquisa de campo que a ADFEC, cumpria um papel importante na resolução de conflitos na favela. Alex participava ativamente na “apaziguação” de conflitos internos aos arredores da comunidade. Não implica somente em dizer, que a igreja interferia nas questões espirituais dos fiéis, todavia, também, nas questões externas do “São Jorge”.

Na penúltima etapa da entrevista (16/03/2015), pergunto a Alex novamente, quem é o seu público e quem são os bandidos que frequentam sua igreja. Segundo o pastor,

O público geral da ADFEC são moradores, ex-criminosos, criminosos, funkeiros. Eles gostam de ficar perto de nós, a gente procura não julgar. Só para você ter uma informação quem tem gente que tá com a gente, porque a gente não julgou eles pela aparência. Eu procuro a motivação das pessoas virem pra igreja. Como a gente mora lá a 27 anos, é impossível a gente falar: eu não conheço quem é o traficante, é impossível a gente falar isso, porque a gente mora no meio deles e a gente sabe que muitos deles cresceram entre nós. Um segue o caminho bom outro segue o caminho mal. Então os bandidos, traficantes, que pessoas que as vezes que não tiveram oportunidades e por opção quiseram seguir esse caminho aí. Penso eu que quiseram o dinheiro de forma fácil. Mas, eles veem sim na igreja. (Entrevista realizada em 16/03/2015)

A liberdade de trabalho com bandidos e ex-bandidos, levou-me a outra pergunta. Como você definiria o relacionamento da ADFEC com a comunidade? É um relacionamento estreito? São dois extremos que se tocam?

Tem uma afinidade sim, porque o que mais tem na periferia é igreja evangélica, então eles têm um respeito enorme. Quando eu fazia parte de outros ministérios, eu tinha popularidade dentro da igreja só, com esse

trabalho no são Jorge, é só chegar lá que todos sabem quem é o pastor da sedinha. Seria bom que todos os pastores fizessem isso. (Entrevista realizada em 16/03/2015).

A observação que Alex faz sobre seu trabalho, é feita através de críticas contra outros pastores que não realizaram o que ele executou. Para o pastor, se envolver com criminosos, faz parte do processo de afinidade com a periferia. Aprofundo ainda a questão com a seguinte pergunta: qual situação você procura visitar e auxilia um membro da ADFEC?

Os membros em geral são divididos. Grupo 1 são aqueles que já são crentes e que vieram de outros ministérios, então com esses a gente tenta pegar um pouco mais pesado no caso do caráter, porque são batizados, tomam santa ceia. Grupo 2 são aqueles que ainda, não tem entendimento amplo, então esse grupo 2 deve-se mais atenção ainda, porque, é... as vezes eles se entristecem por coisas bobas, como eles estão na favela e estão aprendendo ainda, muitos deles não estão libertos. A gente sempre sabe de caso que alguns nos finais de semana estavam na igreja no baile funk, usando droga ou tá grávida. (Entrevista realizada em 16/03/2015)

A resposta de Alex, remonta a ideia de que ADFEC, não possui força regulatória. Não há regras definidas, ou regras bem definidas para regular a vida dos fiéis. A falta de regulação interna, permitiu que os bandidos, ex-bandidos e membros pensassem a religiosidade a partir de si mesmos.

Insisto em perguntar ao pastor: há uma preparação dos membros da ADFEC para receber os bandidos na ADFEC, e como eles seriam tratados? Alex informa que,

Geralmente quando algum desses aparece lá, as vezes o culto já está acontecendo. Como eles já conhecem a gente e a gente conhece eles, eles chegam sentam e ninguém dirige a palavra. A pessoa pode chegar de qualquer forma, senta lá e escuta a palavra, com eles a gente tolera mais. A questão do bandido a gente tolera um pouco mais, pra não assustar eles, expor um julgamento. Visita nos lares, orações, pegar no pé mesmo quando eles estiverem na rua, cultos nos lares, isso é o ponto principal. Se a gente ir pra casa deles e colocar o evangelho dentro da casa deles, eles vão se lembrar de nós. Inclusive o Fabio... a questão do Fabio foi realmente inspirada pelo Espírito. Ele tava ainda no mundo, ficava num bar, os amigos deles todos lá. Só que ele mesmo aceitando Jesus ele ainda ficava no bar. Aí eu ficava com ele das 9 às 17 conversando sobre Bíblia, tirava as dúvidas espirituais dele. (Entrevista realizada em 16/03/2015)

A constatação leva-nos a dizer que a ADFEC, através de seus discursos muda a proposta de vida de alguns envolvidos no crime e o faz repensar sua trajetória de vida, visando novos conceitos e valores. O discurso religioso de Alex, desafiava a comunidade dos bandidos a

tomarem suas decisões junto a igreja. A respeito, de se a conversão dos bandidos significava para eles uma nova vida, Alex responde:

Funciona assim mesmo, Fábio nunca foi exigido para tirar as roupas do mundo, e colocar terno e gravata, ele simplesmente abandonou as práticas. Isso foi suficiente, abandonou as velhas práticas, ele vem pra igreja e escuta a palavra que vai na sua consciência. Se ele tiver um chamado de Deus será melhor ainda. Ele tava tão abandonado que ele estava jurado de morte, por policiais. Segundo ele, ele foi numa Avenida X, nessa Avenida ai os policiais falaram perguntaram se ele estava na vida bandida ainda, ele falou não e que estava indo pra igreja, trabalhando... O policiais abandonaram ele. Querendo ou não a igreja ela tem um papel fundamental. (Entrevista realizada em 16/03/2015)

O papel estratégico de Alex, tinha a dimensão recuperativa, ao mesmo tempo que colaborativa com os bandidos. Me dirijo ao pastor e digo: “o livramento” de Fábio nesse caso, seria, um livramento divino? Para Alex,

Nesse caso pode ser que sim ou pode ser que não, porque querendo ou não, os próprios policiais sabem que eles vivem e convivem com bandidos, lá tem muitos convertidos também dentro da cadeia, então mesmo na cabeça do policial ele se tronando crente, ele não quer saber se ele se tornou crente, quer saber se ele abandonou as práticas. O Fabio começou a trabalhar, estudar, tava parado. Agora... lê livros... isso aí é maravilhoso. (Entrevista realizada 16/03/2015)

Como os bandidos dali veem a ADFEC desde então? Alex responde: “*O respeito tem aumentado, inclusive se tiver baixaria, drogado, bêbado, quando eu chego para tudo isso aí*” (16/03/2015). Então você media conflitos? “*Bom... não sei se eu chego no nível de apaziguador, mas apaziguo*” (16/03/2015).

A presença do pentecostalismo na favela, traduz muitas coisas, principalmente a perda da influência do tráfico em algumas regiões. Parece paradoxal ou mera coincidência, no entanto, o poder que os traficantes têm de vigilância, leis locais, dentre outras, são aos poucos enfraquecidas quando perdem seus empregados para as igrejas pentecostais.

Em relação a ADFEC, o traficante atuava na igreja e no tráfico sem nenhum problema. Assim, a igreja tinha o poder no espaço geográfico, o traficante o poder na favela e todos em “comum” acordo passavam a exercer suas atividades na região. Como descreve Teixeira (2006: 43), “*os crentes se colocariam numa situação de privilégio em relação a outros moradores do lugar*”.

Após as conversões, o que mais contava na favela era o testemunho e postura. O novo mundo se abriu para o bandido. Nova oportunidade, e aqui é preciso lembrar que alguns que se

regeneraram dentro da igreja, assumiam a nova vida e verbalizavam que a igreja era a única saída para não morrerem ou serem presos.

O “novo nascimento”, proporcionou aos indivíduos mudança radical, de maneira geral é o que ocorre nas igrejas de periferias. Alguns se casam, constituem família, se fixam em algum emprego e passam a regrar suas vidas a partir de um novo *éthos*.

Para Teixeira (2008: 102), “*o micro processo civilizador pode ser lido como a direção na qual corre este processo. Consiste na transformação de um sujeito de verdade*”. A transformação individual dos bandidos, pregada pela ADFEC, significa transformar o indivíduo num sujeito de verdade. A transformação, é a saída que possibilitava abrir espaço ao “chamado” do bandido ao ministério, seja qual for e viabilizá-lo na prática religiosa pentecostal. Ainda, retomando Teixeira (2008: 124),

Esta “saída” surge, assim, de uma interação entre a sujeição criminal, a cosmologia pentecostal e a narrativa da Batalha Espiritual. Em outras palavras, arrisco dizer que esta “saída” se baseia exatamente numa “leitura pentecostal” da sujeição criminal. O pentecostalismo absorve a lógica da sujeição criminal para elaborar sua “solução” e termina por produzir um outro tipo de sujeição: uma sujeição religiosa. Desta forma, “bandido” e “ex-bandido”, mais que simples rótulos, consistem em construções indenitárias bastante similares: dois tipos de sujeição.

Para o pastor a única igreja disposta a trabalhar com bandido na região foi a Assembleia de Deus Fortificada em Cristo. Em outra entrevista, que ocorreu no dia 17/03/2015, Alex expõe assuntos referentes a liturgia, “regulamento interno” da igreja e a questão da sua “vocação”. Comento se liturgia da ADFEC, era uma nova maneira reinterpretada das AD’s. “*Ela é completamente simples, se tiver oração e pregação séria o resto, os bandidos recebem. Na questão de louvores eu deixo eles louvarem da maneira que eles sabem*” (17/03/2015).

Insisto se ADFEC possui um regulamento interno ou não? “*A gente só não pega pesado com os novatos. Mas tem disciplina sim para os mais velhos.*”

Há possibilidade de um ex-bandido (a), exercer cargo na ADFEC? “*Não de imediato. Mas, se tiver capacitado e vocação pra isso.*” O trabalho da ADFEC é trabalhar com o “doente”, resgatar o “cara” da “lama”? *É, é trabalhar com essa pessoa. A igreja perdeu isso e a gente resgatou isso.*

Alex é um pastor diferente dos demais do Jardim São Jorge, porque pensa trazer consigo a mensagem “séria” para indivíduos errados, e os indivíduos errados injetam dinheiro para um trabalho que julgam “sério”, fortalecendo o conluio entre ambos.

### 3.4 O “Fim” da ADFEC e o “Paradeiro” de ALEX

Depois de alguns dias de visitas, anotações e conversas, o pastor anunciou sua saída da ADFEC e regresso a Assembleia de Deus Ministério do Belém, o que culminou no fechamento da ADFEC, a diáspora dos membros.

Segundo as informações de Alex, as “lutas” que se travaram não se restringiu apenas nas questões doutrinárias de Ricardo, mas por força maior, que foram verbalizadas por ele e redigidas nas considerações finais da pesquisa.

A igreja foi entregue a outro pastor, que se mudou para outro estabelecimento e com novos membros, ou seja, se filiaram a outra denominação. O fazer e refazer da ADFEC, é a prova cabal, de que sua flexibilidade diante das circunstâncias. Alex e agora atua como evangelista (pastor auxiliar e credenciado pela CGADB) de congregação.

Segundo Ricardo, ex-pastor auxiliar de Alex, em uma de nossas conversas no dia 08/05/2015, informou que a ADFEC passou a ser chamada de *Palavra e Vida*, e que estava “*correndo*”, atrás da Receita Federal para a oficialização da instituição nos termos da lei. Abaixo fiz questão de digitalizar<sup>49</sup> nossa conversa que se deu via rede social,

*Olá, o Alex te falou que estou pesquisando a igreja da sedinha né? É mais ele te disse que não está mais na sedinha? Sim. Então estou sozinho agora. É que vou precisar de mais algumas informações, como você é o novo dirigente, algum problema se marcar uma entrevista contigo? Não, mais estou com um salão agora perto da sedinha. Quando quiser aparece ou me chama no meu zap. Pode deixar. Na Realidade, o nome que ele me deu da igreja tempos atrás era ADFEC (Assembleia de Deus Fortificada em Cristo), Vai continuar com esse nome? Não, estou tirando o CNPJ o nome do ministério e palavra e vida. Ok, então no final da minha análise irei abordar que houve a transição de pastores e que o nome foi mudado e oficializado na Receita Federal. Ok? Sem problema. Quanto ao nome será? Palavra e Vida Assembleia. (Entrevista realizada em 08/05/2015)*

No “mundo” de Alex, é indiferente sair ou entrar em determinada denominação, no entanto, no contexto da favela e pela legitimidade que a ADFEC ganhou, o fechamento da igreja não se explica apenas por desentendimento entre líderes. Um dos motivos que defino como motivo-micro, foram as divergências referentes as questões “doutrinárias neopentecostais” de Ricardo, que não se alinhavam ao “tipo” pentecostalismo difuso-autônomo de Alex.

Quando perguntei a Alex (28/05/2015), sobre o real motivo (macro) de sua saída, a resposta, o pastor reiterou que,

---

<sup>49</sup> As falas em itálico são de Ricardo.

A saída foi motivada devido a dona do estabelecimento quer o lugar dela por direito, para fazer um centro de costuras etc; do centro comunitário, então resolvi seguir ao meu ministério, pois se continuasse com o Ricardo, teria separação de qualquer forma, pois o Ricardo é neopentecostal e gosta de ungir objetos. (Entrevista realizada em 28/05/2015)

A declaração não só, aponta de forma nítida a tensão entre os pastores, como descreve o ‘pedido’ de saída da sedinha. Para Alex, *“seu ministério não se resume em apenas um lugar, mas em seguir o ministério”* (28/05/2015).

A partir disso, a igreja se vestiu de uma nova roupagem “pentecostal/neopentecostal”, e passou a realizar seus cultos com mais frequências na semana. Procurei Ricardo, para entrevista-lo novamente, no entanto não houve sucesso, apenas me disse, que a igreja estava crescendo e prosperando no novo local. .

As mutabilidades, ressaltam que religião está em constante movimento, como ondas no processo do “vai e vem”. Hoje, os dois pastores mantem relação superficial, muitos bandidos deixaram de acompanhar Ricardo, os ex-bandidos, migraram para outras igrejas.

Foto 16<sup>50</sup> Igreja Ministério Palavra e Vida



2015

Situada a poucos metros da sedinha, o novo pastor continua o projeto com uma nova definição de igreja, doutrina e conceitos. O público já não é o mesmo, e as recomposições de novos crentes acontecem paulatinamente no dia a dia. Portanto, as separações trouxeram novas perspectivas tanto para um lado quanto para o outro.

---

<sup>50</sup> Foto cedida por Ricardo ex-pastor da ADFEC

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa objetivou compreender a relação entre bandidos, ex-bandidos e pentecostais no contexto da periferia urbana. Mais especificamente, no contexto da favela. Embora haja pesquisas sobre as relações entre militantes do crime organizado e os serviços recebidos por eles, em diversas igrejas pentecostais, a maior parte das pesquisas analisam as afinidades de grupos pentecostais com ex-bandidos. Ao mesmo tempo constata-se, que a maior parte desses trabalhos trata desse fenômeno na cidade de Rio de Janeiro. Sobre a cidade de São Paulo, há menos estudos. No campo das Ciências da Religião pouca atenção foi dada a esse fenômeno ainda.

Reconhecemos que na ADFEC, o processo de adesão de criminosos ao grupo religioso e adesão de Alex a criminalidade é singular. Nessa perspectiva, nosso estudo pode contribuir com as pesquisas que analisam as relações entre religião, periferia urbana e violência nos contextos da cidade de São Paulo.

Um dos aspectos singulares do caso estudado é a entrada de bandidos e ex-bandidos ao grupo religioso pentecostal, participando regularmente das atividades; isto é, entraram para formar parte da comunidade religiosa. Demonstrou-se nesta pesquisa que o fato está vinculado ao espaço físico utilizado pela ADFEC.

Não se tratava propriamente de um templo institucionalizado, uma vez que não estava vinculada a nenhuma denominação pentecostal e não tinha *CNPJ*. Se a ADFEC tivesse funcionado em um outro lugar, talvez, não teria essa característica marcante de atuar junto aos “marginalizados”. Por se localizar ali, no meio da favela e num espaço de múltiplas atividades seculares, conquistou tão rápido, reconhecimento por parte da comunidade em geral incluindo os bandidos.

O que colaborou para que a ADFEC se desfizesse, foi o fato de estar num espaço de atividades instáveis. Ademais, na periferia tudo é instável em todos os aspectos. Obviamente, que por optar por uma pauta que privilegiava bandidos e ex-bandidos, a igreja ganhou legitimidade da comunidade, de maneira que se não fosse na sedinha do “São Jorge” a congregação não conseguiria atender a demanda dos criminosos em outro local.

Nos dados coletados pelas entrevistas, ficou evidente que a tensão decorrente da igreja, estava em compartilhar um mesmo espaço com atividades não religiosas. Isso gerava ciência de certo caráter provisório. O próprio pastor já havia previsto que a sedinha era um espaço provisório e imprevisível.

Um das coisas que se instala na vida dos moradores da periferia, é a busca pela estabilidade. Como a favela por si só não oferece esse requisito básico à existência em comunidade, a realidade se torna uma imprevisibilidade constante. O grupo religioso empoderado, no contexto da favela carecia de um lugar próprio que lhe fornecesse segurança e garantisse continuidade.

Preponderantemente, a instabilidade na favela do Jardim São Jorge, acabou atingindo a ADFEC, que somada a instabilidade do modelo pastoral carismático analisado e estudado segundo as propostas de Weber (2004), sofreria rupturas. Weber, não aponta para a permanência eterna do “*carismatismo*” do líder local. Todavia, se restringe em nos informar que o carisma é legitimado pelos liderados, porém, no caso de Alex por não ser institucionalizado, o carisma passa a ser instável em todos os sentidos.

O espaço da sedinha, secular, definiu e colaborou para que a imagem do local cooperasse para interação entre os agentes. Com o espaço do “São Jorge” (católico), somado ao Centro Comunitário (comunidade) e atrelado a ADFEC (igreja), a “sedinha” passou a ser uma sede que tecia redes interativas, num espaço que sempre foi disputado. A ADFEC ganhava a disputa pela legitimidade que tinha perante as lideranças da favela. Mas, esse vínculo com os chefes-bandidos que frequentavam os cultos da ADFEC se fragilizou de forma e por razões inesperadas, de maneira que a ADFEC teve de desocupar o local, para que a “dona” da sede novamente reabrisse-a como “oficina de costura”.

A “dona” da sede nunca questionou as atividades da ADFEC no lugar, porque a igreja contava com o consentimento e o respeito de um dos mais influentes chefes do tráfico da favela. Desconhecemos as razões pelas quais o mesmo mudou de residência, e constatamos que a ausência repentina do mesmo enfraqueceu a legitimidade do grupo religioso.

Em relação a “vida bandida” no Jardim São Jorge é evidente que os agentes do crime são pessoas de vida difícil na comunidade, mas que com o passar do tempo ao se envolverem na criminalidade construíram para si uma rede de significados que delinearam suas trajetórias, como tais. No São Jorge ser bandido é estar envolvido com o tráfico de drogas, em constantes acertos e desacertos, encontros e desencontros com policiais da região.

Se um bandido se converter, sua imagem na comunidade muda, como alguém que triunfou sobre a morte e agora é visto como alguém que está se “adiantando”, termo comum para quem quer melhorar de vida na periferia. Ao mesmo tempo o ex-bandido também tem acesso aos criminosos para expor sua mensagem “salvífica”, não precisa de licença, simplesmente atua como um profeta na sociedade do crime. Assim, suas relações com os

bandidos nunca se encerram, funcionam como sistemas abertos. Isso lhe confere uma esperança para salvar os demais envolvidos. Nesse sentido, único, a conexão de bandidos e ex-bandidos, pentecostalismo e criminosos se entrelaçam de maneira clara e visível no dia-a-dia da favela.

Entre o passado e o presente, bandidos e ex-bandidos se tencionam numa relação de interatividade. Isso traduz uma forma nova de experiências complexas que culminam na abertura das cortinas dos palcos das sociedades que escondem de fundo a relações públicas das periferias onde o poder do Estado está, em regra geral, ausente.

O pentecostalismo de alguma forma, corrobora para a transição e mudança de vidas dos agentes do crime e lhes confere paz, a paz que o “mundo” do crime não lhes dá. Outro aspecto importante que deve ser ressaltado na relação ADFEC – Crime, é que em nenhum momento ouvi nas pregações de Alex, que seus membros deveriam abandonar esse mundo para entrarem na igreja. No entanto, havia em seus discursos um desejo ardente de transformá-los.

A cosmovisão, agora, aliada a transcendentalidade, religiosidade, de matriz pentecostal concedeu aos membros reconhecimento e real legitimidade frente aos moradores do Jardim São Jorge. Houve uma exposição eficaz da ADFEC e de seus trabalhos no lugar. Embora a aproximação entre criminosos e pentecostais, seja perceptível, não se pode descartar que a ADFEC foi no seu tempo uma igreja, periférica, missional e estratégica que respondeu as necessidades de seu público.

ADFEF automaticamente teve de enfrentar o preconceito por outras igrejas que a rechaçaram por ter uma pauta que favorecia ou procurava trabalhar com os criminosos. Com essa nova proposta, as demais igrejas se mantinham fechadas para o diálogo junto a Alex para desenvolverem um trabalho social e local em conjunto.

Em nossas últimas conversas, diria, informais, perguntei ao Alex: se o chefe do tráfico não tivesse ido morar em outra periferia, talvez, estivesse ainda no espaço da sedinha? Segundo ele, se “ *o chefe tá no SJ, no caso se ele quisesse sim, pois eu ia alcançar (ajudar) ele até o fim, mas ia ligar o ponto de pregação em outro ministério com o ponto no lugar, mas ele não tinha mudado. Mas agora ele só vem aqui a negócio.*” (22/06/2015)

Nesse sentido, uma vez que o chefe do tráfico estivesse fora da favela, a igreja perderia o vínculo com a suposta dona do local. O chefe seria a única intervenção, base para a continuidade da ADFEC. Devido a sua saída, a ruptura foi inevitável. Dado os fatos expostos pelo pastor, o que se compreende nesse círculo é uma rivalidade nas relações de poder. Sem o poder do representante do tráfico os membros tiveram de enfrentar a “diáspora”. Insisti na questão com Alex, ao questionar mais uma vez: caso o chefe fizesse frente e resistisse o pedido

de saída, o que aconteceria? A resposta foi: *Quem é maluco de bater de frente?* É evidente que no contexto do mundo do crime as hierarquias estão claramente definidas.

Para o pastor a ruptura da ADFEC vai além das desavenças doutrinárias que teve com seu auxiliar Ricardo. Suas queixas se dão pelo motivo da responsável pela sede ser madrinha do chefe. Para Alex, *“a fulana é madrinha dele de macumba. Ela que levantou o nome do Mc “beltrano” na macumba e a mesma, que faz trabalho para o chefe, ela faz pra ele ficar famoso na favela, ser respeitado etc. E acontece! Por isso pra ele tanto fez tanto faz, o que vale pra ele é o “ego”. Mas ele é humilde, aquele ele dia eu te apresentei ele, ele falou com super educação.”* (22/06/2015)

A declaração de Alex não nos deixa dúvida quanto a influência do crime na região, todavia, como pastor tinha suas limitações em relação ao poder dos bandidos. O nome da ADFEC num espaço curto de tempo, galgou notoriedade, isso de certa forma abafou o nome da representante da “sedinha”, tanto é que Alex descreve, *“ela quem manda, porque existe um poder, ela não queria que o nome do grupo religioso (?) aparecesse, então, ela inventou, e pediu o espaço. Aliás, cara! Não é o nome aparecer mais, é o dinheiro entrar mais pra ela. Da nossa parte não ia nada pra ela, mas com as costuras agora entra. Era financeira a questão!”* (22/06/2015).

Sua fragilidade institucional decorre de seu forte envolvimento com a realidade da favela e, sua existência a margem das regulações das grandes instituições e sem o respaldo de outros movimentos pentecostais da região. Ademais, por estar inserida no contexto imprevisível da favela ficava exposta às tensões extra religiosas entre os líderes do crime.

A Assembleia de Deus Fortificada em Cristo de algum modo contribuiu para compreendermos o quanto o pentecostalismo pode ser plural nas suas construções e complexidades que “nascem” nessas últimas décadas. Assim, as múltiplas possibilidades que a pós-modernidade oferece, influenciam nas transformações dos sujeitos que optam pelas práticas de algumas igrejas. A ADFEC favoreceu alternativas conforme as demandas particulares dos moradores do Jardim São Jorge.

Portanto, qualquer previsão sobre o tempo em que duraria a ADFEC, cai por terra, posto que da mesma maneira que iniciou efervescente na periferia a igreja se desfaz e desaparece. A religiosidade exercida da ADFEC mostra que o pentecostalismo tem a capacidade de se adequar e de se refazer em pleno contexto de periferia, da insegurança, instabilidade cotidiana e ausência do poder público.

Para encerrar esta dissertação vale lembrar que esta pesquisa começou tentando estudar a diversidade pentecostal no Jardim São Jorge. Nas primeiras incursões de campo nos deparamos com o caso singular da ADFEC pelas suas relações não apenas com ex-bandidos, mas, também com bandidos; praticantes ativos do mundo do crime que buscavam assistência espiritual na ADFEC e lá encontravam receptividade. Optamos então por direcionar nossa pesquisa ao estudo específico desse caso, entusiasmados pela proximidade entre pentecostalismo e crime, e sem imaginar o desfecho que teria.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ronaldo e D'ANDREA, Tiarajú. Pobreza e Redes Sociais em uma Favela Paulistana. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, nº 68. p. 94-106, março de 2004.
- ANTONIO. C. R. Silva Junior. Ressocialização de presos a partir da religião: conversão moral e pluralismo na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC). PLURA, Revista de Estudos de Religião, ISSN 2179-0019, vol. 4, nº 2, p. 71-98, 2003.
- ALENCAR. Gedeon. *Assembleia Brasileiras de Deus – Teorização, História e Tipologia – 1911 – 2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) São Paulo: PUC, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 1987
- \_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 8. ed. Campinas, São Paulo: Ed. Papyrus, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz (Português de Portugal) – 7ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.
- BIRMAN, P.; LEITE, M. (Org.). *Um mural para a dor*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- CUNHA, Christina Vital. “Traficantes evangélicos”: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.15, 2008, p.23-46.
- CÔRTEZ, Mariana M. P. O bandido que virou pregador: A conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. São Paulo Aderaldo & Rothschild, Anpocs (2007).
- DIAS. Camila Caldeira Nunes. *Da Pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando Capital (PCC) no sistema carcerário paulista*. 2011. 386 f. Tese (Doutorado em Sociologia) São Paulo: USP, 2013.
- FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. São Paulo Ed. Forense Universitária, 2003
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- HOBBSBAWM, Eric. *Rebeldes primitivos: Estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- JACOB, Cesar Romero et al. (2006) *Religião e sociedade em capitais brasileiras*. Rio de Janeiro: PUC/Loyola/ CNBB.
- LOBO, Edileuza Santana. Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. *Revista Comunicações do ISER*, n. 61. Religiões e Prisões. 2005, p. 22-29.

- MEIHY, José Carlos Sebe B. *Guia prático de história oral; para empresas, universidades, comunidades, famílias* / José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro (orgs). São Paulo: Contexto, 2011.
- MARQUES. Vagner Aparecido. *O irmão que virou irmão: rupturas e permanências de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste – São Paulo*. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) São Paulo: PUC, 2013.
- MAFRA, Clara. O problema da formação do “cinturão pentecostal” em uma metrópole da América do Sul. In: *Interseções [Rio de Janeiro]* v. 13 n. 1, p. 136-152, jun. 2011.
- MESQUITA, Wania; RIBEIRO, Marcos. Modernização, favela e pentecostalismo: uma perspectiva a partir do interior do Estado do Rio de Janeiro. In: RIVEIRA, Dario Paulo Barrera (Org.). *Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro - Estudos de sociologia e antropologia urbanas*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2012. v. 1.p. 105 - 125.
- MESQUITA, Wania. Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro – A batalha espiritual na ordem violenta na periferia de Campos de Goycatazes. *Estudos de Religião*, v. 23, n. 37, p. 89-100, jul./dez. 2009.
- MACHADO. B. Carly. Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 153-180, jul./dez. 2014.
- MARIANO, Ricardo. 1999. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. “A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu”. In: TEIXEIRA, Faustino. (Org.) *Sociologia da Religião no Brasil*. Petrópolis Vozes, p. 107, 2003.
- RIVEIRA, Dario Paulo Barrera. Religião e desigualdades sociais no Município de São Bernardo do Campo: um estudo comparativo de grupo evangélicos em dois bairros de condição sociais e econômicas opostas. In: RIVEIRA, Dario Paulo Barrera (Org.). *Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro - Estudos de sociologia e antropologia urbanas*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2012. v. 1.p. 17 - 63.
- SANTOS, M. *Ensaios sobre a urbanização latino-americana*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANCHIS, Pierre. “O campo religioso contemporâneo no Brasil”. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis/Porto Alegre: Vozes/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 103-115, 1997.
- SCHELIGA, Eva Lenita. (2005), "Trajetórias religiosas, experiências prisionais: a conversão religiosa numa instituição penal". *Comunicações do ISER*, v. 61: p. 75-85.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. *Pentecostalismo em contextos de violência. Reflexões sobre a religiosidade popular*. SP. 2006. 58 f. Monografia (Monografia em Ciências Sociais) Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

\_\_\_\_\_. *A construção social do “ex-bandido” – Um estudo sobre a sujeição criminal e pentecostalismo*. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. *A teia do bandido – um estudo sociológico sobre bandidos, policiais, evangélicos e agentes sociais*. 2013. 280 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2013.

TIMMER, Patrick. “Periferia urbana, religião e violência” - Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 07.

ZALUAR, A. “O crime e a não-cidadania: os males do Brasil”. In: BIRMAN, P.; NOVAES, R.; CRESPO, S. et al. (Orgs.) *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1997.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: EdUnB, 1991. Capítulo II: Categorias sociológicas fundamentais e da gestão econômica.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. téc. Gabriel Cohn. 4ª ed. 3ª reimpressão. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, 2012.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## **SITES CONSULTADOS**

[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade\\_ademar/](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_ademar/)

[http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais\\_resultados.pdf](http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais_resultados.pdf)

## **6. REFERÊNCIAS MUSICAIS**

Vida Bandida, Rappin Hood, *Sujeito Homem*. Trama Gravadora, 2001.

A Minha Voz Está no Ar, Fação Central, Álbum de Estúdio, 1999.

Oitavo Anjo, 509E, Álbum de Estúdio, 2000.

Bala de AK, Mc (X), Produção Independente, 2009.

## **7. APÊNDICE**

### **TRANSCRIÇÕES DAS PERGUNTAS REALIZADAS NAS ENTREVISTAS DE CAMPO**

#### **ENTREVISTA (ÚNICA) – DONA ROSA (21/01/2015)**

EN. Dona Rosa, a senhora mora aqui por muito tempo, poderia descrever como era antes?

EN. Sempre houve a presença de bandidos?

EN. Sabe dizer se sempre houveram igrejas e lugares religiosos aqui na região?

EN. Depois da presença das igrejas mudou a vida dos moradores de alguma forma?

#### **ENTREVISTA PARTE 1 - PASTOR ALEX (15/01/2015)**

EN. Os criminosos de alguma maneira são deveras envolvidos?

#### **ENTREVISTA PARTE 2 - PASTOR ALEX (16/01/2015)**

EN. Como um pastor conseguia agregar criminosos no culto?

#### **ENTREVISTA PARTE 3 - PASTOR ALEX (19/01/2015)**

EN. Conversando com um membro de sua igreja, um ex-bandido, o mesmo chegou a dizer que alguns recursos como instrumentos dentre outros foram doações de criminosos. Isso procede?

#### **ENTREVISTA PARTE 4 - PASTOR ALEX (21/01/2015)**

EN. Quem é o seu público?

#### **ENTREVISTA PARTE 5 - PASTOR ALEX (03/03/2015)**

EN. Sua participação como pastor foi fundamental para fundamental a ADFEC, mas numa entrevista com um membro de sua igreja, hoje ex-bandido, chegou a dizer-me que alguns objetos da igreja foram “doações” de pessoas que são envolvidas no crime. O senhor confirma isso?

#### **ENTREVISTA PARTE 6 - PARTOR ALEX (06/03/2015)**

EN. Alex, você sempre teve familiares crentes, sempre morou no Jd. São Jorge?

#### **ENTREVISTA PARTE 7 - PARTOR ALEX (09/03/2015)**

EN. Porque escolher o nome de Assembleia de Deus fortificado em Cristo?

EN. Quanto aos recursos e objetos que estão na ADFEC são advindos de criminosos?

#### **ENTREVISTA PARTE 8 – PASTOR ALEX (13/03/2015)**

EN. Seus cultos mais se distanciam das AD's do que se aproxima? Procede?

#### **ENTREVISTA PARTE 9 – PASTOR ALEX (16/03/2015)**

EN. Quem é o público da ADFEC?

EN. Quem são os bandidos da que frequentam a ADFEC?

EN. Em qual situação você procura visitar e auxilia um membro da ADFEC?

EN. Quando algum criminoso entra na ADFEC como você o trata?

EN. Há um oferecimento de aconselhamento pastoral? Há um acompanhamento?

EN. Então a ADFEC ressocializa o indivíduo?

EN. Seria um livramento divino?

EN. Como os bandidos dali veem a ADFEC?

EN. Então você media conflitos?

#### **ENTREVISTA PARTE 10 – PASTOR ALEX (17/03/2015)**

EN. A liturgia da ADFEC é diferenciada. É uma nova maneira?

EN. Hoje a ADFEC possui um regulamento interno ou não.

EN. Um ex-bandido (a), pode exercer cargo na ADFEC?

EN. O trabalho da ADFEC é trabalhar com o “doente”, resgatar o “cara” da “lama”?

#### **ENTREVISTA PARTE 11 – PASTOR ALEX (28/04/2015)**

EN. Havia mais objetos que foram doações dos criminosos?

#### **ENTREVISTA PARTE 12 – PASTOR ALEX (05/05/2015)**

EN. O Fábio me disse que talvez a igreja teria outro nome e se ligaria a outro ministério. Isso procede?

#### **ENTREVISTA PARTE 13 – PASTOR ALEX (06/05/2015)**

EN. Pelo que me parece que você como pastor da igreja exerce algum poder sobre a congregação e também na comunidade. Confirma isso?

EN. Você sempre recebe chamadas para atender os moradores, como administra isso?

**ENTREVISTA PARTE 14 – PASTOR ALEX (07/05/2015)**

EN. Como você ajuda seu “povo”?

**ENTREVISTA PARTE 15 – PASTOR ALEX (28/05/2015)**

EN. Qual o real motivo de sua saída da ADFEC?

**ENTREVISTA PARTE 1 – FÁBIO (20/02/2015)**

EN. Quem é o Fábio?

EN. Quem é o Fábio no passado? Você se considerou uma pessoa envolvida com o crime?

Você se envolveu muito com a vida bandida?

EN. Fábio, você sempre teve uma relação entre a vida banida e a igreja?

EN. Quanto tempo você ficou envolvido no crime?

EN. Mas, você se considera um bandido no passado?

EN. Mas na realidade eram várias favelas que estavam envolvidas numa mesma fonte?

EN. Você mesmo no tráfico chegou a frequentar igreja?

EN. Você mesmo no tráfico chegou a frequentar igreja?

EN. Perante a comunidade da favela, há um respeito dos moradores em relação aos bandidos? Há uma tolerância, ou as pessoas são coagidas a tolerar os banidos?

EN. Existe uma distinção comando e PCC, ou são as mesmas coisas?

EN. E como você era visto na favela?

EN. Você era uma “espécie” de gerente dos caras.

EN. Eram constantes essas disciplinas?

EN. Já ocorreu de estar em plena atividade do tráfico e cair na dependência dos moradores, quando a proteção contra a polícia?

EN. A comunidade aceita a criminalidade com tranquilidade?

EN. Hoje você está melhor e recuperado de algum modo?

**ENTREVISTA PARTE 2 – FÁBIO (21/02/2015)**

EN. Como se deu o processo dos envolvimento dos bandidos com a fundação da ADFEC?

EN. Quais são as reuniões mais visitadas?

EN. E os bandidos toleravam os convertidos?

EN. O chefe é quem comanda tudo?

**ENTREVISTA PARTE 3 – FÁBIO (23/02/2015)**

EN. Fábio, como os bandidos e/ou traficantes veem as igrejas na favela? Há um relacionamento tranquilo? Ajuda a favela ter uma certa tranquilidade? Como eles veem o papel da igreja em si?

EN. Mas, nesse caso a igreja não passa a ser uma “espécie” de blindagem para criminosos?

EN. Quando você ia a igreja antes de se converter, você ofertava?

EN. É uma certa lavagem de dinheiro?

**ENTREVISTA PARTE 4 – FÁBIO (24/02/2015)**

EN. Os bandidos ainda frequentam o terreiro da mãe de santo?

**ENTREVISTA PARTE 5 – FÁBIO (25/02/2015)**

EN. A maioria dos bandidos que andaram com você eram filhos de crentes?

EN. E a igreja (ADFEC) aceita isso com “bons olhos”?

**ENTREVISTA PARTE 6 – FÁBIO (26/02/2015)**

EN. Enquanto a sociedade, o que pensa na favela?

**ENTREVISTA PARTE 7 – FÁBIO (27/02/2015)**

EN. Fábio a igreja excluí?

EN. Como a sociedade te vê, saberia me dizer como o bandido é visto, ou seja, como a sociedade define o bandido?

EN. A igreja recupera esses o pessoal do crime?

**ENTREVISTA PARTE 8 – FÁBIO (02/03/2015)**

EN. Qual a imagem que o bandido tem de Deus?

EN. Sua mãe era de uma igreja pentecostal?

EN. Quando frequentava a ADFEC o que pensava?

EN. E porque escolher a ADFEC?

EN. Essa igreja foi fundada por bandidos e “onde” entra Alex nessa história?

EN. Somente você, me refiro aos que eram envolvidos com o crime que ajudaram na “construção” da ADFEC?

EN. A igreja ressocializou você lhe deu uma nova imagem perante Deus e a sociedade?

**ENTREVISTA PARTE 9 – FÁBIO (03/03/2015)**

**EN.** Hoje você se considera um ex-bandido?

**EN.** No dia a dia você percebeu que a ADFEC lhe ajudou de alguma forma, digo, se comportar melhor? As pessoas percebem essas mudanças na favela?

**EN.** Chegou a usar drogas?

**EN.** Quais são suas atividades hoje?

**EN.** Pensa em sair da favela um dia?

#### **ENTREVISTA PARTE 10 – FÁBIO (10/03/2015)**

**EN.** Como você resolve as crises do seu povo?

#### **ENTREVISTA (ÚNICA) – RICARDO (10/06/2015)**

**EN.** Olá, o Alex te falou que estou pesquisando a igreja da sedinha né?

**EN.** É que vou precisar de mais algumas informações, como você é o novo dirigente, algum problema se marcar uma entrevista contigo?

**EN.** Pode deixar. Na Realidade, o nome que ele me deu da igreja tempos atrás era ADFEC (Assembleia de Deus Fortificada em Cristo), Vai continuar com esse nome?

**EN.** Ok, então no final da minha análise irei abordar que houve a transição de pastores e que o nome foi mudado e oficializado na Receita Federal. Ok?

## 8. ANEXOS

### 8.1 ANEXO A

#### Email Resposta do Sistema SIC

16/06/2015

Gmail - e-SIC - Resposta do Recurso de 2ª instância



Lucas Medrado <letrasestacio@gmail.com>

---

#### e-SIC - Resposta do Recurso de 2ª instância

---

nao-resposta@e-sic.prefeitura.sp.gov.br <nao-resposta@e-sic.prefeitura.sp.gov.br> 8 de junho de 2015 17:02 Para: letrasestacio@gmail.com



**Acesso à  
Informação**

## Sistema e-SIC

Prezado(a) Senhor(a),

O recurso de 2ª instância detalhado abaixo foi respondido na data 08/06/2015.

Protocolo: 11627

Requerente: Lucas Braga Medrado da Silva

Data de abertura: 02/05/2015

Data de abertura do recurso de 2ª instância: 27/05/2015

Prazo de atendimento: 14/06/2015

Órgão da solicitação: SPAD - Subprefeitura Cidade Ademar

Solicitação do requerente: Recurso de Ofício – 2. Instância - automático

Resposta: Prezado Sr. Lucas. Em atenção à vossa solicitação, informamos que, em que pese a

Subprefeitura Cidade Ademar não possuir em seus cadastros os dados pretendidos, entrou em contato com SEHAB - Secretaria Municipal de Habitação, DEAR-SUL, através da Divisão Técnica Regional Sul, que nos informou que, embora não exista cadastramento do local, em pesquisa pelo sistema HABISP, a estimativa é a existência de aproximadamente 500 famílias na Favela Jardim São Jorge, sendo em média 03 a 04 pessoas por família. Att. Cícero Farias

Para obter detalhes do pedido de informação registrado, acesse o e-SIC pelo link <http://esic.prefeitura.sp.gov.br> e clique na opção do menu do sistema “Consultar

Pedido“. Atenciosamente,



## 8.2 ANEXO B

### Letra da música *A Minha Voz Está no Ar* (Facção Central)

A boca só se cala quando o tiro acerta,  
eu sou o sangue e o difunto no chão da favela,  
a oração da tia sem comida,  
o mendigo com a perna cheia de ferida,  
eu rimo o ladrão que mata o playboy  
o viciado que toma tiro do gambé do GOE  
o detento que corta o pescoço do refém,  
o alcóotra no bar bebendo 51 também,  
canto a historia do traficante do ladrão no banco bebendo seu sangue,  
do muleque com a testa no muro da febem,  
do nordestino tomando sopa na cetem,  
canto o corpo que bóia decomposto no rio,  
a doze que entra na mansão a mil,  
"cadê o dinheiro tio? não tem? então "bum" vai pra puta que o pariu!"  
o meu assunto é favela farinha detenção  
sou locutor do inferno até a morte facção  
é uma gota de sangue em cada depoimento infelizmente é rap violento  
Eduardo, Dum-Dum, Érick 12 lamento versos sangrentos  
Pode ligar, pode ameaçar enquanto a tampa caixão não fechar minha voz tá no ar!

#### Refrão

A boca só se cala quando o tiro acerta tá-tá! bum , quando o tiro acerta (4X)  
Falo do mano com a PT carregada,  
que por porra te mata,  
da criança vendendo seu corpo por nada,  
da família que come farinha com água,  
ou o humilde brasileiro aqui da periferia,  
que usa tênis da barraca e camisa da galeria,  
canta pro moleque com fome sem conforto  
não roubar seu rolex  
não cortar seu pescoço  
da os dólares senão vai pro inferno  
é isso que eu tento evitar com meu verso  
que defende quem não pode se defender  
que ta do lado de quem assalta pro filho comer  
não aceno bandeira não colo adesivo  
não tenho partido odeio político  
a única campanha que eu faço é pelo ensino  
é pro meu povo se manter vivo  
não enquadrar o boy de carro importado  
abaixar o revolver procurar um trabalho  
é uma gota de sangue em cada depoimento  
infelizmente é rap violento  
Eduardo dum dum erick 12 lamento

versos sangrentos  
pode ligar pode ameaçar  
enquanto a tampa do caixão não fechar  
minha voz tá no ar  
4x a boca só se cala quando o tiro acerta-ta  
quando o tiro acerta  
não canto pra maluco rebolar  
meu som é pra pensar pra ladrão raciocinar  
não to na tv nem no rádio  
não faço rap pra cuzão balançar o rabo  
quero minha voz dando luz pro presidiário  
denunciando a podridão do sistema carcerário  
tirando a molecada da farinha  
não quero seu filho na mesa do legista  
eu to do lado da criança com fome desnutrida  
que dá bote na burguesa e corre na avenida  
eu sou igual qualquer ladrão  
qualquer assassino  
um revólver um motivo é só o que eu preciso  
pra roubar seu filho meter um latrocínio  
quem viu a mãe pedindo esmola tem sangue no raciocínio  
meu ódio meu verso combinação perfeita  
revolta do meu povo é o veneno da letra  
menos violenta que um prato com migalhas  
ou o ladrão te cortando com a navalha  
eu canto o cortejo o carro funerário  
o pai de família sonhando com um salário  
é uma gota de sangue em cada depoimento  
infelizmente é rap violento  
Eduardo dundum erick 12 lamento  
versos sangrentos  
pode ligar pode ameaçar  
enquanto a tampa do caixão não fechar  
minha voz tá no ar  
4x a boca só se cala quando o tiro acerta-ta  
quando o tiro acerta.

### 8.3 ANEXO C

Letra da música *Bala de AK* (Mc X)

Sem luta não há conquista  
Pra quem não me conhece tartaruga sou eu  
E quem foi do contra já se fudeu  
Pra quem não me conhece tartaruga sou eu  
E quem foi Do contra já se fudeu  
Tá ligaaaaado...  
A minha mente vai a mil eu começo a  
Viajar o são jorge é muita treta  
Você pode acreditar  
Os inimigo tá querendo a quebrada invadir  
Mais a escopeta esta no pente  
Preparada pra cuspir  
Para colar são jorge tem que ser considerado  
Mais se pisar na bola tu vai virar finado  
E é o certo pelo certo é que vai prevalecer escutei um  
Barulhão  
Foi uma rajada de p.t  
Engatilhei a pisto hoje pronto para metralhar a guerra  
Começou  
Ponha a chapa pra esquentar  
Eu vou subir pra lage junto com meus aliados e vou  
Mandar esses politicos para a puta que pariu  
A guerra começou e não tem hora pra acabar  
Acionaram o globo cope para poder nos filmar  
Esses mosquitos de ferro nós vamos derrubar  
É só bala de traçante que sobe pelo ar  
É atata...trá! é só bala de ak  
Se cair no labirinto nós vamos te fuzilar  
Depois de muito tempo, a poeira abaixo,  
Vamo se muquia que o reforço já chegou  
E muito sangue derramado jorrado pelo chão  
Foi daquele sem vergonha  
Que estava no camburão  
Um atibomba esta da pista  
Mas so encontro um estirado  
Foi daquela viatura  
Que subio para o espaço.  
E atravessa nosso caminho, ou pisa  
No nosso calo, pode ter  
Certeza vai pra casa do karalho  
Chuta que é macumba, e pisa que é barata  
E se bate de frente é melhor esta preparado  
Porque a dinamite esta pronta pra explodir  
Pode ter certeza é terrorista até o fim  
(2x) é atata...trá! é só bala de ak  
Se cair no labirinto nós vamo te fuzilar.

A minha mente vai a mil eu começo a  
Viajar o São Jorge é muita treta  
Você pode acreditar  
Os inimigos tá querendo a quebrada invadir  
Mais a escopeta esta no pente  
Preparada pra cuspir  
Para colar são jorge tem que ser considerado  
Mais se pisar na bola tu vai vira finado  
E é o certo pelo certo é que vai prevalecer escutei um  
Barulhão  
Foi uma rajada de p.t  
Engatilhei a pisto hoje pronto para metralhar a  
Guerra  
Começou  
Ponha a chapa pra esquentar  
Eu vou subir pra lage junto com meus aliado e vou  
Mandar esses politicos para a puta que pariu  
A guerra começou e não tem hora pra acabar  
Acionaram o globo cope para poder nos filmar  
Esses mosquitos de ferro nós vamos derrubar  
É só bala de traçante que sobe pelo ar  
(2x)é atata...trá! é só bala de ak  
Se cair no labirinto nós vamos te fuzilar.  
Depois de muito tempo, a poeira abaixo  
Vamos se muquia que o reforço já chegou.  
E muito sangue derramado jorrado pelo chão!  
Foi daqueles bota preta que estava no camburão  
Um atibomba esta na pista mas só encontro um  
Estirado  
Foi daquela viatura  
Que subiu para o espaço.  
E atravessa nosso caminho, ou pisa  
No nosso calo, pode ter  
Certeza vai pra casa do caralho  
Chuta que é macumba, e pisa que é barata  
E se bate de frente é melhor esta preparado  
Porque a dinamite esta pronto pra explodir  
Pode ter certeza é terrorista até o fim  
(2x) é atata... trá! é só bala de ak  
Se cair no labirinto nós vamos te fuzilaaaaa.

## 8.4 ANEXO D

Letra da música *Vida bandida* (Rappin Hood)

Vida bandida sofrida  
Casca de ferida  
Na hora do flagrante tremenda batida  
Sujo geral, geral  
Foi foda meu irmão  
Me desculpe se falo palavrão  
Ai jã, é só o que vem a cabeça nessa situação  
Planejamos a fita há muito mais que um mês  
Tinha até um mapa não sei o que aconteceu  
O mano mais chegado  
Aquele dia morreu  
Tudo estava certo ao chegarmos no local  
Não havia sujeira estava tudo normal  
Enquadramos o guarda na maior cara de pau  
Invadimos a goma até então alto astral  
Não fizemos barulho  
Fumamo até um bagulho  
Tiramo as jóia do cofre  
Batemo aquela larica  
Pra quem desacredita  
Foi quando tudo aconteceu  
Barulho no portão  
Revolver na mão  
Coração a mil  
Escureceu e ninguém viu (sumiu)  
Tiro pra todo lado  
Foi quando o mano caiu  
Tivemo que se entrega pode acreditar (pode acreditar)  
Tu sabe como é, quem esteve lá  
Procuo não acho emprego com filho para criar  
Na base do desespero  
Quero vê cara se o crime compensa, compensa ou não  
Ai gente boa  
Vida bandida culpa da situação

É mais um mano  
Trampando na biqueira da quebrada (que parada)  
Na esquina o movimento a bocada (vai vendo)  
Com 16 já assinou um b.o (ó)  
Comerciante da pedra e do pó (ó)  
23 anos no peito um crucifixo  
E traficar agora é o seu novo serviço (por quê?)  
Com o patrão já firmo um compromisso  
800 reais por mês é o seu vício (pára com isso)  
Quem ganha isso é difícil hoje em dia  
Ainda mais por aqui

Zona sul periferia  
A freguesia vai de vento em polpa  
Nóia não tem dinheiro  
Empenhora até a roupa (que tem)  
Que vida loka, Deus me livre guarde  
Pois não é minha cara embarcar nessa viagem (não eu  
não)  
Infelizmente o crime não é creme  
E ele segue esperto de olho na p.m  
E embaçado um dia a casa cai  
E não será seu filho, mais um órfão de pai  
Peço a deus para me guardar  
E meu caminho sempre iluminar  
Pois não queria ser analfabeto  
Queria ter estudo, colegial completo  
Queria tem emprego  
Uma ocupação (por que não?)  
Vida bandida culpa da situação

Conversas como essa eu escuto todo dia (ave maria)  
Vice vida da periferia  
Os mano com talento desperdiçando tempo  
Uns comem caviar e outros dormem ao relento (no  
relento)  
Esse é o brasil  
Putá que o pariu  
Moleque de 12 anos carregando um fuzil (na mão)  
Me da tristeza ó, como eu lamento  
Se paga uma propina continua o movimento  
Isso já faz tempo  
E todo mundo sabe  
Seja na favela, seja na coabe  
Esse é meu salve pra toda a molecada  
Que está no crime achando que não pega nada não  
Escuta o que eu digo pois eu sou seu amigo  
Prevenindo antes do perigo  
Pois se você cair  
Difícil levantar

Passará o resto de sua vida feito um peixe na rede  
Atrás das grades entre quatro paredes  
Então comece a confiar na força da honestidade  
Trabalhe irmão, essa é a melhor faculdade  
Estude pra um futuro melhor sim  
Tenho certeza não  
Irá se arrepender  
Pois o problema é a renda e a má distribuição  
Vida bandida culpa da situação